



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO-IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL- PPGEA



FLAVIANA CUSTÓDIO SILVINO

**SE FAZ
SENTIR, FAZ
SENTIDO:**

narrativas de
uma Educação
Física Estético
-Ambiental.

**RIO GRANDE
2022**

FLAVIANA CUSTÓDIO SILVINO

Se faz sentir, faz sentido: narrativas de uma Educação Física Estético-Ambiental

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, pelo Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Linha de Pesquisa: Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores (as) (EAEFE).

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Netto Dolci.

RIO GRANDE

2022

Ficha Catalográfica

S587s Silvino, Flaviana Custódio.

Se faz sentir, faz sentido: narrativas de uma Educação Física Estético-Ambiental / Flaviana Custódio Silvino. – 2022.
118 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2022.

Orientador: Dra. Luciana Netto Dolci.

1. Educação física escolar 2. Educação Estético-Ambiental 3. Metodologias pedagógicas da educação física 4. Corporeidade e formação de educadores I. Dolci, Luciana Netto II. Título.

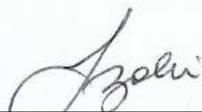
CDU 504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecária Valéria Carlosso dos Santos Mazui CRB 10/2704

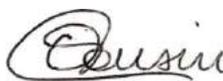
Flaviana Custódio Silvino

Se faz sentir, faz sentido: narrativas de uma Educação Física Estético-Ambiental.

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Prof.^a Dr.^a Luciana Netto Dolci
(PPGEA/FURG)



Prof.^a Dr.^a Claudia Cousin
(PPGEA/FURG)



Prof.^a Dr.^a Fernanda Teixeira
(COREMU/UFPEL)



Prof.^a Dr.^a Rita Silvana Santana dos Santos
(PPGDH/UnB)

AGRADECIMENTOS

“Povoada quem falou que eu ando só, tenho em mim mais de muitos, sou uma, mas não sou só”¹.

Agradeço ao meu pai e mães de cabeça Oxum, Iansã e Ogum, por andarem comigo de mãos dadas e não largá-la nunca, por iluminarem e abrirem o meu caminho Eparrey Oya, Ora Yêyê! Yêyêo Oxúm e Ogunhê meu pai...

Agradeço aos meus pais carnis Sandra (in memoriam) e Cláudio por serem meus primeiros professores de alfabetização, sim, minha mãe me ensinava as vogais pela manhã e a tarde meu pai perguntava e eu já não lembrava mais...

Agradeço as mulheres que vieram antes de mim, mostrando de onde viemos e para que viemos principalmente à minha vó materna...

Agradeço imensamente a minha irmã Angélica, por ser minha companheira de vida há 32 anos, por acreditar em mim, foi ela quem me inscreveu na universidade e disse “agora é a tua vez”...

Agradeço ao meu marido e companheiro Rodrigo, que abriu mão do seu sonho e embarcou no meu e que sempre me incentivou, com o seu puro coração, obrigada por sonhar junto comigo e me pegar no colo sempre que precisei...

Agradeço aos amigos e amigas... Ah os amigos, aos da minha cidade de onde eu venho Tramandaí/RS. Dirlene, Ana Lúcia, Fernanda, Vanessa, Gleidson, Ana Cristina, Tia Neia que me apoiaram a partir do momento que souberam que eu tinha entrado na universidade, que fizeram uma vaquinha para comprar uma mala de viagem e uma festa surpresa de despedida...

Aos amigos que fiz aqui na cidade de Rio Grande/RS, à Família Pena Rey, que me acolheu durante a minha chegada como se eu fosse filha durante um mês...

Ao meu grupo de apoio Carolina Siomionki, Jéssica Veiga, Priscila Ayres e Thaiane D’Ávila que me ajudaram nos momentos mais tensos e difíceis, com um gesto, uma comida bem gostosa, com uma palavra ou com um colo...

Agradeço a Lóry minha colega e amiga de faculdade que fomos nos aproximar mais no final da graduação, que possui um coração e empatia gigantescos que sempre acreditou em mim...

Agradeço aos amigos e amigas conquistados no PPGEA, primeiramente ao meu amigo Marcel Amaral que me acolheu de uma maneira tão simples e tão tocante, que correu comigo para abrir uma conta em um banco para o recebimento da bolsa entre choros e risos...

A Stéphanie Assis, por partilhar os seus saberes e me aguentar fazendo perguntas tão óbvias, pelo carinho e paciência...

¹Refrão da música Povoada de Sued Nunes. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dIFzUVxAb8c>>

A Josineide Silva, mais conhecida como Josy, cordelista maravilhosa que me pegou no colo quando mais precisei que fez enxergar coisas que estavam embaçadas na minha frente, agradeço pelo olhar terno e pela confiança...

Agradeço a minha Orientadora e amiga professora Luciana Dolci, para mim Lulu, que me acolheu desde o primeiro momento em que conversamos que embarcou nessa caminhada que é intensa, obrigada pelo olhar sensível, pela empatia e principalmente por me perceber em momentos quando eu já não me percebia...

Agradeço aos meus professores, participantes desta pesquisa que fizeram enxergar um fazer diferente, que abriram as suas casas mesmo que por meio de uma tela e partilharam suas lembranças mais íntimas...

Agradeço à banca examinadora, mulheres nas quais me inspirei para compor essa etapa, sim, sou seletiva, todas com olhares atenciosos, com suas palavras, suas ideias, suas argumentações e seus posicionamentos...

Agradeço a todos/as os professores/as que fizeram parte da minha vida escolar, por mostrarem como ser ou não uma educadora, vocês fazem parte de uma etapa de minha vida muito potente reflexiva...

Agradeço imensamente a minha psicóloga Jéssica, que conseguiu extrair de mim a minha essência e que contribui e muito para que chegasse até aqui, que nos momentos mais tumultuados estava ali para me dar a mão, sem esse apoio talvez não tivesse conseguido dar esse passo tão significativo.

Agradeço ao grupo NUPEATRO que me acolheu de maneira empática e divertida, partilhando saberes...

Agradeço a CAPES pela bolsa que me permitiu caminhar ao “patrocinar” meu projeto...

Agradeço PPGEA/ FURG, colegas de curso e funcionários (as)...

Agradeço aos meus fieis escudeiros de quatro patas, Mauí, Max e Luigi que sempre me acompanharam na hora da escrita e criação, independente do horário, faziam rodízios de acompanhamento, eles possuem um poder de compreensão e amor infinitos...

E por fim, agradeço a mim, isso mesmo, não é egocentrismo, não é vaidade ou qualquer adjetivo deste tipo, agradeço a mim sim, por acreditar em mim, mesmo tendo momentos em que eu não acreditei, agradeço por não desistir, agradeço por estar representando uma boa parte de pessoas aqui citadas, agradeço por todo dia reafirmar que eu SOU capaz e que é possível! Sim eu sou a exceção da regra e agradeço por isso, assim como descreve o título do meu agradecimento, sou povoada e não ando só...

RESUMO

A presente dissertação integra a linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores (as) Ambientais - EAEFE, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGA, e tem como objetivo geral compreender se existe a presença da Educação Estético-Ambiental nas metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas/o professoras/o de Educação Física Escolar (EFE) nos ambientes em que atuam. Os participantes são cinco professoras e um professor de Educação Física e foram subdivididos em dois grupos. O primeiro grupo é formado por duas professoras universitárias e um professor universitário da área da Educação Física e o segundo grupo é formado por três professoras da área de Educação Física em que atuam na educação básica de ensino. É uma Pesquisa Narrativa, é qualitativa e o método de interpretação de dados possui dois momentos. O primeiro momento foram as Entrevistas Narrativas individuais por meio da webconferência que consistiu em três perguntas exmanentes (amplas) e o segundo momento foi por meio de Cartas Narrativas direcionadas à elas e ele no início de sua carreira docente. Após a realização da Análise Narrativa, duas metodologias se destacaram a metodologia pública e a metodologia privada, deste modo essas metodologias influenciaram diretamente nas relações estabelecidas dentro dos espaços em que as professoras e o professor atuaram, imbricando no querer fazer e não poder na instituição pública e o poder fazer e não querer na instituição privada. Desse modo, nas interpretações dos dados, foi possível identificar a presença da Educação Estético-Ambiental nas metodologias aplicadas pelas professoras e pelo professor aqui investigados, ou seja, as relações diante de situações-problemas permearam pelo cuidado para com o outro, respeitando as diferenças apresentadas dentro de cada contexto. Assim, as metodologias das participantes e do participante estão embasadas na criticidade, na autonomia, no pertencimento e na afirmação dentro do lugar/espaço.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Educação Estético-Ambiental; Metodologias Pedagógicas da Educação Física; Corporeidade e formação de educadores.

ABSTRACT

This dissertation is part of the Environmental Education research line: Teaching and Training of Environmental Educators - EAEFE, from the Graduate Program in Environmental Education - PPGEA, and its general objective is to understand if there is the presence of Aesthetic-Environmental Education in the pedagogical methodologies developed by the teachers of School Physical Education (EFE) in the environments in which they work. The participants are five teachers and a Physical Education teacher and were divided into two groups. The first group is formed by two university professors and a university professor in the area of Physical Education and the second group is formed by three professors in the area of Physical Education in which they work in basic education. It is a Narrative Research, it is qualitative and the data interpretation method has two moments. The first moment was the individual Narrative Interviews through the webconference that consisted of three exmanent (broad) questions and the second moment was through Narrative Letters directed to them and him at the beginning of his teaching career. After carrying out the Narrative Analysis, two methodologies stood out, the public methodology and the private methodology, in this way these methodologies directly influenced the relationships established within the spaces in which the teachers and the teacher worked, intertwining in wanting to do and not being able to in the public institution. and the power to do and not want in the private institution. In this way, in the interpretations of the data, it was possible to identify the presence of Aesthetic-Environmental Education in the methodologies applied by the teachers and by the teacher investigated here, that is, the relationships in the face of problem-situations permeated the care for the other, respecting the differences presented within each context. Thus, the methodologies of the participants and the participant are based on criticality, autonomy, belonging and affirmation within the place/space.

Keywords: Physical Education, School; Aesthetic-Environmental Education; Pedagogical Methodologies of Physical Education; corporeality; Training of Educators.

LISTA DE SIGLAS

ALDEA	Agencia Latinoamericana para el Desarrollo de la Educación Ambiental
APC	Asociación de Pedagogos de Cuba
ASEMA	Apoio Socioeducativo Em Meio Aberto, eram os projetos localizados em áreas de vulnerabilidade social.
BDTD	Base Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAIC	Centro de Atenção Integral a Criança
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EA	Educação Ambiental
EAEFE	Educação Ambiental Ensino Formação de Educadores.
EAD	Ensino A Distância
EF	Educação Física
FURG	Universidade Federal do Rio Grande
IF	Instituto Federal
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PPGEA	Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TNT	Tecido Não Tecido
UCLV	Universidade Central Marta Abreu de las Villas
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Levantamento da quantidade de artigos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos.	40
Tabela 2: levantamento de artigos e teses com a utilização do hífen nos últimos dez anos, nas plataformas CAPES e BDTD.	41
Tabela 3: levantamento da origem e o ano em que os artigos foram publicados	42
Tabela 4: levantamento da quantidade de dissertações e teses nos últimos dez anos	43
Tabela 5: levantamento da localidade das publicações de Dissertações e Teses.	44
Tabela 6: levantamento de dissertações e teses a partir do “título” nos últimos dez anos.	44
Tabela 7: levantamento de dissertações e teses a partir do critério “assunto”	45
Tabela 8: levantamento total de artigos, dissertações e teses nos últimos dez anos.....	45
Tabela 9: Categorização dos Artigos, Dissertações e Teses	46

LISTA DE FIGURA

FIGURA 1: ESQUEMA DA PESQUISADORA COM AS PROFESSORAS E O PROFESSOR DO PRIMEIRO GRUPO E COM AS PROFESSORAS DO SEGUNDO GRUPO.....	77
--	----

SUMÁRIO

1. Concentração antes da partida: Se faz sentir, faz sentido	14
2. Chegando ao lugar da partida: Lugares pela pesquisadora.....	22
3. Vestindo o uniforme: o Empoderamento	29
4. As regras sobre a Educação Estética	32
5. Torcida mista entre a Educação Física Escolar e a Educação Estético-Ambiental.....	34
5.1 A dinâmica do jogo: percebendo a Educação Estético-Ambiental	38
6. O placar entre a Educação Estético-Ambiental e Educação Física Escolar: o estado da arte.....	40
7. A escalação das jogadoras e do jogador, plano de jogo e estratégias: a metodologia	48
8. A Chave de Grupos: Análise Narrativa	54
8.1 Os nomes e apelidos que nos representam dentro de um clube ou equipe.....	55
8.2 A escolha da profissão.....	57
8.3 O que revelam as metodologias pedagógicas das professoras e do professor do primeiro time?.....	61
8.4 O que revelam as metodologias (técnicas) pedagógicas das professoras do segundo time?	78
8.5 Os uniformes que não nos cabem mais	88
8.6 O jogo continua... As Cartas Narrativas	90
9. VAR (Video Assistant Referee) O que se espera de um/a técnico/a: o papel do/a professor/a de EF.....	100
10. A súmula da partida: as considerações finais.....	104
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE A	116
APÊNDICE B	118

|

|

1. Concentração antes da partida: Se faz sentir, faz sentido

Ela é inspiração

Vou falar sobre alguém
Por favor preste atenção
Seu nome é Flaviana
Pessoa de bom coração
Vive pra fazer o bem
És fonte de inspiração.

Natural de Porto Alegre
Pisciana apaixonante
Ama ser professora
Está em seu semblante
Fala sempre o que pensa
Sem ser ela petulante.

Sua essência é nata
Vem da ancestralidade
Benção vó, benção mãe
Respeita a sororidade
Aprendeu a ser na vida
Mulher de verdade.

Mulher preta, atuante
Seletiva, guerreira
Sua arma é gentileza
Pra quebrar toda barreira
Com um coração desse
Tinha que ser “cachorreira”!

Brincadeiras à parte
Volto aqui a rimar
Falar sobre a humana
Que tinha muito a lastimar
Mas fez de sua dor
Inspiração pra caminhar.

Sua vida não foi fácil
Teve que se adaptar
Mas tem um companheiro
Que a ajudou a lutar
E juntos, de mãos dadas
Seguiram sem relutar.

Diz ser melodramática
Mas tem ela bom humor

Com ela o riso é frouxo
Afastando qualquer dor
Pois sabe muito bem
O que é viver com temor.

Temor de seus medos
De sua ansiedade
Seu modo de ver a vida
Perante a sociedade
De ser discriminada
Por sua autenticidade.

Sensível, sensitiva
Seguiu o seu rumo
Apesar de suas perdas
Aprendeu a tomar prumo
Plantou sua semente
Extraindo dela o sumo.

O sumo de quem ela é
Viajante do pensamento
Que ama churrasco
E seu empoderamento
Que é leve, criativa
Feliz no casamento.

A família é seu elo
Sua força, seu abrigo
Sem o apoio dela
Não teria conseguido
Vencer essa etapa
O Mestrado concluído.

Foram tantos percalços
Vencidos pra prosseguir
Perdeu a sua avó
Que a fazia sentir
Ela sentir que na vida
É resistir, não desistir

Depois de toda luta
Depois de tanto caminhar
Ela encontrou a paz
Que estava a procurar
Realizando seu sonho
De ser feliz, prosperar!

É com imensa satisfação que compartilho com você este trabalho, que o intuito deste primeiro título reflete as minhas andanças como pessoa e como profissional, de onde eu venho até onde eu cheguei. Início com este lindo cordel², presente de uma amiga e colega, pensei se deveria ou não partilhar com você esse olhar dela para com quem vos fala. Resolvi partilhar, pois, uma obra dessa não deve ficar apenas em poder de uma pessoa. Ela com o seu olhar sensível e empático, captou minha essência, e fica mais potente quando descrito pelo seu olhar.

Para iniciar o diálogo começo dizendo que todas as Brincadeiras e Jogos; os Esportes; as Danças; as Lutas; as Ginásticas e os Esportes de Aventura os participantes necessitam de uma concentração antes de iniciar. Algumas pessoas, para se concentrarem rezam, oram, meditam e escutam música e este é o significado deste capítulo que remete a introdução deste trabalho. Aqui conto a você como foi a minha caminhada para chegar onde estou agora. Desde cedo fui muito interessada por esportes e jogos competitivos e cooperativos como: futebol, futsal, voleibol, basquete, caçador e até hoje tenho essa prática e, também, assisto sempre que possível. Na época da escola estava sempre envolvida em jogos, interséries e campeonatos. Talvez porque neste espaço me sentia incluída, “popular” dentro da escola, a “guria” que jogava bem, o vôlei e o futebol. Sentia como parte igualitária da escola, já que por muitas vezes, era excluída em relação ao que se referia à representação da escola em concursos da garota estudantil, a que não tinha a roupa da moda ou até mesmo com dúvidas em relação ao meu intelecto. Enfim, o esporte era uma oportunidade de me sentir pertencente àquele meio.

Lembro-me de que os professores e as/os colegas sempre queriam que eu estivesse nos seus times, seja pelo futebol ou pelo voleibol. Este último era e é minha paixão, de jogar e assistir, destaco que cultivei alguns ídolos que me motivaram a continuar acreditando que era possível vencer os preconceitos sociais que vivia na escola, como por exemplo, minha jogadora preferida era a Shelda do vôlei de praia, pois ela tem 1,65m de altura e me espelhava nela pela altura já que para o esporte não fazíamos parte do padrão das outras atletas. E no vôlei de quadra me espelhava na Márcia Fú, negra e que jogava muito bem. Segundo O COLETIVO DE AUTORES SOARES *et al.*, (2009) para explicar esporte:

² Literatura de cordel também conhecida no Brasil como folheto, literatura popular em verso, ou simplesmente cordel, é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos.

é fundamental reconhecê-lo como uma atividade corporal historicamente criada e socialmente desenvolvida em torno de uma das expressões da subjetividade do homem, o jogo lúdico, que não pretende resultados materiais. [...]. No jogo praticado pela satisfação de interesses subjetivos – lúdicos – o produto da atividade é o prazer dado pela própria satisfação dos mesmos (p. 08).

Adianto a você que ele não remete apenas a esportes ou danças como foi mencionado anteriormente como minhas práticas, o trabalho pode remeter e ser interpretado como uma aula de ginástica, uma aula com jogos competitivos e cooperativos, lutas e, também, esporte de aventura. Enxergo como uma flutuação pelos seis eixos da Educação Física (EF).

Demorei muito tempo para ingressar na faculdade, por motivos econômicos, pessoais e de distanciamento, pois, morava em uma cidade que não tinha universidade pública ou privada. Então, em 2012 a minha irmã me inscreveu na Universidade Federal do Rio Grande- FURG, no curso de Engenharia Civil. Foi uma mudança repentina em minha vida, larguei o meu emprego no comércio da cidade e vim cursar a graduação, estava cursando o nível superior e isto tinha um significado muito forte para a minha vida, eu estava estudando para ter uma profissão. Antes de mudar de cidade, ouvi muitos comentários de incentivo e, também, de falta de incentivo, porém, não me deixei abalar. Fiz três semestres do curso e não me adaptei não me encaixava naquele padrão e enfim, resolvi mudar para o curso de Licenciatura em Educação Física na mesma Instituição. Deveria ter feito isso bem antes. Quando entrei no curso, primeiramente a minha ideia era trabalhar como “Personal Trainer”, em academias, dando aulas particulares. No entanto, durante o andamento do curso, fui descobrindo outros olhares sobre a Educação Física escolar que me encantaram e me fizeram refletir acerca de ser professora.

Ao ingressar na graduação e depois na pós-graduação³, atuei em estágios e em monitorias em escolas municipais da periferia da cidade de Rio Grande/RS, trabalhando dentro da sala de aula com aulas de Educação Física (EF). Nestas, presenciei momentos e comportamentos de conflito que para mim, não faziam sentido. Em algumas escolas, quaisquer atividades que envolvessem grupos, times ou duplas se tornava um desafio, pois, dependendo dos componentes dos grupos, as atividades não eram realizadas por motivos de violência verbal e violência física entre os alunos no ambiente escolar e,

³ Especialista em Educação Física escolar pela Universidade Federal de Pelotas- UFPEL no ano de 2019.

ocorria também violência sexual entre alguns membros que faziam parte do ciclo familiar dos referidos alunos, refletindo no convívio escolar e interferindo no processo de ensino e aprendizagem desses estudantes. E esta questão não se limitava apenas a uma escola, estes conflitos extraescolares estavam presentes nas outras escolas em que atuei como estagiária. Além disso, outras questões estavam presentes e geravam sofrimento em quem convivia que era a questão da fome e das condições financeiras dos alunos. A vulnerabilidade dos alunos e alunas era alarmante e desesperadora. Pois, não era a minha realidade.

Em alguns momentos, em diálogo com a direção e coordenação sobre os motivos para tais comportamentos, para minha surpresa, a resposta foi que, eram questões familiares, ou seja, pais e mães que tinham desavenças entre si, e os filhos como uma forma de “vingança,” carregavam isso para o âmbito escolar, reproduzindo dentro da sala de aula os comportamentos de seus responsáveis, principalmente nas aulas de Educação Física, com uma naturalidade que para mim não se encaixava. Deparei-me com sentimentos que não conhecia e que não faziam parte da minha realidade, por mais que para alguns isso era visto como normal, para mim causava estranhamentos.

Percebi que os ambientes e seus processos educativos têm relação direta na sua maneira de interagir com o lugar e com as suas relações pessoais. Cheguei a esta conclusão após fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)⁴ no ano de 2017, sobre a violência nas aulas de EF, em que tive a oportunidade de pesquisar os/as responsáveis pelos processos educativos destes alunos e alunas. Concluí minha especialização em Educação Física Escolar, pesquisando a questão de resiliência dos alunos e alunas do Ensino Médio nas aulas de EF. Devido a isso, uma professora, do curso de Educação Física- FURG que foi minha professora durante a graduação, apresentou-me o Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental-PPGEA na mesma Instituição. Ela ressaltou que eu iria gostar muito do programa e que iria ajudar a compreender algumas questões. Desse modo, decidi me inscrever e participar da seleção do Mestrado em Educação Ambiental, na linha de pesquisa Educação Ambiental: Ensino e Formação de Educadores (as) Ambientais – (EAEFE). Seria como se estivesse dando continuidade ao meu ciclo acadêmico, ou seja, na graduação pesquisei a violência nas aulas de EF, na

⁴ Trabalho intitulado: “Quando os portões gritam”: discutindo violência das aulas de Educação Física na escola ao cotidiano de mulheres.

especialização, tentei compreender como eles suportam essas violências e agora no mestrado, como educadora posso de certa forma, transformar ou possibilitar alguma mudança e foi ao recordar estes momentos para compor este trabalho que a virada de chave aconteceu: passei a refletir sobre como a Educação Ambiental, atrelada a Educação Estético-Ambiental (EEA) poderia auxiliar esses alunos e alunas a compreenderem a si, o outro e o meio em que vivem refletir sobre suas ações e sobre o seu lugar no mundo e também o papel que poderão futuramente exercer na sociedade. Pensar sobre como se imaginariam daqui a alguns anos e do que sentiriam orgulho em realizar como ser humano e cidadão e cidadã. De acordo com Dolci e Molon (2015), “para nós, a EEA efetiva-se quando se tem como princípio compreender a realidade concreta a fim de transformá-la, permitindo o entendimento do movimento das relações que definem a vida em sociedade”. (p.75).

Sendo assim, os seis eixos da EF já citados anteriormente podem ser uma potente possibilidade para que essa mudança de fato aconteça. Acredito muito no poder da bola e, principalmente, no poder da EF. Assim como ele me fez de certa forma resiliente dentro e fora das quadras e ginásios, posso por meio dele, tentar fazer isso para outras crianças. E aqui está a justificativa do título deste trabalho de pesquisa que estou desenvolvendo e que poderá auxiliar na constituição dos alunos. No entanto, vale reforçar que isso não significa compaixão ou pena pelas crianças que estão em situação de vulnerabilidade social, a ideia é poder mostrar que sim, há pessoas interessadas no que elas têm a dizer e reafirmar a sua existência, que eles têm talento e habilidades que precisam ser evidenciadas para que consigam se desenvolverem integralmente. Partindo do pressuposto de que:

a Educação Física precisa reconhecer seu papel de construção da cultura escolar, estes defendem que as diferentes verdades, funções, objetos, culturas da área necessitam assumir o critério da discutibilidade e não das certezas de uma Educação física oficial (O COLETIVO DE AUTORES SOARES *et al.*, 2010)

Nesse sentido, acredito que desenvolver esta pesquisa sobre as metodologias das professoras de EF com ênfase na Educação Estético-Ambiental venha a ser um complemento para os entendimentos e possibilidades dentro da área da EF. Podendo facilitar as relações sociais entre os indivíduos, o ambiente e a cultura. Vale ressaltar que nesta investigação, apresentarei o diálogo entre os temas: Educação Física escolar e Educação Estético-Ambiental, trazendo as concepções acerca destas áreas do conhecimento a fim de elucidar as perspectivas em que alicerço este estudo e, também,

para demarcar que ainda é preciso continuar percorrendo para avançar em questões socioambientais. Ressalvo que “se faz sentir, faz sentido”, pois como diria Freire (1996) “não há sábios nem ignorantes absolutos. Existem pessoas que em comunhão, procuram aprender juntas” (p.26), e esta frase em destaque que inicia este trabalho tornou-se um lema para a minha vida, tanto que tatuei na pele para sempre lembrar mesmo quando as adversidades surgirem, eu vou ler e dizer que vale a pena porque “se faz sentir, faz sentido” e faz todo o sentido estes sentimentos para a construção de um ambiente mais igualitário e harmonioso. Ratifico que é preciso um ambiente de formação entre os discentes que acolha e faça sentir para que as emoções aflorem e agucem as qualidades humanas.

Compartilhando com você, adentro as etapas que estão dividindo este trabalho, que remetem a uma analogia das etapas de uma partida ou de uma atividade, pode ser de Esporte, de Jogos, de Ginástica, de Lutas, de dança ou Esportes de Aventura começo pelo Capítulo. 1 **Concentração antes da partida:** que fala sobre a minha caminhada, de onde vim e para onde eu vou; os próximos passos estão relacionados o meu problema de pesquisa **O planejamento da partida:** o problema da pesquisa: o que revelam as metodologias das professoras de EF escolar e continuando meus **objetivos: o Geral:** Compreender se existe a presença da Educação estético ambiental nas metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras e pelo professor de EF nos ambientes onde atuam, e **os Específicos;** compreender como as professoras e o professor desenvolvem as suas ações docentes; identificar as concepções acerca do Estético-Ambiental; interpretar se existe a presença da EEA nas metodologias pedagógicas das professoras e do professor; desvelar como se mostra a corporeidade, o sentimento de pertencimento, de empoderamento e afirmação dentro do ambiente nas metodologias das professoras e do professor. No Capítulo. 2 **Chegando ao lugar da partida: lugares trilhados pela pesquisadora** que converso com a questão de lugar e pertencimento; no Capítulo. 3 **Vestindo o uniforme: o Empoderamento** retrata o que é esse movimento de se empoderar; Capítulo. 4. **As regras sobre a Educação Estética** retrato o que significa essa parte da EA 5. **Torcida mista entre a Educação Física escolar e a Educação Ambiental** e mostro os pontos em comum entre as duas áreas do conhecimento; No Subcapítulo. 5.1 trago **a Dinâmica do jogo: percebendo a educação Estético-Ambiental;** Capítulo. 6 **O placar entre a Educação Física e a Educação Estético-Ambiental** entendendo como Estado da arte, trabalhos já publicados sobre essas duas áreas do conhecimento; Capítulo. 7 **A escalação das jogadoras, plano de jogo e**

estratégia essa é a minha metodologia, aqui eu trago como cheguei ate minhas participantes, minhas estratégias de pesquisa; no Capítulo. 8 **A chave de grupos: a Análise da partida**; 8.1 **Os nomes e apelidos que nos representam dentro de um clube ou equipe** relato sobre as escolhas dos nomes fictícios das participantes; 8.2 **A escolha da profissão** descrevo o porquê delas e dele escolheram a profissão docente no Subcapítulo. 8.3 **O que revelam as metodologias das professoras e professor do primeiro grupo?** 8.4 **O que revelam as metodologias das professoras do segundo grupo?** . Outro Subcapítulo. 8.5 retrato sobre os “**Uniformes que não cabem mais**”. 8.6 **Jogo continua: as Cartas Narrativas**; O Capítulo. 9 **VAR (Video Assistant Referee)**⁵ é a discussão das análises e por último o Capítulo. 10 **A súmula da partida**, ou seja, as considerações finais do trabalho.

⁵ O árbitro assistente de vídeo ou vídeo árbitro é um árbitro assistente de futebol, que analisa as decisões tomadas pelo árbitro principal com a utilização de imagens de vídeo e de uns auscultadores para a comunicação.

2. Chegando ao lugar da partida: Lugares pela pesquisadora

Arruda me protege e me cuida

*Férias de verão, viajando para o interior,
Um lugar cheio de verde e também de muito amor,
Lá estavam minhas matriarcas
Bença vó, bença bisa
Deus te abençoe minha fia.*

*Vem à lembrança um cheiro forte,
Do pé de arruda,
Lembro da minha infância,
Uma felicidade aguda
Brincando como criança.
Lá na sanga funda.*

*Corre daqui, pula de lá
Só escuto a bisa gritar
Vem aqui minha fia
Entro em seu cômodo
E o cheiro de arruda está no ar.*

*Fica quieta que vou te benzer,
Pega a arruda, a brasa e a água
A reza é lenta e não entendo o dizer
Fecho os olhos e sinto a magia acontecer.*

*Quando vejo um pé de arruda,
Faz lembrar do tempo de criança
Minha vó com ela atrás da orelha
Barrendo uma parte da Estância.*

*Já se passaram muitos anos,
O cheiro é de recordação, de carinho e atenção
Das mulheres que me protegem e
Pertencem ao meu coração.*

*Agradeço por todas as benzeduras
Tenho orgulho desta tradição
Que fez a vida ficar menos dura
e acalmar o coração.*

SILVINO, Flaviana. (07/2020)

Este poema foi escrito para a disciplina de “Relações de Pertencimento⁶”, em que tínhamos que escolher um objeto que nos lembrasse de algo ou de alguém, que tivesse um significado, que fosse marcante e que nos remetesse há algum lugar. Escolhi a planta arruda, pois faz com que não esqueça das mulheres da minha família que vieram antes de mim. Além disso, enaltece as minhas raízes de um lugar que já pertenci e que hoje lembro com muito afeto, carinho e saudade. O poema também destaca a sensação chamada de Topofilia que é quando temos um elo afetivo entre pessoas e o lugar, ou seja, um sentimento afetivo (COUSIN, 2010, p. 45) por meio das experiências que nos acompanham e das mudanças que nos atravessam. É por elas e por tantas outras que me esforço e dedico este trabalho.

Dando continuidade aos meus lugares trilhados, decido fazer o mestrado em Educação Ambiental—desenvolver uma pesquisa que contemplasse todas as minhas expectativas acerca de uma investigação socioambiental. Para Carvalho (2006, p.35) a Educação Ambiental “exige um esforço da superação da dicotomia natureza e sociedade, com finalidade de ver as relações de interação entre a vida humana social e [...] a natureza”. Sendo assim, é necessário que seja feita uma leitura completa do cenário humano, ou seja, observar na íntegra as relações naturais, as relações sociais e as culturais do indivíduo ao meio em que pertence. É importante dizer que no Brasil, a Educação Ambiental, teve mudanças significativas se compararmos com os argumentos das primeiras décadas de estudos sobre ela. Antigamente, a sua importância estava relacionada à proteção, conservação, preservação dos recursos naturais e a sensibilização ambiental.

Como disse anteriormente, a referida professora relatou que no programa havia uma professora que trabalhava com questões atribuídas ao corpo e a Educação Estético-Ambiental—crítica e transformadora. Mais uma vez, a relação de pertencimento se evidencia nas palavras da minha professora. Nesse momento, fiquei – encantada com a ideia de poder trabalhar algo que me inquieta e que brilha aos olhos. Para poder compor este capítulo destaco, nesse caso, três tipos de pertencimento, que são: pertencimento ao lugar; pertencimento ao campo profissional e pertencimento ao campo da Educação crítica transformadora que será a vertente que trabalharei.

⁶ Esta disciplina pertence ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA, na Universidade Federal do Rio Grande, é ministrada pela Professora Doutora Cláudia Cousin.

Em relação ao pertencimento ao lugar me embaso na escritora e professora Livia de Oliveira (2012, p. 12), sendo a autora do texto “O sentido do lugar” que retrata “a noção de lugar que se enquadra em diversas situações, o lugar não é forma nem matéria, é tempo e espaço [...] refletindo sobre a questão de lugar, qual o seu sentido”. Vinculando-a à minha pesquisa, não poderia deixar de falar sobre o corpo, este corpo que é o nosso primeiro lugar e a corporeidade deste corpo é o seu espaço. Nosso meio físico determinante, as relações com o lugar e as experiências vividas são atravessados pelo meio sociais, a família e a bagagem histórica que compõem nosso habitar e nosso falar. Segundo o coletivo de autores Soares *et al.*,

a Educação Física precisa reconhecer seu papel de construção da cultura escolar, estes defendem que as diferentes verdades, funções, objetos, culturas da área necessitam assumir o critério da discutibilidade e não das certezas de uma Educação física oficial (1992, p.93-107).

O corpo é a nossa primeira casa/morada e como a autora fala que o “lugar pode ser uma estrutura sintomática” (OLIVEIRA, 2012, p.14), isto é, sentir, linguagens, ritos e lugar, eu enxergo o corpo desta forma: o corpo sente, o corpo fala/ expressa, o corpo é sagrado e o corpo é lugar. Então, eu, advinda da Educação Física não poderia fugir da questão de corpo como lugar e corporeidade como espaço. Ainda sobre a questão de corpo, cada corpo, tem a sua bagagem histórica e relevante, este corpo pode ser nômade ou itinerante. Segundo Eguimar Chaveiro, no texto “Corporeidade e lugar” (2012) explana que:

o corpo é um território irredutível, onde determinadas ações externas não controlam, não furtam e não esmaece [...] o corpo é uma potência de transformação, é propriedade pela qual o sujeito funda a sua singularidade, registra na carne a sua história intersecciona com a história do mundo e dos lugares. (p. 250).

Desse modo, vou trilhando os meus elos e lugares criando corporeidades e identidades, o lugar se refere à mundanidade⁷ do nosso cotidiano, isto é, criando elos entre os objetos e os entes e por isso ele se torna fundamental, se tornando dinâmico correspondendo a própria essência. O corpo é um guardador de lugares, é singular e ao mesmo tempo universal, a corporeidade se torna um arquivo infinito, ele é a alimentação, moradia, trabalho, lazer, ócio sentimento, significa, símbolos e sensações. E o lugar é um guardador de relações corporais, ou seja, os valores familiares, patriarcais, autoridade por parte dos pais. Sendo assim, Chaveiro (2012) ainda cita que

⁷ Para Heidegger a mundanidade é o mundo mais próximo, que envolve o ser e vai dando corporeidade de ser no mundo.

“a recusa das identidades que envolvem estes sujeitos, provocando preconceito, sequestros de voz e de valores” (p.252).

Partindo do pressuposto que o corpo-lugar é constituído por sensações, por subjetividades, por símbolos (como tatuagens e piercings) que seriam a decoração deste lugar, que possuem significados potentes para este “lugar”, constituindo assim, bagagens históricas, sociais e culturais.

No que tange o pertencimento ao campo profissional, quando menciono em seu lugar ou quando se usa a expressão “nada melhor que o nosso lar/lugar”, me deparo com a lógica, que eu faço o lugar, porém à medida que estamos inseridos em um ambiente/lugar as dinâmicas deste lugar nos envolvem e estabelecem acordos e jogos sociais proporcionando, assim, ligações diretas e indiretas. No texto “O sentido do lugar”, posso dizer que me trouxe sensações e sentimentos sobre o que é o lugar, sendo muito significativo pensar que o lugar tem um sentido para cada pessoa, embora este lugar seja compartilhado por diversos indivíduos, isso reforça o pensamento que os sujeitos se constituem de maneiras diferentes e assim as experiências vividas, sentidas também são significadas distintivamente para cada um (VYGOSTSKY, 2004).

É no corpo e por meio dele que consigo experimentar e vivenciar emoções e sensações. É através dele que permeio por relações intersociais, que me provocam. O meu corpo fala, todos os corpos se expressam, mesmo inerte o corpo transmite algo. E como Oliveira (2012) traz, “o lugar se enquadra em diversas situações. Ele não é forma nem matéria, o lugar é tempo espaço, ele é o movimento da matéria” (p.16).

Acredito que o corpo expressa os sentimentos, as sensações, as alegrias e as tristezas, enfim, esta é uma noção de corpo que trago de maneira singela, pois é um tema que abrange inúmeras sistemáticas de lugares. E talvez seja só uma professora de Educação Física (EF) escrevendo a partir da sua perspectiva, dos seus conhecimentos e de suas experiências, porém entendo que o corpo é lugar de sensações e sentimentos que podem ser favoráveis ou desfavoráveis para a constituição do indivíduo. Do mesmo modo, trago a explanação de lar como ambiente de pertencimento do sujeito, ou seja, o lar não é um lugar e sim um sentimento e sensações. Cabe considerar que:

quanto à possibilidade de avaliar a prática da educação ambiental em função do princípio do pertencimento, uma sugestão é que os indicadores considerem as modificações na capacidade de auto-organização das pessoas e grupos, no sentido do desenvolvimento da inteligência (individual e coletiva) para elaborar estratégias cognitivas

e de comportamento que integrem a incerteza e os riscos para lidar com as mudanças. (SÁ, 2005, p.254)

Seguindo este contexto, as realidades que muitas vezes nos atravessam, fazem com que pelo menos deveriam nos reorganizar e refletir enquanto cidadãos e educadores, as diferentes facetas da nossa sociedade. Quando o autor João Batista Mello (2012) fala sobre o “Balé do lugar”, ele tenta analisar as dinâmicas e as interações sociais e as coreografias cotidianas, esta observação do autor, demonstra que todos os cidadãos possuem suas maneiras cotidianas de sobrevivências. E esta questão é deixada de lado pelos/as educadores/as que não enxergam para além dos muros da escola todas as questões que envolvem aos alunos/as. Em concordância com o pensamento de Freire, a/o professor/a precisa proporcionar o diálogo dos conteúdos com a realidade dos estudantes, com o intuito de estimular a reflexão dos problemas da sociedade onde se vive, respeitando os saberes dos seus alunos e, conseqüentemente, respeitando o contexto cultural dos educandos (FREIRE, 2011).

Dentro das comunidades, bairros, favelas, vilas, existem acordos e compromissos que controlam e dinamizam o andamento e funcionamento dos mesmos. João Batista (2012) declara “[...] que nas comunidades e periferia as ruas são as extensões das casas” (p.55). Essa frase faz ainda mais sentido, visto que no ano de 2017 fiz minha pesquisa sobre a violência nas aulas de EF em uma escola da periferia da cidade de Rio Grande/RS⁸. Nesta, entrevistei as responsáveis pela educação destes alunos de uma determinada turma sobre a violência.

Relacionar minha problemática de pesquisa com os textos abordados por Milton Santos (2008) que refletem sobre a questão do território e lugares; Laísa Freire; João Figueiredo e Mauro Guimarães (2016) que expressam a questão da formação do profissional de Educação Ambiental, ou seja, pertencimento ao campo da Educação Ambiental crítica transformadora (EA) é enriquecedor e ao mesmo tempo empolgante, pois são assuntos pertinentes e potentes para esta dialética. Parto da ideia do ensino dentro da academia, especialmente do curso de Educação Física que é voltado aos conteúdos direcionados e restritos ao campo de atuação, visando uma prática que envolva uma pedagogia multilateral. Percebi durante a minha graduação que a práxis se estabeleceu por meio dos estágios e projetos de extensão, eles permitiram experiências

⁸ Pesquisa realizada em 2017, FURG, que foi intitulada: “Quando os portões gritam”: discutindo violência das aulas de Educação Física na escola ao cotidiano de mulheres.

que estimularam e impulsionaram questionamentos acerca de alguns comportamentos e atitudes dentro do âmbito escolar. E isso só foi possível, por meio da inserção dentro das escolas. Comportamentos que só são visíveis durante a prática ou relação estabelecida e que foram proporcionadas durante a minha formação acadêmica.

Santos (2008) reforça que “o lugar é um *lócus* da sociedade” (p.259), e talvez fazer com que estes indivíduos entendam o seu lugar na sociedade não se torna uma tarefa fácil. Tendo em vista que muitos possuem crenças e amarras muito bem solidificadas, além de atravessamentos por parte do Estado, Município e País, que agem de forma vertical no que diz respeito ao conjunto de questões sociais e culturais. Para isso, acredito que o/a profissional de EA, deve se envolver, participar das realidades dos educandos, pois uma perspectiva que autores como: Freire; Figueiredo e Guimarães, (2016) trazem é a colaboração com a partilha de novos meios de aprender na relação e na parceria. Santos (2008) expõe que “os lugares são modos específicos, individuais e diversos, são singulares, mas também globais e ainda são formas particulares” (p.78). Assim, me identifico com as palavras de Santos, pois segundo seu pensamento, cada ser possui as suas subjetividades específicas, bagagens culturais e sociais que os tornam únicos e exclusivos. E é através da EA atrelada a Educação Física que, pretendo ter este olhar mais sensível para este local que atua diretamente e condicionalmente na concepção do ser-no-mundo. Sendo assim, a questão de afirmação e de pertencimento parece uma utopia, diante da realidade que a sociedade nos coloca. Nesse caso, a EA deve passar da função de ator para autor dos caminhos percorridos, é nessa perspectiva que mobilizo os estudos e concentro a minha prática pedagógica.

Enxergar as diferenças como potencialidade para uma melhora de condição, possibilita uma estratégia horizontal, que abrange todos os meios sociais do lugar. E é nesse espaço que se faz a transformação. Santos (2008) destaca que “esses lugares, pode o acontecer solidário, todas as formas de diferença entre pessoas e entre lugares”. (p.256). O autor ainda fala que a população pobre é um importante ator social, sendo a maior camada da nossa sociedade, a população menos favorecida, parece não compreender a dimensão e potência dentro da sociedade civil. Em concordância com o seu pensamento, destaco que “o mercado singulariza e a sociedade civil generaliza é o território, em duas diversas dimensões e escalas por enquanto, o lugar é a sede dessa resistência da sociedade civil” (SANTOS, 2008, p. 259).

Conhecer e entender o seu lugar no mundo é de extrema importância, pois possibilita que este sujeito possa reivindicar e atuar significativamente no seu espaço. Descristalizar estas esferas que fazem com que pessoas fiquem às margens da interação e subjugados dentro da sua realidade, interferindo na sua maneira de ser, existir e agir no mundo. Desse modo, ofertar possibilidades que venham a ser favoráveis para o desenvolvimento dentro de uma sociedade compressor e opressora.

Para começar a pensar em EF, EEA e EA a primeira coisa que vem à mente é que para que essas duas áreas do conhecimento aconteçam e se entrelacem, é necessário um ser, ou melhor, um corpo e é a partir dessa perspectiva que desenho a minha reflexão juntamente com os autores apresentados até o momento. Enquanto pensava em como dialogar com os pensamentos entre Coletivo de Autores (0000), Dolci (2014) Dolci e Molon (2015; 2018), Marandola Jr (2012), Eguimar (2012), Grün (2008) e Sá (2005), na televisão passava o filme Green book: O guia⁹ (2018). Entre os dois personagens um homem branco (Tony) e um homem negro (Schirley) há um diálogo após o personagem Schirley apanhar em um bar. O homem branco pergunta o que você estava pensando quando saiu por esta cidade sozinho? E o homem negro respondeu: - Será que a geografia importa? Este diálogo ficou remoendo em meus pensamentos pensando em tudo que li sobre as questões de lugares, espaços e pertencimentos e de como todas estas engrenagens se compõem para que seja possível criar uma personalidade, uma subjetividade, uma história. Partimos do princípio que a EF necessita de um corpo e este corpo possui corporeidade e esta corporeidade está inserida na natureza inconsciente e conscientemente. Ela atravessa por todos os espaços e lugares, criando assim, as subjetividades que compõem o sujeito e que está para além das quadras esportivas e dos ginásios de esportes.

Cabe para tentar responder esta questão, considerar que o profissional de EF terá a sensibilidade de avaliar as circunstancialidades que envolvem os indivíduos pertencentes ao local onde ele atua. Dessa forma, Marandola Jr (2012) se refere ao lugar como nosso cotidiano e por isso é fundamental para entender o ser-no-mundo. Os lugares vão compondo este sujeito, entretanto, o lugar é condicionante, ou seja, se estamos falando de crianças/adolescentes que pertencem a um lugar em situação

⁹ Filme vencedor de três estatuetas do Oscar e três Globos de Ouro (2019). Conta a história de um pianista afro-americano de renome mundial, prestes a embarcar em uma turnê pelo sul dos Estados Unidos, em 1962. Enfrenta o racismo e os perigos de uma era de segregação racial. Filme produzido pela Universal Pictures, Estados Unidos da América em 2018.

desprovida de políticas públicas, sociais e culturais, este lugar vem a ser uma ação definitiva, mas ela não é determinante.

Quando falo em determinante, quero dizer que a pessoa não necessariamente irá seguir as condições que o lugar oferece, ou seja, o lugar impõe condições vulneráveis, porém este lugar que constitui os indivíduos não necessariamente é determinante para a condição social circundante. E como as aulas de EF aliada a EA podem ajudar nas questões citadas acima. Todo corpo carrega uma corporeidade, que são as bagagens culturais, sociais e históricas que permeiam este corpo. Desse modo, negá-la faz com que sequestremos a voz e os valores destes cidadãos, provocando assim, preconceitos.

3. Vestindo o uniforme: o Empoderamento

Como em todas as modalidades esportivas, se faz necessário a vestimenta, ou seja, vestir o uniforme de uma determinada equipe, time que estás representando e nesse capítulo, trago a concepção de empoderamento, de vestir esse termo que é um dos objetivos específicos desta investigação, ou seja, desvelar como se mostra a corporeidade, o sentimento de pertencimento, de empoderamento e a afirmação dentro do ambiente nas metodologias pedagógicas das professoras e do professor.

Desse modo, para poder conduzir este estudo será necessária uma aproximação e compreensão sobre o termo. Abordo sobre o mesmo a partir dos conceitos desde Berth (2018); Arendt (2001); Freire (1996) e Santos (2005). Ressalto que a palavra que caracteriza o empoderamento é “dar poder” a alguém e/ou alguma coisa, a partir desta definição, que aprofundo a questão do poder.

A relação do poder é uma linha tênue, a ideia não é tirar de um para dar ao outro, ou seja, inverter os polos de opressão e sim, ilustrar posturas de enfrentamento às injustiças, de maneira que se faça equidade nas existências em sociedades. O poder atravessa todas as esferas e estruturas da nossa sociedade. Segundo Berth (2019) entende o poder como:

quando assumimos que estamos dando o poder, na verdade estamos falando da articulação de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, auto(re)conhecimento e autoconhecimento de si e de suas mais variadas habilidades humanas. (p.21).

Na concepção de Hannah Arendt (2001) o poder corresponde a:

habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por certo número de pessoas para agir em seu nome. (p.36).

De acordo com Paulo Freire (1996), ao confirmar que a busca pela autonomia, o pertencimento e o empoderamento dos desiguais através da educação nas últimas décadas, está de forma ascendente proporcionando com que os oriundos de classe, adquiram conscientização sobre o que é seu por direito. Assim, é necessário continuar avançando para que as palavras de Freire se efetivem na construção de uma sociedade mais equitativa para todos/as.

Na visão de Milton Santos (2005), esse poder, que se faz por alianças, define práticas diferenciadas entre atores sociais que participam nas mesmas escalas de poder, ou melhor, dizendo, que possuem interesses comuns. Pode carregar também conflitos internos que permitem verificar fragmentos de interesses e, posteriormente, afetará a relação de poder. As articulações entre as escalas de poder permitem verificar também, dentre outras coisas, a materialização de interesses exógenos e endógenos no território (SANTOS 2005). “O poder é uma relação instável em que os conflitos surgem constantemente obrigando as relações de poder a se refazerem a todo o momento dentro da sociedade”. (p.258).

Nesse sentido, apresento um breve histórico sobre o termo empoderamento. Os estudos construídos ao longo dos anos demonstram que a palavra é originária de um substantivo da língua inglesa *power*, em tradução literal significa habilidade ou permissão para que alguém realize alguma coisa. Também pode significar força, autoridade, etc., de acordo com o dicionário *Merriam Webster Dictionary*¹⁰ (<http://www.merriam-webster.com/thesaurus/empowerment>, 2020) a palavra *empower* foi usada pela primeira vez no ano de 1651, surgiu da adaptação específica do próprio idioma inglês chamada *verbing*, ou seja, transformar um substantivo em verbo. Sendo assim, o significado ao pé da letra de *empower* é dar poder ou habilidade a algo ou alguém. No *Cambridge Dictionary*¹¹ (<http://www.merriam-webster.com/thesaurus/empowerment>, 2020), a palavra *empowerment*, termo forjado pelo sociólogo Julian Rappaport em 1977 tem o seguinte significado “o processo de

¹⁰ Um dos mais confiáveis dicionários online da América e que pertence à marca homônima.

¹¹ Dicionário da Britânica Universidade de Cambridge.

ganhar liberdade e poder para fazer o que você quer ou controlar o que acontece com você”.

Aqui no Brasil, “empoderamento” é um neologismo, isto é, um fenômeno linguístico que cria uma palavra ou expressão nova ou atribui um novo sentido a uma palavra já existente. Empoderar seria uma maneira de pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, desse modo, rompendo com aquilo que está posto. Ainda sobre os conceitos de empoderamento:

é um instrumento de emancipação política e social e não se propõe a “viciar” ou criar relações paternalistas, assistencialistas ou de dependência entre indivíduos, tampouco traçar regras homogêneas de como cada um pode contribuir e atuar para as lutas dentro dos grupos minoritários. (BERTH, 2018 p. 22).

Vale relembrar que “empowerment” é uma palavra de origem inglesa e que tudo que é eurocêntrico, é utilizado como verdade na sociedade em que se vive. Desse modo, Freire (1996) estabelece/organiza a relação contra esta hegemonia de saberes usado fora da nossa realidade, ele critica a questão do “empowerment”, pois é algo que é dado e não conquistado, pelo olhar de Freire, o indivíduo é atuante, é agente dentro da sua realidade e não sujeito ao que lhe é dado. Ainda sobre as concepções de Freire (1996) o autor não acredita que é necessário dar ferramentas para o sujeito se empoderar, na visão do autor, ele acredita que os próprios sujeitos subalternos deveriam empoderar a si mesmo. Sendo assim, ele discorda da maneira que é tratado o “empowerment” principalmente nos países dominantes. A autora Cecília Sardenberg (2018) conceitua o empoderamento na perspectiva feminista:

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletiva [...] é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam além das mulheres, outros setores excluídos em determinados contextos.

O empoderamento, nas interpretações dos/as autores/as citados/as acima, refere-se ao poder que as relações sociopolíticas envolvem a sociedade e que manipulam para que o poder continue nas mãos de quem o detém. Desse modo, acredito que por meio da Educação Física, do esporte no viés da Educação Estético-Ambiental podem ser potencializadores de empoderamento dos indivíduos que estão em situação de vulnerabilidade social. Assim, justifico este estudo a fim de contribuir com meios para que os indivíduos se sintam pertencentes à sociedade em que vivem.

4. As regras sobre a Educação Estética

Sobre Educação Estética, trago os embasamentos de Vásquez (1999) e Estévez (2003), porém, primeiramente necessito fazer uma busca e, concomitantemente uma reflexão sobre as regras e o que eu entendo por Educação Estética. O que me surpreendeu, foi que o meu conceito de estética é aquele que já me foi dado, que já está posto pela sociedade hegemônica, seja pela mídia cotidiana, nacional ou internacional, ou seja, a conservadora, utilitarista e mercantilista, deixando de lado questões como o social, a história e os saberes populares. Então, partindo desse pressuposto, embarco na concepção de estética de Vásquez (1999), que convida para um estudo e discussão sobre a estética. O autor ainda questiona e reconhece a necessidade desta relação entre o ser humano e o mundo.

[...] em determinados momentos de nossas vidas todos vivemos em uma situação estética, por mais ingênua, simples ou espontânea que seja nossa atitude como sujeito nela. Antes a flor que se dá de presente, o vestido que se escolhe, o rosto que cativa ou a canção que nos agrada, vivemos essa relação peculiar com o objeto que chamo de situação estética. E vivemos guiados por certa consciência ou ideologias estéticas. (VÁZQUEZ, 1999, p.17).

Ainda sobre estética e o ser humano o autor declara:

A relação teórico-cognoscitiva com que se acercam da realidade para compreendê-la; a relação prático-produtiva com a qual intervém materialmente na natureza e a transformam, produzindo com seu trabalho objetos que satisfaçam determinadas necessidades vitais: alimentação, vestuário, abrigo, proteção, comunicação, transporte; e a relação prático-utilitária na qual utilizam ou consomem esses objetos (VÁZQUEZ, 1999, p.73).

Observo na citação do autor que é preciso toda uma sistematização para o entendimento e, sobretudo da utilização do que se está aprendendo. Esta esquematização envolve toda uma relação do ser humano com o mundo em todas as esferas sociais, ou seja, formando relações interpessoais ser humano-mundo, mundo-ser humano e é a partir destas relações que perpassam as vidas cotidianas dos/das estudantes e professores/as, que estão s imersas ao metódico considerado natural em que busco constantemente interpretar as multifacetadas que são apresentadas em uma mesma turma, escola, bairro e comunidade. Assim como declara Estévez (2003):

para formação do homem não basta a educação científica e técnica; há que se complementá-la com a educação artística. Cujos objetivos, tanto como forma de expressão e de conhecimento, são a humanização da realidade social e pessoal e o enriquecimento imaginativo e sensível do homem. (p. 36).

Desse modo, as reflexões entre Estevez (2003) e Vázquez (1999) corroboram para uma visão da situação estética que se constitui através do sujeito e do objeto em relação, afirmando que "o objeto necessita do sujeito para existir, da mesma maneira que o sujeito necessita do objeto para encontrar-se em um estado estético" (VÁZQUEZ, 1999, p.108). Ambos tomam as referências do materialismo histórico e dialético, compreendendo o ser humano como um sujeito que intervém na natureza produzindo sentidos e significados a partir de suas ações. Segundo Estévez (2003):

[...] a educação estética constitui um elemento essencial de nossa política, de nossa ideologia. Não se trata exclusivamente de uma necessidade artística. Não amamos o belo pelo belo; não cremos na arte pela arte. O valor da arte, da beleza e, por conseguinte, da estética, tem significação na medida em que responda a uma necessidade no desenvolvimento histórico da sociedade. (p. 40)

A partir da citação, posso entender que o belo na arte não se desassocia do seu papel social nem o artista ou a artista fica liberado/a do seu compromisso com a sociedade. A educação estética possui um papel muito importante na educação e formação de crianças e adultos. Entretanto, não podemos reduzir a educação estética apenas à arte, ela abrange inúmeras áreas que rodeiam o indivíduo e a sociedade. O autor elenca algumas recomendações como: distinguir os conceitos de educação estética e educação artística; generalizar a educação estética em todo sistema de ensino; preparar de maneira multilateral os professores para que possam educar esteticamente; definir o lugar e o papel da arte no sistema da educação estética; apoiar-se mais na natureza para o trabalho de educação estética; prestar mais atenção à educação estética nos centros especializados na formação dos profissionais da cultura e utilizar o potencial estético, moral e cognitivo da arte em função da educação do ser humano.

Estévez (2003) assinala que “[...] a educação estética traz a possibilidade de incitar à atividade bela e criadora em todas as relações homem-homem, homem-natureza e homem-sociedade”. (p. 74). Ou seja, que a educação estética reafirma a condição do ser humano-mundo-natureza em relação ao pensamento e convicções a partir das suas experiências sociais. E essas vivências podem vir através de atividades pedagógicas que estimulem as inúmeras possibilidades corporais, seja através da dança, da escrita, do teatro assim como descreve Dolci (2003) “para que os envolvidos possam ter a experiência de: a socialização, envolvendo o aumento da capacidade de trabalhar em grupo; a perda da timidez; o resgate da autoestima e da autoconfiança”. (p.86).

Assim, a Educação Estética está nesse trabalho porque ela possibilita a compreensão e o fortalecimento de laços sociais, pois somos feitos de relações humanas sociais, sejam elas favoráveis ou não favoráveis, somos feitos de sentidos, e eles contemplam inúmeras ocasiões que revelam a estética por toda a nossa volta.

5. Torcida mista entre a Educação Física Escolar e a Educação Estético-Ambiental

Aqui como em algumas modalidades podemos ter a torcida mista dentro de espaços que apoiam as atividades esportivas e de cultura corporal. Ressalto que inicio o diálogo entre os temas: Educação Estético-Ambiental e Educação Física Escolar e, trazendo as concepções acerca destas áreas do conhecimento a fim de elucidar as perspectivas em que estou alicerçando este estudo e, também, para demarcar que ainda é preciso continuar percorrendo para avançar em questões socioambientais, sociopolíticas e socioculturais.

Para uma maior compreensão das mudanças que a EF Escolar sofreu e vem sofrendo ao longo dos anos, apresento uma linha temporal das mudanças que envolvem a EF. Conforme a Revista de Educação Física da época de 1932 a 1945 a EF contempla o campo Militarista, ou seja, os corpos masculinos ideais para a guerra e o feminino para reprodução destes filhos da pátria. Essa conquista deu-se em 1939, por meio do Decreto-Lei n. 1.212 que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e estabeleceu as diretrizes para a formação profissional.

No segundo momento, a partir de 1945 devido a união de militares e médicos a Educação Física ganha um caráter utilitarista, passa a ser vista como modelo higienista da população, dessa forma, surge uma revisão do currículo. Em 1969 em meio a ditadura Militar o governo estabelece um currículo mínimo e formação pedagógica. Após esta concretização de currículo e formação de profissional, a EF ainda sofre uma divisão dentro da sua ementa, e em 1987 ela é classificada em Bacharelado e Licenciatura, esta última, remete a uma disputa de campo profissional que ocorre até os dias de hoje. Vale ressaltar que me apoio no Documento Orientador Curricular do Território Riograndino que está alicerçado na BNCC. Assim como é apontado no Referencial Curricular Gaúcho, considera-se ser de fundamental importância “[...] legitimar a Educação Física como componente fundante do ser social, cultural, emocional, afetivo e cognitivo” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p.110).

A Educação Física escolar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe o desenvolvimento de práticas corporais, a partir de três elementos: movimento corporal como elemento essencial; organização interna pautada por uma lógica específica; e o produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento e/ou com o cuidado com o corpo e a saúde. Nesse sentido, a Educação Física apresenta o desenvolvimento de habilidades e competências importantes para ampliar a consciência dos movimentos corporais, dos recursos para o cuidado de si e dos/as outros/as e, também, para desenvolver a autonomia, bem como a participação mais confiante e autoral na sociedade.

De acordo com a BNCC, o ensino da Educação Física na escola, passa a privilegiar oito dimensões do conhecimento: a EXPERIMENTAÇÃO refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. USO E APROPRIAÇÃO referem-se ao conhecimento que possibilita ao/à estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. FRUIÇÃO implica na apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, além das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos. REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. CONSTRUÇÃO DE VALORES vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. ANÁLISE associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). COMPREENSÃO associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. PROTAGONISMO COMUNITÁRIO refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os/as estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social.

Cada prática corporal compõe uma UNIDADE TEMÁTICA, a qual é abordada ao longo do Ensino Fundamental, partindo do contexto comunitário e regional para

práticas realizadas no Brasil e no mundo, dentre elas aquelas de matriz indígena e africana. A seguir estão apresentadas as seis unidades temáticas: Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginásticas; Danças; Lutas e Esportes de Aventuras.

O Coletivo de Autores (SOARES et al., 1992) abordou o conceito da cultura corporal a partir da lógica Materialista-Histórico-Dialética, afirmando que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”. (p. 62).

A teoria Educação Física junto com as demais áreas de conhecimento, morais e intelectuais passam a formar um alicerce consolidado dentro das escolas. Entretanto, vem sofrendo algumas alterações curriculares nos últimos anos, com a redução de carga horária e até sendo dispensada em algumas instituições. A Educação Física oportuniza que o sujeito conheça, desfrute e se adapte sobre o saber corporal, sobre o movimentar-se, sobre se posicionar dentro da escola, sobre opinar em relação ao meio em que vive. Ela pode despertar interesses, sobre fazer atividades físicas, os jogos, os exercícios corporais, dando autonomia para este corpo que fala. Segundo a autora, cultura corporal se refere ao “amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção de práticas expressivo-comunicativas, essencialmente subjetivas que, como tal, externalizam-se pela expressão corporal” (ESCOBAR, 1995, p. 94).

Desse modo, a Educação Física Escolar, quando não resumida apenas a prática de alguns esportes, pode sim, ser um centro de convivência favorável para o aluno. Entretanto, só será proveitoso se o professor de Educação Física e a escola tiverem a sensibilidade para o desenvolvimento de partilhas entre esses indivíduos, pois como descreve Piccolo (1993):

O principal papel do professor, através de suas propostas, é o de criar condições aos alunos para tornarem-se independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação. Assim, poderá se pensar numa Educação Física comprometida com a formação integral do indivíduo. Dessa forma, pode-se enfatizar o papel relevante que a Educação Física tem no processo educativo. O que, na verdade, ameaça a existência desta disciplina nas Escolas é a sua falta de identidade. Ela sofre consequências por não ter seu corpo teórico próprio, isso é, a informação acumulada é vasta e extremamente desintegrada por tratar-se de uma área multidisciplinar (p. 13).

Ao apresentar as concepções acerca da Educação Física, percebo que existem pontos em que a EF é potente no que diz respeito à valorização dos atores sociais,

tornando-os participativos, atuantes e com autonomia em suas ações e pensamentos, a fim de atingir a formação integral do indivíduo. Nesse sentido, constato que é uma questão central da Educação Física Escolar, sendo verificada como fundamental para a efetivação da Educação Estético-Ambiental. Assim, dando continuidade ao diálogo, apresento o entendimento de Educação Estético-Ambiental. Parafraseando Silva (2020) a autora fala que a EEA contribui para que se faça uma leitura da essência do ser humano no mundo. Por meio da percepção da corporeidade, atrelada a uma constante dialética e, ainda, para completar a autora pensa em uma Educação Estético-Ambiental, em que o professor poderá instigar as crianças a desenvolver e/ou aperfeiçoar o senso crítico, de forma lúdica, trabalhando ao mesmo tempo com as sensações e o senso crítico. (p.25). Para corroborar com o pensamento de Silva (2020), Duarte Jr (2000) expõe o saber sensível, ou seja, a Estesia que nada mais é que a arte de sentir.

Assim, como a Educação Física Escolar a Educação Ambiental também possui conhecimentos que contemplam os conceitos sociais, morais, éticos e estéticos. A EA apresenta como princípios básicos conforme art. 4º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 (PNEA – Política Nacional de Educação Ambiental):

- I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III – o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

Portanto, com as aulas de Educação Física não seria diferente, se tornando assim, mais um espaço para debates e discussões, pois acredito que há necessidade de entender e aplicar o processo pedagógico. Neste sentido, a Educação Física abrangeria todos os fatores que cercam este indivíduo/a, resultando em atividades articuladas que envolvam a prática pedagógica da Educação Estético-Ambiental. (DOLCI e MOLON, 2015; 2018). Desse modo, verifico que ainda há pouca aproximação entre os profissionais de Educação Física com a área de conhecimento da Educação Estético-Ambiental, com o cotidiano e cultura dos discentes e com os locais que estão inseridos, não levando em consideração as diferentes relações sociais que os cercam.

5.1 A dinâmica do jogo: percebendo a Educação Estético-Ambiental

Estético-Ambiental/ é a nova educação/ se avexe não, gente/ vou lhes passar a lição/ é coisa linda, garanto/ vai aquecer o coração./ Ela preza pelo outro/ valoriza os sentidos/ educa pela arte/ com êxitos obtidos/ com o cordel, o teatro/ todos comprometidos./ Comprometidos com arte/ com fazer acontecer/ ensina para a vida/ como ela deve ser/ através da educação/ a transformação fazer.

(SILVA 2020)

É com este lindo cordel que inicio este capítulo, que retrata a minha percepção do que é a Educação Estético-Ambiental (EEA). Não poderia ser diferente, ela é advinda da Educação Ambiental, uma área do conhecimento muito ampla, que pode percorrer por diferentes áreas de ensino, a EEA vem ganhando espaço por estudos e pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas por diversos autores. Vale ressaltar que no livro “Experiências didático-pedagógicas com educação estético-ambiental na formação acadêmico-profissional” (FREITAS; BRIZOLLA; MELLO; OLIVEIRA, 2020); Pablo René Estévez, ao escrever o prefácio do referido livro, afirma que existem quatro núcleos fundamentais de desenvolvimento da Educação Estético-Ambiental: dois no Brasil, um no Chile e um em Cuba. Assim, no Brasil são os “núcleos: en la Universidad Federal de Rio Grande (FURG), encabezado por las profesoras Elisabeth B. Schmidt y Luciana Netto Dolci; en la Universidad Federal de la Pampa, encabezado por las profesoras mencionadas y el profesor colaborador Wagner Terra” (FREITAS; BRIZOLLA; MELLO; OLIVEIRA, 2020, p.23-24). O núcleo do Chile é formado “en la Fundación Agencia Latinoamericana para el Desarrollo de la Educación Ambiental (ALDEA, Chile), encabezado por los profesores Lurima Estevez Alvarez y Eduardo A. Quiñones Quiñones” (Ibidem). O quarto núcleo está localizado em Cuba, “y en la Universidad Central Marta Abreu de Las Villas (UCLV) y la Filial de la Asociación de Pedagogos de Cuba (APC) en Villa Clara, encabezado por el autor y el profesor Pedro R. Rodríguez Moreno” (Ibidem). Nesse sentido, é válido dizer que o professor Pablo René Estévez foi o autor que influenciou o surgimento desses quatro núcleos, motivando com pesquisas e práticas pedagógicas que a Educação Estético-Ambiental se multiplicasse e conseguisse preencher as lacunas existentes nessa área do conhecimento.

Confesso que a dinâmica da Educação Estético-Ambiental não é um termo familiar, pois ainda não tinha o conhecimento suficiente para compreender a sua definição. À medida que fui lendo e pesquisando sobre o tema, percebi que ele atravessa inúmeras esferas pedagógicas, ele contempla o olhar e o saber sensível, diante de

atividades, sejam elas cotidianas ou não. Talvez seja por isso que encanta e não consigo enquadrá-lo em um determinado espaço/lugar. Percebi que já venho trabalhando com a questão do olhar sensível em minhas atividades como professora e, percebendo o aluno para além daquilo que está a mostra. Aqui tive consciência de que o meu olhar é voltado para o que dizem os autores sobre a Educação Estético-Ambiental, enxergar o indivíduo como um todo, que faz parte de toda uma sociedade como acrescenta Dolci (2011) “o Estético Ambiental busca despertar as consciências adormecidas, com o intuito de (re)sensibilizar o ser humano, reavivar-lhe a capacidade de vivenciar a experiência de profunda interação com o todo que o cerca [...]”. (p.136).

Desse modo, compreender que é preciso existir uma sistematização entre os eixos, o/a professor, a família, lembrando que enxergar os diferentes arranjos familiares é parte fundamental neste processo do saber sensível, e o outro eixo é o coletivo laboral são eles as engrenagens para que funcionem. Echeverri (1997) descreve “uma metodologia de Educação Estético-Ambiental centrada na dimensão da corporeidade no mundo da vida, na estetização dos conteúdos, na racionalidade emotiva e afetiva e na superação do cientificismo”. (p.219).

Outros apresentam a Educação Estético-Ambiental de modo implícito inserido nas possíveis consequências da Educação Estética, como Amorim, Jardim e Souza (2010) ao referenciar. A arte se torna em uma potente linguagem para experimentação. Desse modo, Dolci e Molon (2018, p. 801) trazem o conceito de Educação Estético-Ambiental que “é o processo de desenvolvimento e emancipação das dimensões humanas por meio de experiências significadas em um contexto histórico e social, que propicia a práxis nas relações sociais, políticas e culturais”. Este conceito vai ao encontro com o que explana o professor Estévez (2003) ao relatar que “a atividade criativa é multifacética e rica por sua essência”. (p.51).

É esta essência que está sendo deixada de lado, ignorando-a durante o processo docente-educativo. O que leva a pensar que a arte e a corporeidade estão em nós, devido à nossa ancestralidade. As pessoas se expressam de várias maneiras e o corpo é a casa de cada uma delas, é uma morada real e vital que “fala” como diria o autor Pierre Weil (1973) do livro “O corpo fala”. É uma fala silenciosa, porém potente e vibrante, que desvela sentidos e significados de cada indivíduo, de cada ser vivo.

6. O placar entre a Educação Estético-Ambiental e Educação Física Escolar: o estado da arte

Para poder compor este capítulo e tentar descobrir o que vem sendo publicado sobre a Educação Estético-Ambiental e Educação Física escolar, primeiramente eu precisei entender do que se tratava o Estado da Arte e qual o significado do mesmo, ou seja, o estado da Arte é uma pesquisa bibliográfica sobre a temática que irei pesquisar. Conforme evidencia Ferreira (2002, p. 258), essas pesquisas, “são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar”.

Comecei a busca na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) <https://www.periodicos.capes.gov.br/> e, também, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. A pesquisa aconteceu no dia 23/05/2020, utilizando hífen (elemento de ligação entre palavras) para o descritor, por exemplo: “Educação Estético-Ambiental”, o que ocasionou em nenhum resultado encontrado. Sendo assim, optei por começar a procurar na plataforma da CAPES com seis descritores, sem a utilização do hífen.

Primeiramente em “todos os campos”, ou seja, artigos, dissertações e teses publicados a partir da data de 2010¹² até 2020 são eles: (1) Educação estética ambiental e Educação Física; (2) Educação estética ambiental, Educação Física e Metodologia pedagógica; (3) Educação estética ambiental, Educação Física e Metodologia da Educação Física; (4) Educação estética e Educação Física; (5) Educação Ambiental e Educação Física; (6) Educação estética ambiental, Educação Física escolar e Corporeidade. Prefiri dividir a pesquisa bibliográfica seguindo a etapa que realizei, deste modo, comecei pelos resultados encontrados na plataforma da CAPES conforme mostra a Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Levantamento da quantidade de artigos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos.

Descritores	Artigos	Dissertações	Teses
Educação estética ambiental; Educação Física.	0	0	0

¹² Escolhi este critério devido às mudanças que a Educação Física vem sofrendo ao longo da última década. Com a implementação/alteração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Educação estética ambiental; Educação Física; e metodologia pedagógica.	0	0	0
Educação estética ambiental; Educação Física; metodologia da Educação Física.	0	0	0
Educação estética; Educação Física.	4	0	0
Educação Ambiental; Educação Física. .	0	0	0
Educação estética ambiental; Educação Física escolar; corporeidade.	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Como demonstra a Tabela 1, em apenas um dos descritores Educação estética e Educação Física (EF) foi possível encontrar 04 artigos. Isso demonstra que o tema ainda é muito recente no campo da Educação Física.

Ao refazer a pesquisa com os seguintes descritores: Educação Estético-Ambiental e Educação Física escolar não obtive resultado satisfatório em ambas as plataformas de busca. Assim, posso dizer que tanto na CAPES quanto na BDTD não encontrei artigos, teses e dissertações que contemplassem a busca realizada. Sob este aspecto, ratifico que a temática em investigação não apresenta estudos publicados. Como pode ser evidenciado na Tabela 2 abaixo:

Tabela 2: levantamento de artigos e teses com a utilização do hífen nos últimos dez anos, nas plataformas CAPES e BDTD.

Descritores	Artigos	Dissertações	Teses
Educação Estético- ambiental; Educação Física escolar.	0	0	0

Dentre os 04 artigos acessados, posso perceber que as pesquisas se concentram e estão divididas entre as regiões Sul, Sudeste e Nordeste. Ainda neste contexto, existe

uma lacuna de quatro anos em relação ao próximo trabalho publicado. O que mais se aproxima com a minha temática é o Artigo 01 publicado no ano de 2012, que o autor discorre sobre a dança e o sentido estético em discussão. Os demais após a leitura do título e resumo foram analisados, porém não estabelece total ligação com a temática em estudo. Vale elucidar que o Artigo 02, o autor relata a questão à formação inicial de professores de Educação Física; o Artigo 03, o autor aborda a questão do esporte/ciências e o capitalismo e por último o Artigo 04, o autor trata a relação entre corporeidade e atividades circenses. Posso perceber que há poucos trabalhos publicados nos últimos dez anos entrelaçando a Educação Estética e Educação Física, como pode ser observado na Tabela 3 abaixo:

Tabela 3: levantamento da origem e o ano em que os artigos foram publicados

Ano de publicação do artigo	2012	2013	2017	2018
Localidade				
Artigo 01 Universidade Estadual de Paraíba/PB.	1	-	-	-
Artigo 02 Universidade Comunitária da Região de Chapecó/SC.	-	-	-	1
Artigo 03 Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ-UFRJ.	-	-	1	-
Artigo 04 Universidade de Campinas UNICAMP	-	1	-	-

Fonte: Elaboração própria.

A partir de agora, minha pesquisa se encaminhou para Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) esta etapa eu iniciei no dia 26/05/2020 com os mesmos descritores utilizados na CAPES, a saber: (1) Educação estética ambiental e Educação Física; (2) Educação estética ambiental, Educação Física e Metodologia pedagógica; (3) Educação estética ambiental, Educação Física e Metodologia da Educação Física; (4) Educação estética e Educação Física; (5) Educação Ambiental e Educação Física; (6) Educação estética ambiental, Educação Física escolar e Corporeidade. Aqui a procura se deu da mesma forma, iniciei utilizando “todos os campos” da plataforma a partir do ano de 2010¹³.

¹³ Escolhi este critério devido às mudanças que a Educação Física vem sofrendo ao longo da última década. Com a implementação/alteração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Tabela 4: levantamento da quantidade de dissertações e teses nos últimos dez anos

Descritores	Dissertações	Teses
Educação estético-ambiental; Educação Física.	2	2
Educação estética ambiental; Educação Física; e metodologia pedagógica.	0	0
Educação estético-ambiental; Educação Física; metodologia da Educação Física.	0	2
Educação estética; Educação Física.	2	1
Educação Ambiental; Educação Física.	179	
Educação estética ambiental; Educação Física escolar; corporeidade.	0	0

Fonte: elaboração própria.

No que tange o descritor Educação Estético-Ambiental e Educação Física na plataforma “todos os campos”, foram encontradas duas dissertações e duas teses e as mesmas se repetem em outros descritores como Educação Estética e EF e ainda Educação Estético-Ambiental e EF e metodologia da EF.

Como foi mencionado anteriormente, utilizei na plataforma “todos os campos” e limitei a data, deste modo no descritor Educação Ambiental (EA) e Educação Física (EF), foram encontrados cento e setenta e nove trabalhos entre dissertações e teses, os mesmos foram verificados e analisados a partir do título, do resumo e das palavras-chave. Entretanto, uma parte dos trabalhos se encaixam nas questões em relação a EF estética, performance, rendimento e resultados, ou seja, mais voltados para a área da saúde e bem estar, ou senão em relação a EA, as Dissertações e Teses são ligadas a questão dos cuidados com ecossistema, o meio ambiente, a natureza (fauna e flora), o que reflete o conservadorismo do meio.

No que se refere à localização das universidades onde foram defendidas as dissertações e teses, percebo a concentração na região sudeste e apenas uma tese na região centro-oeste e uma na região sul, conforme mostra a Tabela 5.

Tabela 5: levantamento da localidade das publicações de Dissertações e Teses.

Ano de publicações de dissertações e teses	2013	2016	2017	2018
Localidade				
Universidade Estadual de São Paulo	-	D1	-	-
Universidade Federal de Goiás.	T1	-	-	-
Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo.	-	-	T3	-
Universidade Federal do Rio de Janeiro.	D2	-	-	-
Centro Universitário Univates – Lajeado	-	T2	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Ao obter cento e setenta e nove trabalhos, analisei e verifiquei que os mesmos não contemplavam o objetivo desta investigação, sendo assim, planejei uma segunda pesquisa, utilizei na plataforma o critério “título” para que fossem encontrados trabalhos que estivessem próximos do objetivo desta pesquisa, conforme mostra a Tabela 6 abaixo:

Tabela 6: levantamento de dissertações e teses a partir do “título” nos últimos dez anos.

Descritores	Dissertações	Teses
Educação Estético-Ambiental; EF escolar.	0	0
Educação ambiental; EF escolar.	0	1

Fonte: Elaboração própria.

A tese encontrada foi defendida no ano de 2016 no Centro Universitário Univates de Lajeado/RS. A proposta do trabalho é a relação entre Educação Ambiental e Educação Física escolar: uma proposta de formação de professores a partir de vivências com a natureza. Entretanto, ela não se encaixa no tema em estudo, pois não aborda a questão da corporeidade e o estético-ambiental. Destaco que esta é a tese mais recente que aborda algumas questões sobre a EA e EF.

Ainda para uma maior redução foi utilizado o critério “assunto” na plataforma da BDTD, para o critério Educação estético; Educação Física escolar e Educação Ambiental e Educação Física escolar, onde foi encontrada apenas uma tese como mostra Tabela 7 abaixo:

Tabela 7: levantamento de dissertações e teses a partir do critério “assunto”

Descritores	Dissertações	Teses
Educação Estético-Ambiental ; EF escolar.	0	0
Educação Ambiental; EF escolar.	0	1

Fonte: Elaboração própria.

O que a tabela acima demonstra é que utilizando o critério “assunto” a plataforma elenca o mesmo resultado que o critério “título”, ou seja, isso evidencia que há poucas publicações relacionando Educação Estético-Ambiental e Educação Física escolar. Sendo assim, é promissor continuar investigando acerca deste tema a fim de preencher lacunas existentes quanto ao entrelaçamento da Educação Estético-Ambiental e da Educação Física escolar.

Tabela 8: levantamento total de artigos, dissertações e teses nos últimos dez anos.

Ano de publicação	2012	2013	2016	2017	2018
Artigos	1	1	-	1	1
Dissertações	-	1	1	-	-
Teses	-	1	-	1	-

Fonte: Elaboração Própria.

Para esquematizar a pesquisa bibliográfica que foi feita, optei por descrever e assim denominar por “A1, A2, A3 e A4” para Artigos “D1 e D2” para Dissertações e

“T1, T2” para Tese e, assim sucessivamente, escolhi dividir em grupos temáticos para uma melhor compreensão do que vem sendo pesquisado nos últimos dez anos. A partir da análise de conteúdo de Bardin (2000) uma pré-análise sem compromisso, depois exploração do material encontrado e, por último, observando títulos, palavras-chave e resumos, assim podendo filtrar o que mais se encaixa na pesquisa. Porém, as buscas não revelaram muitos trabalhos. Desse modo, apresento os trabalhos encontrados em três categorias, como mostra a Tabela 9 abaixo:

Tabela 9: Categorização dos Artigos, Dissertações e Teses

Categorias.	Codificação	Ano
Formação de profissionais de EF: um diálogo com o estético, o corpo e a EA.	A1	2012
	A4	2013
	A2	2016
	T2	2016
Educação Ambiental e Educação Física: o desempenho, o meio ambiente e o capitalismo.	D2	2013
	T1	2013
	A3	2017
Educação estética ambiental: possibilidades no campo da Educação Infantil, da arquitetura e da arte.	D1	2016
	T3	2017

Fonte: elaboração própria.

Ao observar a esquematização acima, percebo que mesmo com a utilização de vários descritores, os trabalhos encontrados são recentes, isso reforça o que foi mencionado anteriormente que o campo da Educação Estético-Ambiental e a Educação Física escolar não são explorados, nem andam juntos nas metodologias estabelecidas, mesmo a Educação Ambiental tendo uma amplitude que percorre ou pelo menos deveria em todos os campos da Educação.

Na categoria **Formação de profissionais de EF: um diálogo com o estético, o corpo e a EA**, foram encontrados três artigos e uma tese. Os trabalhos que possuem as palavras-chave são: A1, A2, A4 e T2. Desse modo, a autora do A1 ressalta a questão da Dança¹⁴: sentido estético em discussão, fala da beleza, da estética e da EF escolar. No trabalho A2, os autores buscam a experiência estética e a formação inicial de professores, aqui a proposta é relatar experiências dos professores da Educação Superior e qual as suas interpretações sobre a questão estética. O trabalho A4, a autora traz a vivência das atividades circenses nas escolas e ao mesmo tempo aborda como citado no resumo a Educação Corporal e Educação Estética. E, por último, T2, que também investiga a formação dos professores de EF escolar, a Educação Ambiental e o corpo, o autor trata da importância da formação de professores na Educação Física escolar, abordando saberes que pertencem a esta formação como a Educação Ambiental e o corpo.

Na categoria de **Educação Ambiental e Educação Física: o, desempenho, o meio ambiente e o capitalismo** estão organizados em um Artigo, uma Dissertação e uma Tese: A3, D2 e T1, eles estão embasados na questão da EF, a Gestão Ambiental e o capitalismo, porém em diferentes áreas de pesquisa. O A3, o autor traz a problemática de EF/Ciências e o capitalismo, buscando elencar o treinamento e o resultado a partir da ideia do capitalismo. Outra questão interessante que este grupo aborda são as políticas urbanas, ou seja, a justiça ambiental como relata as autoras da D2, este trabalho tem origem na disciplina de química e por último a T1, em que o autor destaca a questão de gestão do espaço urbano, vinculada a função socioambiental, fazendo uma reflexão sobre mais-valia-fundiária e a valorização do ambiente. Os trabalhos desta categoria assinalam uma tendência para a Educação Ambiental conservacionista, pois mostram pensamentos e afirmações que conduzem o leitor para o lado do conservadorismo ambiental, buscando maneiras de proteção ao meio ambiente, principalmente sobre uso dos recursos naturais.

E na última categoria denominada **Educação estética ambiental: possibilidades no campo da Educação Infantil, da arquitetura e da arte**, dois trabalhos evidenciam a qualidade do ambiente, tanto fisicamente quanto visivelmente para quem utiliza o mesmo. Então, na D1, a autora traz a questão do pátio escolar das escolas infantis e ainda avalia a qualidade ambiental. Junto a este trabalho está a T3 que

¹⁴ A dança é uma das cinco competências da área da Educação Física escolar.

a autora faz uma correlação entre a arte e o meio ambiente através de museus. Apesar de estarem nos descritores utilizados nas plataformas já citadas, eles não interagem diretamente com a minha temática.

A fim de poder fazer uma análise/ reflexão sobre os trabalhos encontrados dentro das plataformas citadas, destaco que os trabalhos ainda são recentes sob a perspectiva de que os profissionais não exploram a abordagem entre a Educação Estético-Ambiental e a Educação Física escolar, já que dos poucos trabalhos encontrados ainda não se tem uma definição do que venha a ser Educação Estético-Ambiental, pesquisa evidencia lacunas no que diz respeito à interrelação entre o ser humano e a natureza, ou seja, o homem, o corpo e a natureza como expõe Loureiro (2012):

O cenário no qual nos movemos, de coisificação de tudo e de todos, de banalização da vida, de individualismo exacerbado e de dicotomização do humano como ser descolado da natureza é, em tese, antagônico a projetos ambientalistas que visam à justiça social, ao equilíbrio ecossistêmico e à indissociabilidade entre humanidade-natureza. (p.104).

Percebo ainda que os trabalhos analisados estão pautados pelo conservadorismo, pelo tradicionalismo que é evidenciado a partir das análises realizadas. Desse modo, posso dizer que a Educação Ambiental que embasa os referidos trabalhos está dentro da concepção preservacionista. Vale ressaltar que não é a concepção que alicerço este estudo, no entanto, é importante trazer trabalhos dessa perspectiva para que possamos mostrar a diversidade desta área do conhecimento. Nesse sentido, penso que assim há um avanço e um fortalecimento no campo da Educação Ambiental, algo que se faz cada dia mais necessário nesta sociedade em que se vive.

Por fim, penso que a Educação Estético-Ambiental é uma possibilidade dentro dos espaços escolares a partir das aulas de EF. Assim, acredito o quão é importante e relevante discutir sobre questões ambientais, entendo que mais importante ainda é discutir e problematizar a questão do meio ambiente como um todo, ou seja, neste todo, está incluído o ser humano e suas subjetividades, suas sensibilidades e sua alteridade.

7. A escalação das jogadoras e do jogador, plano de jogo e estratégias: a metodologia

“As pessoas podem esquecer o que você fez, o que você disse, mas nunca esquecerão o que você as fez sentir.”

Fernando Pessoa.

Esta pesquisa de cunho qualitativo se deu por meio de encontros por videoconferências devido à pandemia do Covid-19 e o isolamento social. Os encontros tiveram início em outubro de 2021, porém os contatos para marcação das entrevistas se deram no final de 2020. Desse modo, a tecnologia traz hoje a integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um.

há indicadores que nos permitem argumentar a favor do currículo por projetos como uma matriz de mudança em potencial para aqueles segmentos da educação que entendem ser necessário recuperar a totalidade do conhecimento e romper com o conservadorismo das práticas pedagógicas repetitivas e acríticas. (KELLER-FRANCO & MASSETTO, 2012, p.12).

Devo informar que a partir deste capítulo, irei utilizar os substantivos jogadora e jogador, de modo que fique mais coerente com a analogia. As jogadoras e o jogador desta pesquisa pertencem a dois grupos, que serão compostos por professoras e professor de EF. O primeiro grupo foi formado por duas jogadoras e um jogador universitários, da área da Educação Física (EF), e o segundo grupo foi composto por jogadoras que atuam nas escolas municipais da cidade de Rio Grande/RS. O grupo das jogadoras e do jogador universitários consiste em um professor da Universidade Federal do Rio Grande-FURG que atua há quatorze anos na graduação, a segunda jogadora é da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL que atua há dez anos na graduação e a terceira jogadora é da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS¹⁵ que atua na graduação há quatorze anos.

¹⁵ A escolha destas instituições se deu pelo motivo devido a pesquisadora através da sua trajetória acadêmica, criou vínculos com a UFPEL e com a FURG, sua instituição de origem e a UFRGS pelo motivo de ter tido uma professora na FURG que se desvinculou e foi lecionar na instituição de Porto Alegre/RS.

Os critérios de inclusão para escolha do jogador e das jogadoras do primeiro grupo foram: que estivessem atuando em instituições com mais de cinco anos de atividade docente; que fossem formados em EF; além disso, em um dos encontros com a minha orientadora ela fez uma pergunta pertinente: Em quem tu gostarias de te espelhares futuramente como professora? Quero destacar que caberiam mais jogadoras e jogadores para compor este grupo, porém decidi trabalhar com apenas um de cada instituição. Ainda sobre o jogador e as jogadoras escolhidas, foram professoras e professor durante minha graduação e especialização e se destacavam como profissionais dentro das suas áreas. Ressalto ainda que fui questionada, em uma palestra que ministrei para uma turma de Pós-graduação no Instituto Federal Rio Grandense-CAVG: quais foram os critérios para a escolha dos teus professores participantes desta pesquisa? Ou seja, que tipo de comportamento foi priorizado, no caso das/o professoras e do professor selecionadas/o, que me levaram a escolha dos mesmos. Respondi que além de questões afetivas e da admiração para com as/o mesmas/o, a questão profissional dentro dos espaços em que elas e ele ocupavam. Eu sendo uma pessoa seletiva destaco a capacidade de aproximação e escuta que ocorreram e ocorrem, as partilhas de conhecimento e opiniões, acrescento que também a abertura para diálogos, discussões, a postura diante da turma o poder de aproximação. Acredito que assim são feitas as relações, ou seja, essas relações são constituídas de troca, de partilhas, e foi com base nesses quesitos que aconteceram durante a minha graduação e pós-graduação que fiz as minhas escolhas.

O segundo grupo de jogadoras foi formado por uma jogadora de EF que trabalha há onze anos com alunos e alunas do 8º e 9º anos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e também no Ensino Superior, a segunda jogadora trabalha no Ensino Fundamental com os Anos Iniciais, Anos Finais e Ensino Médio, ou seja, a professora trabalha há cinco anos em uma escola com alunos e alunas do 1º aos 7º anos e em outra escola trabalha com o 1º e 2º anos do Ensino Médio. Já a terceira jogadora trabalha na Educação Infantil e nos Anos Iniciais há quatro anos e já trabalhou no Ensino Superior. É importante destacar que todas trabalham em escolas da rede pública de ensino da cidade de Rio Grande/RS. O critério da inclusão das jogadoras do segundo grupo segue os quesitos: 1) que trabalhassem em escola pública; 2) atuassem no mínimo dois anos no ensino público; 3) que fossem professoras graduadas em Educação Física; 4) e as professoras precisam ter sido alunas na graduação dos professores do primeiro grupo,

ou seja, no segundo o grupo foram entrevistadas professoras que foram discentes dos docentes do primeiro grupo e que atuam na rede pública da cidade de Rio Grande/RS¹⁶. Acredito ser importante esta sequência, pois como estarei investigando as metodologias do professor e das professoras, de certa forma a maneira e o conhecimento que foi aprendido pelas mesmas. Como critérios de exclusão, elenquei três: professores não vinculados ao primeiro grupo. Bacharéis em EF, tempo abaixo de dois anos de docência.

Como plano de jogo, optei pela Pesquisa Narrativa, mesmo não tendo proximidade com a mesma. Sendo assim, participei de palestras e cursos que trabalham com esta metodologia e, assim, pude me arriscar e adentrar a esta metodologia acadêmica que há pouco tempo não era valorizada quicá conhecida como uma forma científica de pesquisa. Além do mais, o campo da narrativa amplia-se ao longo dos anos, ganhando espaço entre as pesquisas qualitativas, contrapondo-se ao modelo tradicional na construção dos dados, em que a maioria das entrevistas são perguntas estruturadas, não possibilitando aos narradores criarem seus próprios vocabulários. As características colaborativas que envolvem a Pesquisa Narrativa estão relacionadas a questão de interação, de troca, de partilha e, principalmente, o diálogo entre a/o entrevistada/o e a/o entrevistadora/o, assim como descreve Benjamin (1975):

processo narrativo o sujeito encontra-se implicado na série de eventos e acontecimentos evocados, ao passo que na descrição ele, na condição de sujeito, se encontra apartado do relato que adquire uma dimensão objetiva, descritiva e observacional. (p.197)

A forma oral de comunicar re-significa o tempo vivido, as coisas da vida, e concomitantemente a ela, emerge o passado histórico das pessoas a partir de suas próprias palavras. A partir deste olhar o importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que de fato é real para ela. Desse modo, a intenção foi provocar os sentidos das minhas jogadoras e do meu jogador, o sentido de reviver e rememorar situações e seus olhares. Nesta perspectiva, para auxiliar na construção dos dados, a minha estratégia foi à utilização de duas das quatro¹⁷ técnicas que constituem esta metodologia: a Entrevista Narrativa (EN) e a Carta Narrativa (CN).

¹⁶ Através do contato com as participantes e o participante do primeiro grupo, cada uma delas e ele me enviaram uma lista de possíveis ex-alunos e alunas que estão trabalhando no município.

¹⁷ A Pesquisa Narrativa consiste em quatro instrumentos para construção dos dados: o Diário de Aula; o Memorial Descritivo de Formação; a Carta Narrativa e a Entrevista Narrativa.

A EN consiste por momentos em que o narrador começa a contar a sua história, sem interrupções dos pesquisadores ou pesquisadoras, não há julgamento de certo ou errado, verdadeira ou falsa, pois o que se considera importante é o momento. Neste caso, o pesquisador ou a pesquisadora deve se atentar ao que é dito e, principalmente, ao que não é dito, os silêncios, as pausas, o tom de voz, a cultura corporal. Ou seja, as narrativas são momentos de intimidade, de desvelamento e de escuta. E, desta forma, combinar as histórias de vida com os contextos sócios-históricos. Assim como expõe Clandinin (2011):

Complexidades que se traduzem em negociações constantes que precisam ser estabelecidas entre o pesquisador os participantes e os contextos que envolvem os processos investigativos, no que se referem a relacionamentos, propósitos, transições. [...] São vidas e histórias em movimento – tanto dos participantes da pesquisa quanto dos pesquisadores, uma vez que a pesquisa narrativa tem como uma de suas características fundantes a relação – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados. (p.250).

Todo este processo necessita de uma dosagem de sensibilidade e organização para a execução, ou seja, um plano de jogo, em que se estabelece uma relação diáde. É importante o que acontece no momento da narração, o que a pessoa registrou de sua história, o que ela experienciou e vivenciou o que é real para ela. Assim como assinala Jovchelovich e Bauer (2010) de sua história de vida e do contexto do qual faz parte: “[...] sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2010, p. 93).

Como citado no início, devido à pandemia a realização das Entrevistas Narrativas se deu por meio de videoconferência com cada participante da pesquisa, estas entrevistas foram gravadas de acordo com a plataforma digital utilizada, ao todo foram seis encontros e os mesmos dependeram da disponibilidade de cada participante. Para compor a entrevista, foram feitos três questionamentos com perguntas exmanentes, conforme Clandinin (2010) que são perguntas amplas sobre o assunto que eu queria pesquisar que são elas: **(1) Na tua trajetória docente, quais aspectos/situações te constituíram como professora ou professor de EF? (2) Fala-me sobre tuas experiências como professora /professor acerca das aulas de EF; (3) Quando começaste a tua experiência em sala de aula quais expectativas almejavas e quais foram concretizadas?** Ao mesmo tempo, durante a Entrevista Narrativa, pude fazer perguntas imanentes, as participantes e o participante que são perguntas específicas

sobre o assunto. Aqui nesta pesquisa estas perguntas iminentes variaram de acordo com cada narrador, ou seja, segundo Clandinin e Connely (2011) essas perguntas iminentes são resultado dos temas levantados pelas informantes e pelo informante. Algumas delas: **Se gostava de praticar esporte? O que aconteceu para trocar de instituição? Qual foi o maior desafio dentro da sala de aula?**

A segunda estratégia de jogo foi a Carta Narrativa, um dos meios de comunicação mais antigo que existe na nossa sociedade, se tornando um instrumento fundamental na pesquisa, principalmente na formação de professoras e professores, ela pode ser endereçada a alguém ou alguma coisa. De acordo com Camini (2012):

as cartas são escritas e se impuseram na história como documentos, evidências históricas.[...] é visível que escrever cartas é uma tradição secular e que foram escritas com diferentes propósitos, como o de informar grandes descobertas, declarar amor ou saudade, articular uma guerra, descrever lugares. (p. 56).

Através das cartas, podemos ter ligações diretas com o leitor, pois por meio delas, expressamos diversos sentimentos, informamos, elogiamos, declaramo-nos, agredimos, desculpamos, ofendemos, retratamos. A Carta se torna um instrumento amoroso, político, histórico e social. Desse modo, a carta também é uma estratégia pedagógica de uso fácil. Sua linguagem é determinante, de acordo com a intenção da/o escritora/o. Dada esta introdução ao referido documento, a estratégia de uso da Carta Narrativa se dará por meio de uma proposta da pesquisadora, onde a mesma propõe aos participantes que escrevessem uma Carta Narrativa endereçada à elas/ eles quando estavam no início da sua carreira docente, podendo aconselhar ou orientar o seu “eu” lá do início. As mesmas foram entregues via e-mail.

Após esta abordagem, parti para a análise dos dados produzidos, que se dará por meio de Análise Narrativa baseada nas concepções de Clandinin (2011) e Schütze (2013). Lembrando que minha inquietação é descobrir o que se revela nas metodologias pedagógicas das professoras e do professor de EF aqui pesquisadas/o.

O ponto determinante da Análise Narrativa (AN) é a interpretação dos dados, isso não significa certo ou errado, mas sim de realizar uma análise no sentido de abrir os sentidos. A Análise Narrativa proposta por Shütze permite que o pesquisador tenha acesso a algo fundamental à pesquisa que é a estrutura temporal e sequencial da biografia do narrador, sejam elas parte de processos maiores ou menores (SCHÜTZE, 2013). Isto é, a narrativa construída pelo entrevistado traz elementos para além do

processo analisado e, são justamente esses processos maiores e menores que contam sobre o sistema de relevância do entrevistado e como eles influenciam na forma como ele vive determinado fenômeno.

A AN delinea uma maneira bem didática de analisar os dados, primeiramente são cinco tópicos que constituem esta análise. Após a transcrição separa-se o material indexado do não indexado: O primeiro corresponde ao conteúdo racional, científico, concreto de quem faz o que, quando, onde e porque, ou seja, é ordenado (consequentemente é de ordem consensual, coletiva); o segundo, o material não indexado vai além dos acontecimentos e expressam valores, juízos, refere-se à sabedoria de vida e, portanto, é subjetivo. Na etapa seguinte, utilizando o conteúdo indexado, ordenam-se os acontecimentos para cada indivíduo o que é denominado de trajetórias. O próximo passo consiste em investigar as dimensões não indexadas do texto. Em seguida, agrupam-se e comparam-se as trajetórias individuais; e o último passo é comparar e estabelecer semelhanças existentes entre os casos individuais permitindo assim a identificação de trajetórias coletivas. Além disso, depois de feita esta esquematização dos tópicos, a entrevista é dividida em três colunas, na primeira coluna colocamos a transcrição total e original, já na segunda coluna, faz-se uma redução do conteúdo (aqui entra a questão do sensível) e na terceira coluna, preenche-se com palavras-chave. Cabe ressaltar que nesta análise, entra a interpretação do que não foi dito, do que não foi comunicado verbalmente.

Para a realização desta pesquisa, foi utilizados os Termos De Consentimento Livre e Esclarecido para os/as professores/as e a ficha de dados de identificação, ambos se encontram no (Apêndice A e B). Ainda sobre a pesquisa a mesma já foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa sob o número do parecer 5.019.877 na data de 17 de setembro de 2021.

8. A Chave de Grupos: Análise Narrativa

Tentei ser fiel ao descrever os momentos e espaços nos quais percorri, pois, por meio do ensino remoto, podemos adentrar nos espaços mais íntimos das pessoas, isso muitas vezes assusta e inibe comportamentos. A ideia não é dizer o quão bonito ou bem instalado é o lugar e sim, descrever o lugar como forma de segurança e aconchego para a/o participante. Devo lembrar que, na Pesquisa Narrativa ou na Análise Narrativa não

existe verdadeiro ou falso; certo ou errado, não estou aqui para julgar ou estabelecer juízo de valor, aqui se apresenta a história da narradora e do narrador. Ao fazer o processo das análises cuidadosamente, consegui perceber e identificar seis tópicos em suas narrativas.

Evidenciaram-se duas categorias como: **metodologia (técnica¹⁸) privada** e **metodologia (técnica) pública**. E resultam destas duas primeiras categorias outras subcategorias que são: **as relações privadas e as relações públicas**. Entretanto, nas narrativas aparece quase que sutil a questão **da escolha dos nomes fictícios** para serem identificados na pesquisa. É um ponto bem simbólico. Sendo assim, faço-lhe uma pergunta: já parou para pensar sobre o seu nome e o que ele representa? Início a partir desta indagação a minha caminhada sob a perspectiva das análises que foram feitas com os dois grupos separadamente. Parto das **escolhas dos nomes fictícios** percorrendo pela **escolha do curso de EF** adentro nas categorias **metodologia (técnica) privada e metodologia (técnica) pública, depois discorro** sobre os “**uniformes que não cabem mais**” e finalizo com as **Cartas Narrativas**.

8.1 Os nomes e apelidos que nos representam dentro de um clube ou equipe

Percebo que em várias modalidades do Esporte, da Dança, da Ginástica, das Lutas, nos Jogos e também nos Esportes de Aventura, existem atletas que possuem seus apelidos e nomes ligados a alguma história, cidade, comida etc. A escolha de um nome advém das linguagens históricas. A partir da vida em comunidade surgiu a necessidade de nomear as pessoas. Os nomes pessoais são encontrados em todas as culturas conhecidas, desde seus mais antigos estágios. Provavelmente você que está lendo agora deve ter alguma história referente à escolha do seu nome, a primeira identidade nos dada. Em relação a identidade, eu entendo que cada pessoa é única e o que nos faz sermos essa pessoa são as experiências e vivências que nos atravessam, somos feitos de histórias, de contextos, de sentimentos, de pertencimentos e todas essas circunstancialidades nos fazem ser quem somos.

Eu assim como você também possuo uma história, meus pais gostavam de nomes longos, tampouco se chamavam Ana ou Flávio, porque geralmente as pessoas me perguntam isso, minha mãe se chamava Sandra e meu pai se chama Cláudio. Por

¹⁸ A palavra “técnica” aqui inserida faz menção a maneira que os técnicos conduzem seus jogadores.

curiosidade fui em busca do significado do meu nome, já que por muito tempo eu não o gostava e descobri que Flaviana é de origem romana e corresponde aquela que é “dourada ou de cachos dourados”, isso se torna interessante já que eu era assim quando nasci até os meus três anos de idade. Outra história interessante que posso contar que se contrapõe aos aspectos afetivos positivos foi a escolha do nome da minha irmã do meio, quando fui perguntada se queria ter uma outra irmã respondi prontamente que NÃO! Então, minha mãe carinhosa e delicadamente disse que eu poderia fazer a escolha do nome dela. Eu disse tudo bem. Na época em meados dos anos 90 tinham quatro apresentadoras que estavam no auge em programas infantis de TV. A Xuxa, a Eliana, a Angélica e a que eu mais gostava a Mara Maravilha, dentre essas possibilidades escolhi o nome da apresentadora que eu menos gostava que foi Angélica seu significado é “puro como um anjo” ou “aquele que se assemelha aos anjos” ou “angelical”.

Quando alguém escolhe um nome, ou da o nome a alguém, este ato possui um simbolismo, uma cultura ele é a nossa primeira identificação. Os nomes possuem significados e quando os participantes foram perguntados para escolherem um nome fictício para participar da pesquisa, percebi que os nomes escolhidos são extremamente importantes e afetuosos com simbolismo que vai além do escolher por escolher.

Deste modo, apresento a você Melica, que escolheu este nome devido a ser um apelido íntimo da sua irmã mais velha que também era professora de EF e faleceu há alguns anos. Acredito que este foi o primeiro momento mais delicado durante toda a nossa conversa e também percebo que na fala dela a saudade ainda se faz presente, talvez uma forma de homenagear sabendo que eu a conhecia e que fui aluna dela na graduação. Em seguida a Simone de Beauvoir se apresenta, a escolha deste nome veio por meio do livro que estava exposto em sua estante de livros, quando perguntada pela escolha, ela disse que se identifica com a autora¹⁹ e já que o livro estava ali de frente para nós... Para fechar o primeiro grupo vem o Xadrez, que escolheu este nome devido a sua prática dentro da escola e que ficou como um legado na mesma, ensinar xadrez na aula de Educação Física? Essa era a pergunta que ele mais ouvia.

Em seguida lhe apresento a Ceila, primeira integrante do segundo grupo, que escolheu este nome devido à sua primeira professora da vida escolar, quando questionada pela escolha disse que tem um carinho muito grande por sua professora e

¹⁹ Simone de Beauvoir foi uma escritora que lançou vários livros um deles O segundo sexo, famosa pela frase: não se nasce mulher torna-se mulher.

que gostaria de usar este nome, quem não lembra da sua primeira professora ou professor? Já a Alice no País das Maravilhas, escolheu este nome por conta de gostar muito do filme e do livro. E ainda para fechar o nosso grupo a Flor que escolheu este nome, por estar sempre em constante florescimento, também pelo fato do cuidado e crescimento.

Perceba que nas escolhas dos seus pseudônimos, as/o participantes, sutilmente demonstram um carinho, uma afetividade, afeição, um cuidado e ainda simbolismo, assim como a Educação Estético-Ambiental propõe, como um processo de emancipação do desenvolvimento das dimensões humanas, um nome pode representar uma cultura, um legado, assim como no livro “Eu, Tituba a bruxa negra de Salem”²⁰ nele quando a menina nasce seu pai adotivo escolhe o seu nome Tituba, um nome inventado que representava filha de sua vontade de sua imaginação e principalmente do seu amor não era nem axanti e nem fânti²¹.

O nome é a nossa identificação diante à sociedade, que nos diferencia e ao mesmo tempo nos identifica, um nome pode ecoar por meses, anos, décadas, milênios e a eternidade. Quando escolhemos um nome, estamos depositando expectativas, projeções, que derivam de nós para com os outros.

8.2 A escolha da profissão

“O processo de escolha de uma profissão é baseado na realidade do adolescente, que vive em família e que convive com “outros”, seus pares; que constrói a sua história sendo influenciado por seus pais e por terceiros; que tem que se decidir construir sua própria identidade e, ao mesmo tempo, tornar este um momento de união familiar, buscando apoio dentro e fora do seu lar”.
(SANTOS, 2005. p. 65).

Quando era criança sempre ouvia o que queria ser, qual profissão eu ia seguir, o que eu ia ser quando crescesse inúmeras ideias passavam pela minha cabeça. Lembro que ainda adolescente, queria trabalhar com turismo para poder viajar o mundo todo, em seguida comecei a me aproximar do esporte, gostando e praticando muito, me via como

²⁰ Romance da escritora Maryse Condé natural da ilha de Guadalupe, vencedora do New Academy Prize 2018 (PRÊMIO NOBEL ALTERNATIVO)

²¹ Povos originários de Barbados que guerreavam entre si nos anos 1692.

uma profissional de vôlei, porém com meus 1m e 69 cm de altura não teria tanto espaço para integrar a seleção estadual, nem a nacional. Comecei minha vida acadêmica no curso de Engenharia Civil da FURG. Entretanto, não me senti pertencente àquele espaço. Volta e meia o destino nos atravessa e mudamos a nossa direção. Quando perguntadas/o pela escolha do curso de EF, as respostas vão desde **a afetividade, o pertencimento até a formação continuada.**

Em relação a afetividade, as escolhas são reflexos de membros da família, no caso da Melica, a sua escolha se deu por meio de ver a sua irmã em ação dentro das escolas como ela mesmo retrará que “*Ah, muita influência da minha irmã, muita influência[...]*” diz ainda que se formou em EF influenciada pela sua irmã e também por acompanhá-la em diversos os momentos em que estava atuando como profissional de EF, “*porque eu acompanhava ela em quase todos os seus momentos*”, reforça que seguiu a carreira de profissional de EF por vê-la lecionar. Assim como Ceila que optou pela profissão de professora de EF por influência do seu pai que também é professor de EF. Ela relata que “*eu vivi isso desde criança. A gente cresceu, eu sou a filha mais nova. Ai o pai, sempre levava a gente junto*”. Os relatos se assemelham por meio da afetividade e dos laços criados com seus familiares Wallon (1986) entende que a primeira relação ao nascer é com o seu ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor (p.34). Ainda para corroborar trago Larrosa (2002) que vai salientar que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca ele ainda relata que passamos por processos de vivências ou falta delas, dentre eles: o excesso de informação; o excesso de opinião; a falta de tempo; a experiência é mais rara por excesso de trabalho. As rotinas criadas com os seus, no meu caso em relação à Engenharia Civil estava latente na minha vida por conta da profissão do meu pai que é construtor civil, algumas vezes ia com ele para as obras para “ajudar” com madeiras e tijolos, a lembrança que tenho é o cheiro que exalava da madeira de cedro/pinus novinhos. Aquela cor, um amarelo bem clarinho com marcas marrons pareciam mais carimbos feitos de rolha queimada. Nesse sentido, percebo que as escolhas têm a influência familiar como podemos verificar no caso da Melica e da Ceila, no entanto, me incluo, pois a minha primeira escolha também foi influenciada por um membro da minha família. Acredito que por sermos jovens e olharmos os adultos que são referências para nós, queremos seguir o mesmo ofício.

Trago o pensamento de Santos (2005, p.58) ao explicar a importância das relações afetivas na constituição humana, pois “a escolha é parte da definição da identidade ocupacional e [...] irá nortear os caminhos a serem percorridos e as escolhas futuras”. E, ainda, posso reforçar dizendo que “a identidade ocupacional forma-se através da auto percepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo da existência”, nesse caso a irmã e o pai por serem as figuras significativas na vida de cada uma das participantes. Nesse sentido, reforço com o pensamento de Freire que diz: “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (2002, p. 26).

Segundo Sá (2005) “A noção de pertencimento que aparece nos discursos e práticas de Educação Ambiental não é um conceito que já se encontre formal e racionalmente definido, do qual seja possível identificar uma nítida trajetória” (p.248). Sendo assim, a Simone de Beauvoir demonstra que se identificou com a EF, por meio das suas práticas extra escolares, por **pertencer** ao mundo das lutas como ela descreve “*eu fiz lutas, eu tinha praticado a minha adolescência inteira, minha a graduação inteira, né?*” Ela ainda afirma que tinha uma experiência corporal, assim ela chegou a se tornar faixa preta em Karatê, como ela diz: “*no sentido que, fora do mundo acadêmico, cheguei me tornar faixa preta em karatê*”. Ela já estava no meio da prática de lutas, pertencendo este mundo predominantemente masculino, ela fala que só pode fazer o Karatê quando criança se ao mesmo tempo fizesse Ballet. Deste modo, João Batista Mello, em seu trabalho intitulado “O triunfo do lugar”, destaca a relação sobre o Balé do lugar, o autor procura analisar as dinâmicas das interações sociais e as coreografias cotidianas (p.34). Penso que como Simone teve que reivindicar ao que era visto como masculino e ainda reforçar o seu lado feminino, principalmente quando o autor fala das coreografias cotidianas, Simone se encaixa nesse “ritmo” imposto, de certa forma se emancipando como indivíduo.

Em contrapartida o Xadrez se vê no mundo da EF por meio de **não pertencer** mais ao “mundo” das profissões relacionadas a tecnologias, como ele mesmo relata “*passei 4 anos fazendo processamento de dados[...]indo para o 5º ano, desisti. Não quero mais ficar aqui, e quero fazer outra coisa*”. E, ainda relatou que a maior influência em escolher EF foi um bar que tinha na escola onde estudava que lá possuía um bar com sinuca e também pelos jogos que a escola participava. “*E aproveitei que durante esses últimos dois anos de salinha de sinuca foi esse núcleo que me fez fazer*

Educação Física, não”. Ainda acrescenta que: “*Mas foi eh, o CTI²² tinha os jogos, que eles chamavam os jogos estaduais dos institutos do CTI dos colégios técnicos*”. Desse modo, os dois participantes retratam diferentes modos de pertencimentos, foram os ambiente, ou seja, os lugares que os fizeram escolher a EF. Sá (2005) compreende o pertencimento como um enraizamento físico e biológico do sujeito, ou seja, segundo a autora as pré-condições de vida, a compreensão humana é coexistente em um cosmos e um oikos²³. Ainda sobre a questão de lugar e pertencer, Santos (2005) enfatiza que o lugar é um *locus* da sociedade.

Diferente da Alice no País das Maravilhas que optou cursar EF pelo fato de dar continuidade ao seu processo docente, já que a mesma é formada em Pedagogia e investe em **uma formação que a complete, assim** relata que “*porque quando eu cursei pedagogia eu não tive cadeiras específicas para Educação Física, e em dois mil e quatro inicio a EF*”. Ela ainda acrescenta que “*a Educação Física, ela é tão desvalorizada nessa fase inicial, né? E é uma fase tão importante para desenvolvimento da criança, né?*”, mesmo sem saber Alice demonstra que trabalha a questão da EEA em suas práticas pedagógicas, pois é o desenvolvimento da educação dos sentidos em que a EEA “*prioriza o movimento de significação e objetivação dos sujeitos na história, ou seja, considera essencial o movimento sócio histórico dos sujeitos e as vivências concretas dos mesmos*” (DOLCI; MOLON, 2018, p. 801), como ela diz: “*Então, estar ali, nesse momento, junto com eles, vendo as descobertas eles se descobrindo, enfim, é algo que eu gosto é algo que me toca né?*”. Entretanto, a Flor expressa que precisava de um curso que fosse possível cursar, como ela relata: “*Eu precisava tentar um curso noturno porque eu tinha necessidade de trabalhar na época as possibilidades eram bem restritas, né?*” Aqui ela detalha que escolhe o curso por necessidade, principalmente financeiras. E ainda retrata um cenário que não havia muitas opções ou possibilidades para quem necessitava trabalhar como no caso dela. Isso vai ao encontro com que explana Santos (2005) sobre a questão do mercado e da sociedade, o autor descreve que: “*o mercado singulariza e a sociedade civil generaliza, ou seja, é o território em suas diversas dimensões e escalas, o lugar é a sede dessa resistência da sociedade civil*”. (p. 259).

²² Curso Técnico Integrado

²³ Significa casa, ambiente, habitado ou família.

Percebo que cada integrante desta pesquisa descreveu maneiras distintas sobre o porquê da Educação Física, demonstrando “os querereres” diferentes, isso faz parte da natureza humana porque somos diferentes, possuímos diferentes modos e arranjos familiares, contudo diferentes processos educativos e expressões de sentimentos, mas com os mesmos objetivos, ser o melhor de nós para exercer nossa função de professor em favor da emancipação e sensibilização que possam transformar cada ser humano em de fato humano, pronto para lutar por seus ideais, fazendo com que despertem a criticidade de maneira que possam ser mais. Tozoni-Reis (2004) nos faz refletir sobre o fazer educativo, e como vem se tornando muito mais desafiador essa tarefa de transformar esse humano utilitarista e egoísta em um ser humano consciente e crítico ao ponto de se sentir pertencente a uma natureza pela qual ele só usufrui.

8.3 O que revelam as metodologias pedagógicas das professoras e do professor do primeiro time?

Agora que as jogadoras e o jogador já foram apresentados, mesmo que só por nome, ainda sim preciso fazer uma apresentação mais formal, referente ao primeiro time da pesquisa, detalhada de cada um/uma e como foram os nossos encontros. Já conheces a jogadora Melica, e porque ela escolheu o curso de EF, porém quero que conheçam a profissional. Ela é uma professora, com 56 anos, 12 anos de docência, possui Doutorado em Educação e Ciência, Química da Vida na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atua no Ensino base, Técnico, Tecnológico (IBTP) e também no Ensino Superior na Universidade Federal de Pelotas. Melica nasceu em Canguçu/ RS interior da região Sul do RS, uma cidade próxima à Pelotas, se mudou aos três anos de idade para Pelotas/RS e se constituiu e se constitui até hoje, com algumas intersecções entre Rio Grande/RS – Pelotas/RS. A duração da nossa entrevista foi de quase uma hora e meia. Ela estava usando cachecol, óculos de leitura, cabelos castanhos escuros soltos e estava no que parecia ser uma cozinha, com azulejos bem claros e desenhados.

A Simone de Beauvoir a minha segunda jogadora, que você também conhece é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ela é formada em Educação Física-Licenciatura pela UFRGS, possui Mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tem experiência

na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: lazer, ciência e lutas. Era um dia frio, com temperaturas consideráveis, tanto aqui em Rio Grande/RS quanto em Porto Alegre/RS. A Simone de Beauvoir tem 38 anos, estava usando óculos de leitura, cabelos castanhos claros presos, um cachecol cinza enrolado em seu pescoço, ela trabalha há 10 anos na graduação, estava sentada de frente ao que acredito que seja uma janela, em um cômodo com uma iluminação natural muito boa, o ambiente era claro. Estava acompanhada da sua cachorrinha Cora. Nossa entrevista durou cerca de 45min.

A minha terceira entrevista durou cinquenta e oito minutos, e foi com o jogador Xadrez, já era noite quando nos encontramos, ele um professor de 43 anos nascido e criado em Rio Grande/RS que atua há 12 na graduação. Ele possui graduação em Educação Física pela ESEF, Especialização em Educação Física escolar pela FURG, Mestrado em Educação Física pela UFPEL e Doutorado pela FURG em Educação e Ciências. Estava vestindo um moletom universitário, na cor laranja, em um cômodo que parecia ser uma sala de estar com paredes na cor salmão, com iluminação artificial, havia um quadro muito bonito pendurado na parede à sua direita, com formas geométricas em cores vibrantes.

Devo salientar que nossos encontros em um primeiro momento se deram por aplicativo de conversa, com um participante de cada vez, após a confirmação da participação, resolvi fazer um grupo com todos os três participantes que denominei grupo de pesquisa número um. Assim, ficou mais fácil para poder saber as agendas deles e seus horários para dar início as entrevistas.

Feitas as apresentações formalmente, inicio a Análise das Narrativas, como foi citado anteriormente, a análise foi feita com os dois grupos separadamente, para uma melhor visualização das diferentes metodologias. Deste modo, consegui elencar em suas falas dois tipos de metodologias: **a metodologia (técnica) pública** e **a metodologia (técnica) privada** ainda dentro destas duas categorias emergiram mais duas subcategorias que as completam: **as relações públicas e as relações privadas**.

Inicio minhas análises a partir do olhar sob as metodologias (técnicas) públicas, devido ao empate que houve em relação ao começo das narrativas, decido descrever sobre as narrativas das metodologias públicas, pois, nunca trabalhei em instituições privadas. Devo lembrar que o meu problema de pesquisa está atribuído ao que revelam

as metodologias das professoras. No grupo das professoras universitárias e do professor universitário, as metodologias se mostraram timidamente entre as falas, com uma sutileza considerável, quase imperceptível em suas narrativas.

A partir de agora começo com a Melica e sua **metodologia (técnica) pública** que relatou sobre a sua prática com a formação de equipes na modalidade do handebol seu esporte preferido. Ainda sim, Melica fala sobre os diferentes olhares já que trabalhava em uma escola de vulnerabilidade social e em outra também pública, entretanto localizada em uma área considerada central, quanto a isso Melica me diz que *“comecei a ter acesso a outro modo de vida, porque a Z três tem outra lógica de se organização, de comunidade, então, pra mim foi começo, assim, de me sensibilizar pra essas diversas formas de ser professor com essa experiência que eu tive por uns cinco, seis anos”*. Perceba que a Melica faz uma comparação entre as duas escolas públicas que embora simples, há peculiaridades. Nesse sentido, Silva (2020) explana que é por meio das práticas pedagógicas que podemos abordar questões que emergem desses diferentes contextos. Esta fala vai ao encontro com as palavras de Catalão (2011) que exemplifica que o *“aprender não está mais ligado a memorização, e acúmulo de conhecimento e ainda reforça que as teorias pedagógicas precisam articular promover e conectar informações que possibilitem a aprendizagem”*. (p.16).

Já a Simone de Beauvoir comenta sobre suas ações ao afirmar que *“as minhas experiências são muito relacionadas a tentar ministrar a disciplina que leve o aluno a ser uma pessoa mais crítica e reflexiva sobre aquele conteúdo que eu estou ensinando, né”*, Sua metodologia implica no protagonismo do aluno e aluna, assim Catalão (2011) discorre da seguinte forma: *“percebe-se cada vez mais ser impossível separar os aspectos cognitivos das expressões emocionais e sociais presentes em todo processo de aprendizagem. “Fica também cada vez mais difícil separar quem ensina de quem aprende”* (CATALÃO, 2011 p. 16). Simone de Beauvoir acrescenta também que *“geralmente com experiências vamos falar assim que o aluno é o protagonista”*. Assim como explana Freire (1996) *“não há mundo sem homem e nem homem sem mundo, então não pode haver reflexão e ação fora desta relação homem/realidade”* (p.46). E dessa forma, a Educação Estético-Ambiental se estabelece, nessa relação do Ser protagonizar as suas realidades de modo que possa refletir sobre a mesma.

Por outro lado Xadrez lembrou sua metodologia quando começou a sua docência, diante dos alunos e alunas que não queriam participar das suas aulas em

relação a alguns esportes. Sobre isso, trago a seguinte fala do Xadrez: “*Quando eu dizia assim, não, todo mundo vai fazer e tinham alunos que falavam, mas eu não gosto, não tenho que gostar, vem fazer, vem fazer, aí eu parava a aula, até a pessoa se levantar do banco e vim fazer*”. Ele se utilizava do poder que ele tinha em mãos, sendo ele a autoridade diante dos alunos e alunas. Eu também, durante meus estágios me peguei tendo este mesmo comportamento de autoritarismo diante dos alunos e alunas e ao refletir sobre esse comportamento, muitas vezes instintivo, lembrei de Freire ao dizer que o caminho se faz caminhando, em comunhão, mediados pelo mundo, exatamente como aconteceu com Xadrez, ao refletir sobre sua ação e qual o movimento que ela poderia causar. Entretanto, na sua visão atual, ele reflete sobre a sua ação com os demais que estavam comprometidos a fazer a atividade descrevendo que: “*E aí, eu desconsiderava aquele que estava lá esperando né?*” Contudo, o compromisso, segundo Freire (2008), “está ligado ao ato de agir e refletir e ainda completa que se o indivíduo não reflete sobre estar no mundo, ele não é capaz de assumir compromissos”. (p.54).

Em determinados momentos Xadrez relata que os alunos e alunas não podiam questionar o porquê daquele conteúdo conforme a narrativa a seguir, ao discorrer que “*todos os trinta vão ter que fazer a manchete aqui do vôlei, porque é esse é o conteúdo, vocês não escolhem fazer conta de matemática, porque que tem que escolher coisa aqui, né?*” Admite que usava essa metodologia pedagógica para fazer a sua aula ter êxito. E completa ao dizer que: “*Eu usava essas, essa linguagem, esses recursos, né?*”. Quando Xadrez começou a sua carreira docente, eram esses mecanismos de controle para a realização de seus planos de aula. Isso é bem comum no início da docência, queremos que as atividades sejam feitas de maneira correta, sem exceções.

Xadrez ainda apresenta outra metodologia em suas aulas “*Ó, então, sai da aula e vai lá procurar a direção. Eu usava muito, eu usei muito desse subterfúgio, assim, no início, sabe? Ah, vai procurar.* O professor Xadrez destaca que que demorou a entender que na sala de aula é ele quem resolve, isso é comum quando iniciamos, até nos sentirmos confiantes e ter essa consciência e assim o professor confirma “*até aprender que não. Sala de aula, eu resolvo. A não ser que ultrapasse todos os limites possíveis*”. Citando Larrosa (2002) “A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que

correm: requer parar para pensar, parar para olhar [...]” (p.24) ademais, exercitar este olhar sensível para uma educação sensível para com o indivíduo.

Sendo assim, percebo que há uma timidez em relação as suas metodologias, elas e ele dão pequenas pistas sobre seu modo de ensinar. Ainda dialogando, Freire (1996) declara que precisamos fazer com que o formando desde o princípio mesmo na sua experiência formadora, nas palavras do autor “ele deve se assumir um sujeito da produção do saber e principalmente que ensinar não é transferência de conhecimento, entretanto o formando deve criar possibilidades para a sua construção” (p.13). E cabe ao professor ou professora se encarregar de criar esses espaços que contribuam para o desenvolvimento das dimensões humanas, por meio de atividades que perpassem por essas subjetividades.

Acredito que são os detalhes que fazem a diferença nessa construção de relações, a maneira como nos enxergamos e enxergamos o outro, o nosso entorno, pois é por meio destas conexões que nos constituímos como seres humanos. Sendo assim trago Larrosa (2002) ao afirmar que “parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação”. (p.24), e todo esse movimento pode nos perpassar, nos tocar e nos modificar. Parafraçando Duarte Jr. (2000) nossos movimentos e comportamentos ainda são primitivos em sua origem, porém com enorme potencial para ser desenvolvido, e é nessa premissa que agimos, nos dedicamos, a de aprender de captar as nossas essências.

Feitas as análises das **metodologias (técnicas) públicas**, como anunciei anteriormente, para você não se perder, parto para as **metodologias (técnicas) privadas**, do primeiro grupo, lembrando que essa sequência se deu por meio de desempate por essa que lhe escreve. As instituições de ensino privado possuem as suas próprias metodologias (técnicas) pedagógicas para o funcionamento da mesma. Não significa que todas percorrem o mesmo caminho. Aqui serão analisadas as metodologias da professora Melica e do professor Xadrez.

Desse modo, parto para as narrativas de Melica que relata sua experiência em uma escola de “prestígio” na cidade de Pelotas /RS, onde os recursos que a escola oferecia colaborava para o desenvolvimento satisfatório em suas aulas, “*o que tinha assim Flaviana, tudo que eu inventasse para trabalhar eu chegava lá e estava me*

esperando, então isso é um deslumbre né? Como experiência particular, isso é um dos pontos que toda professora e professor de Educação Física deseja em seu espaço de atuação, poder ter acesso aos mais diversos materiais para o desenvolvimento de suas aulas, ao contrário da escola pública onde na sua grande maioria, pelo menos nas que trabalhei, tínhamos que incrementar com o que nos era fornecido, a professora e/ou professor buscavam artifícios para conseguir desenvolver o seu plano de aula.

Por outro lado, Melica ainda descreve que: *“ele me exigia muito em termos de preparo, de dedicação e de planejamento”*. Eu enxergo isso como um ponto positivo dentro das metodologias, pois em alguns lugares nos quais trabalhei ou monitorei, se tinha o famoso como nós professoras e professores de EF chamamos de “largobol”, ou seja, um termo para designar a metodologia de largar a bola no pátio ou na quadra para as alunas e alunos e esperar o tempo passar.

Sobre as adaptações que a escola possuía Melica ainda acrescenta que a escola tinha toda uma estrutura tanto física quanto pedagógica para a execução das atividades conforme ela discorre a seguir: *“Eles tinham toda uma adaptação para trabalhar com crianças, tínhamos ginásio, uma adaptação toda para trabalhar com a educação infantil”*. E é nesse momento que aflora o seu encantamento com as crianças da rede infantil, como ela mesma descreve ao afirmar que *“e lá eu comecei a me encantar muito com isso para ver que tudo é possível desde que seja respeitada as características das crianças”*. E nesse respeitar as crianças, Larrosa (2000) vai nos interpelar com a seguinte citação: *“cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”* (p.24).

Xadrez relata que na instituição religiosa na qual trabalhava no início da sua carreira, tinha muitos problemas relacionados às suas metodologias, principalmente, com as/os responsáveis pelas/os alunas e alunos. Ele revela que tinha que passar por uma aprovação dos responsáveis pelos seus alunos e alunas, conforme narrativa a seguir ao dizer que: *“questão de justificar uma atuação para os pais ou seus responsáveis”*. Entretanto, o mesmo descreve que tinha a escola como respaldo em suas ações dentro da instituição e em suas aulas *“eu tinha a escola junto comigo”*. Acredito que ao dizer que a escola esta junto com ele, por ser uma instituição onde ele mesmo já estudou, a mesma o coloca em uma situação mais confortável no sentido de poder exercer algumas atividades.

Contudo, essa relação professor e o setor pedagógico de estarem juntos eram de certa forma, mascarada por visitas em seu espaço de aula, em seu ambiente de atuação. A fala a seguir de Xadrez demonstra isso, ao explanar que *“Na relação de sala de aula, por mais que eu recebesse visitas do setor pedagógico, porque é normal quando um professor entra na escola, ele recebe visitas da coordenação pedagógica”* E, como Xadrez evidencia *“ele vai lá espiar um pouquinho a tua aula um dia, passa duas semanas e vai lá de novo, sabe?”* É perceptível que na narrativa dele, ele não possui tanta autonomia assim, dentro da sua sala de aula, por mais que ele tenha uma boa relação de convívio com o setor pedagógico, ainda sim, se mostra monitorado pelo mesmo.

Outro fator que também atrapalha o desenvolvimento das aulas do Xadrez é a questão da intromissão dos responsáveis pelos alunos e alunas como citado anteriormente, em que os pais se envolviam em seus planos de aula e, principalmente, em sua maneira didática de exercer a docência. Sobre isso o Xadrez diz: *“Então, o pai dizendo qual era o conteúdo que tinha que trabalhar”*, interferindo, até mesmo, com ameaças, pois eles eram clientes daquela instituição. Percebo, que isso causava desconforto para ambos os lados, sobretudo quando a atividade era aquelas ditas “masculinas” como o futebol, como relata a frase que mais ouviu durante sua experiência nesta escola foi: *“Futebol é coisa de homem, é força física é diferente, né? Coisas que a gente escuta”*. Eram esses conflitos que Xadrez mais se deparava ao longo da sua trajetória docente naquela escola, entretanto, começou a tentar resolver esses dilemas dentro da sala de aula por meio da comunicação, conforme a frase a seguir. *“Então, esses conflitos da sala de aula, que eu fui tentando mudar, com essa comunicação”*.

O jogador Xadrez ainda descreve outro momento de sua metodologia, como ele relata: *“Comecei a ensinar xadrez para os alunos de seis e sete anos, e aí primeiro causou um espanto, né? Educação Física, o valor, né? Educação Física, jogar xadrez, não sei”*. O que o Xadrez em sua narrativa, penso eu, quer exemplificar é esse olhar limitado para a área da EF que ainda compromete o seu desenvolvimento, uns acham que é a hora de recreação, outros acham que é como uma recompensa e, assim, não por acaso que a utilizam como moeda de troca dentro do ambiente escolar envolvendo outras disciplinas.

Do mesmo modo, corrobora com o que conta o professor Xadrez sobre o seu trabalho na escola. “Então é um exercício de resistência também”. “Eu quero trabalhar com o jogo de xadrez, por esses motivos, por essas argumentações”. E ainda completa “um serviço de formiguinha, assim, de resistência. Vai de novo. E aí, a minha avaliação final tem a ver com o quê? Dentro do bimestre com o jogo de xadrez”. Percebo que o professor tem que buscar o seu espaço dentro da instituição e é um trabalho, minucioso, delicado e como ele descreve de “formiguinha”. Impossível não fazer comparações às experiências que tive ao longo desta minha caminhada como monitora/docente, os outros profissionais descaracterizam nossa importância dentro dos espaços e isso se torna muito cansativo, até conseguir descrystalizar certos comportamentos e hábitos lá se foram boa parte da nossa energia.

Igualmente, como expõe Del Vecchio (2008) “a EFE não é para um atingir recomendações mundiais para um Estilo de Vida Ativo [...] Mas na EFE temos um espaço incrível para ENSINAR sobre cultura esportiva, cultura corporal e auto cuidado por meio da atividade física.” (p.63). A EF oferece uma amplitude de conhecimento, ela pode ser trabalhada de forma plural, em diversas direções, principalmente focando na corporeidade do indivíduo, fortalecendo vínculos, sejam eles afetivos, sensíveis, sociais, históricos e culturais.

Dando continuidade à ordem da/do participante, adentro nas questões sobre as **relações públicas** que resultam das **metodologias (técnicas) pedagógicas públicas**, partindo da narrativa da Melica que relata sobre um período de sua docência em intuições e bairros com vulnerabilidade social assim como ela descreve:

na época, chamava de ASEMA,²⁴ hoje é outra ação, mas na época eram ASEMAS, né? Eu trabalhava em zonas de periferia da cidade aqui de Pelotas, era eu e outra menina, nós dividimos, eram nove zonas, Z três, mesmo, ah, Guabiroba, Pestana²⁵ enfim, as zonas de maior pobreza e vulnerabilidade social. [...] Isso pra mim se tu me perguntares, o maior marco que eu tenho dentro da minha carreira, docente, é a atuação que eu tive na cidadania (MELICA).

Quando leio este relato da Melica, é impossível eu não lembrar quando comecei como bolsista no CAIC (Centro de Atenção Integral a Criança e ao Adolescente) ele fica localizado dentro do perímetro do Campus Carreiros da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Foi uma das experiências mais potentes e latentes da minha vida, lá

²⁴ Apoio Socioeducativo Em Meio Aberto, eram os projetos localizados em áreas de vulnerabilidade social.

²⁵ Bairros com vulnerabilidade social na cidade de Pelotas/RS.

pude sentir e assistir de perto os diferentes acordos comunitários, de vida em sociedade periférica, algo que nunca tinha pensado antes. Assim como expõe Melica na sua narrativa *“eu nunca tinha trabalhado especificamente com a pobreza e a vulnerabilidade social, ou seja, lá eram lugares que as crianças iam porque não tinham alimentação”*. Pensando em todo contexto existente fora das salas de aula, acredito ser de extrema urgência uma educação que possua um olhar mais acolhedor, um olhar que se estenda para além dos muros da escola, um olhar Estético-Ambiental que segundo Silva (2020) é uma Educação que

[...] atua na essência do ser humano, tornando a sua capacidade de percepção de si e do meio em que se encontra aguçadas, num movimento dialético e pertencente, em que através de suas experiências e vivências, ele possa agir na sociedade de uma forma que possa transformá-la. (SILVA, 2020, p. 32)

Uma das frases que sempre digo é que existe uma Flaviana antes e outra Flaviana depois do CAIC. Assim, o meu relato corrobora com o da professora Melica. Quando ela diz que *“Então, foi digamos assim, o balizador maior da minha vida [...] eu era o antes e o depois da cidadania, né?”*. Com toda certeza foi lá que aflorou o meu olhar mais sensível, o meu ensinar mais voltado para uma educação sensível, uma Educação Estético-Ambiental. Claro que não conhecia este termo, assim como muitos não o conhecem, mas o fazem diante de suas experiências. Posso dizer que foi por meio destas experiências que a Melica e eu nos constituímos como pessoas e docentes. Ainda sobre essa sensibilidade Larrosa (2002) vai dizer que *“cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”*. (p.24).

A professora Melica acrescenta que *“era um mundo que eu não conhecia, mesmo sendo uma pessoa de classe pobre que já vinha da periferia também, mas eu não conhecia esse mundo”*. Por mais que segundo ela, venha de uma família humilde, as vivências nesses locais fizeram com que se sensibilizasse com o próximo e quando questionada sobre essas situações que fortaleceram e a constituíram como docente Melica descreve que *“[...] Flaviana, que as situações não são concretas, elas podem, elas vem a ser, elas se constituem à medida que a gente for fazendo elas”*. E continua ao dizer que: *“E eu acho que isso é o pensar um pouco diferente, é não se acomodar com as coisas como elas te mostram, é tentar entender por que as coisas constituíram*

assim? E como elas podem ser constituídas?” Na opinião da Melica, foi o fazer docente que fortaleceu as suas metodologias e as suas relações sociais.

Eu lembro quando comecei no CAIC, um dos meus métodos para poder me aproximar das alunas e alunos foi escutar o RAP e o HIP HOP²⁶ e ainda determinados artistas que representam o FUNK. A professora Melica ainda completa que *“A partir do significado que elas têm pra mim. Então, pensar diferente, pra mim sempre tá muito vinculado a isso, ao qual o significado que aquela experiência, que aquilo que tu tá vivendo tem pra ti e como tu vai fazer isso ter um significado”*.

No discorrer da sua narrativa Melica cita Larrosa, pois é um dos autores que embasam o seu fazer docente, como ela menciona: *“[...] Larrosa também diz o que é a noção de experiência né? Quando tu vives e te modifica, então pensar diferente e pensar que as experiências vão te constituindo a partir do que tu vais vivendo e permitindo modificar”*. E segue ao dizer: *“Por mais difícil que seja, porque as coisas formatadas são mais fáceis”*. Ela expressa aqui o sentimento de não se encaixar, não determinar a ação docente por modelos pré-estabelecidos a serem seguidos pelo comando dado, pois acredita na liberdade de escolha e de expressão, não somos feitos e nem devemos nos encaixar.

Lembra do primeiro momento delicado que tive com a Melica na escolha do seu pseudônimo? Olhei em seus olhos e disse, tu foste uma das minhas escolhas. Ela com lágrimas nos olhos respondeu: *“me sento lisonjeada e emocionada com carinho e que isso a fez ganhar o dia, a semana, já que as coisas não estão bem”*. A professora estava se referindo ao que eu chamo de **“segundo momento delicado”**. Quando ela fala da mãe dela que está com 86 anos e está com uma doença que não tem mais o que fazer senão acolher em casa (como mencionei anteriormente, a casa que ela estava era na verdade a casa da mãe) e dar todo o aporte e conforto necessários. Acerca de um mês, cuidando e confortando a mãe. Infelizmente a mãe dela veio a falecer uma semana após nosso encontro.

²⁶ A expressão *Hip* (quadril) e *Hop* (balançar) é uma gíria, conhecida pelos jovens do *Hip Hop*, como balançar o quadril. O Movimento foi criado pelas equipes de baile norte-americanas, com o objetivo de apaziguar as brigas e contrariedades frequentemente manifestadas pelos jovens agrupados em gangues. O termo *Hip Hop* designa um conjunto cultural amplo que inclui música (*rap*), pintura (grafite) e dança (*break*). O *rap*, sigla derivada de *"rhythm and poetry"* (ritmo e poesia), é a música do Movimento e constitui o seu elemento de maior destaque. *Mc* é a sigla de "Mestre de Cerimônia"; é ele que canta o *rap* e, na maioria das vezes, também compõe as letras.

O olhar docente da professora Simone de Beauvoir está mais voltado para a formação dos futuros professores e professoras que passam pelo seu caminho, assim como ela descreve a oportunidade de *“poder ofertar conhecimento para esses professores, poderem pensar sua atuação profissional enquanto professora”* e destaca a sua maneira de ministrar sua aula. Como ela relata: *“a minha experiência é muito relacionada a tentar ministrar a disciplina que leve o aluno a ser uma pessoa mais crítica e reflexiva sobre aquele conteúdo que eu estou ministrando”*. A professora insiste na metodologia e na relação em que o aluno e aluna são os protagonistas em sua aula, pois ela propicia o espaço favorável para a tomada de decisão, conforme a narrativa a seguir: *“geralmente com experiências vamos falar assim que o aluno é o protagonista”*. Simone apresenta uma grande preocupação em relação ao aluno/profissional, em suas aulas onde são protagonistas. Desse modo, a partir desta narrativa podemos assimilar junto com o argumento de Estévez (2003) que vai dizer que: *“é precisamente tarefa da educação estética estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca pelo valor estético, a formação do sentimento, do ideal e do correspondente gosto estético”*. (p.77).

Ainda sobre o ensino remoto, o atual momento que estamos vivendo, Simone declara que: *“pensar a situação e repensar e pensar de novo e aqui na licenciatura quanto o bacharelado as informações são um pouco diferente, né?”*. Em sua fala ela descreve que existem dois tipos de ensino, sendo um para a Licenciatura e outro para o Bacharelado. Entretanto, acredito que uma depende da outra, são áreas de conhecimento um pouco distintas, porém, reforço que no meu olhar uma necessita da outra.

Sei que é diferente assim como a professora exalta *“Porque é diferente, mas continuo com a mesma forma de atuar pensando, assim como acertar que esse aluno chegue nesse campo de atuação de maneira mais crítica e reflexiva”*, e continua ao dizer, *“que ele tem a capacidade de pensar naquele lugar e não apenas ofertar algum conteúdo pronto e acabado”*. Uma das premissas da EEA é que o aluno e aluna consigam enxergar com um olhar mais crítico para as dinâmicas que os cercam e a professora Simone de Beauvoir sem ter o conhecimento deste conceito já o faz. As palavras da professora Simone de Beauvoir vão ao encontro com Silva (2020) que descreve *“essa é uma educação baseada no Estético-Ambiental, uma educação que propõe despertar a criticidade, os sentidos e as sensações, bem como instigar o diálogo; uma educação pensada para além dos muros da escola”*. (p.86).

Xadrez descreve a relação afetiva com os alunos e reconhece que os alunos o ajudaram no início da docência e destaca que isso ocorreu principalmente na Universidade, como ele declara: “*Então, até pra quebrar esse gelo, né, eu acho que os alunos mais me ajudaram que eu tomei a iniciativa, né?*” Ainda continua “*aconteceu na FURG também [...] pessoas que depois e ou até hoje são meus amigos e minhas amigas e que foram alunos na época, dizem, professor, eu tinha medo de ti professor*”. E completa “*é muito ruim quando a pessoa diz que tem medo dela, né?*”. Nesta fala, percebo que existe um desvelamento que o Xadrez desconhecia, pois não tinha consciência de que causava tal sentimento. No entanto, vale reforçar que há uma abertura para ser dito o imprevisível, e torna-se extremamente importante quando o docente ou a docente permitem que o aluno ou aluna se aproximem e que possam sanar as suas dúvidas, as suas inquietações sobre determinados assuntos, particulares ou acadêmicos. Trago a seguinte verbalização que corrobora com o que estou me referindo:

O aluno que quebra o gelo, que te procura, faz uma piada, que te procure e brinca contigo, que no corredor ele te puxa pelo braço, e continua, fala uma bobagem, pega no pé, eu acho que eh são essas relações para além da aula, ou na própria aula mesmo, que fazem com que o gelo seja quebrado (XADREZ).

Certamente aqui está um dos pontos no qual me fizeram escolher o professor Xadrez para a minha pesquisa, isso já foi relatado anteriormente, contudo não custa reafirmar essa minha escolha e os critérios que a fizeram acontecer. Sobre a fala do Xadrez e sobre esse “quebrar o gelo” de que ele fala, damos o nome de um Educação Estético-Ambiental, essa educação que abre portas e corações, que abre mentes e braços, que aconselha e agasalha, que educa de maneira crítica, que prepara o aluno para o mundo, para que possa transformá-lo num lugar de igualitário, cheio de oportunidades. Uma educação que acredita que podemos ser sempre mais. Sobre isso Silva (2020) explana que:

Acredito nessa educação como forma de “humanização” do ser humano, em que os mesmos, embebidos pelo sentimento de transformação de si mesmo, façam o melhor por seus alunos em suas salas de aula, tornando-a não só um ambiente repleto de conhecimento e amorosidade, mas também de emoções, experiências e vivências. Um lugar imerso na sensibilidade, que é de fato o que constitui um ser humano dotado de amor e de compreensão por tudo que o cerca, pelo todo, pelo universo. (SILVA, 2020, p. 33)

Sobre ser um docente agregador e sensível é dar oportunidade de aproximação entre um aluno ou aluna consigo, e esse movimento, com certeza, faz toda a diferença, e

poder ter esta abertura dentro de uma Universidade onde muitas vezes os egos se afloram e não permitem esta aproximação, muitas vezes é a chave para que o aluno enxergue em si possibilidades que contribuam para a sua emancipação e transformação de sua realidade. Sobre a flexibilidade de poder mostrar o riso dentro da sala de aula Xadrez reforça que *“ter uma flexibilidade de um relacionamento, de poder sorrir de poder mostrar o riso, de poder se abrir eu posso dizer que eu demorei um pouco e os alunos me ajudaram muito nisso, mais do que eu ter encontrado rapidamente o jeito de dar aula”*. E assim ele se sentiu confortável dentro da sala de aula conforme a narrativa a seguir *“Então, até achar esse lugar confortável de atuação que pudesse mediar a responsabilidade de trabalhar com formação de professores”*. Esta verbalização se aproxima da concepção de Educação Estética (ESTÉVEZ, 2003), de uma educação estético-ambiental, de uma educação sensível que prioriza as relações sociais (DOLCI, MOLON, 2015). E, segundo Estévez (2003), “os professores geralmente não recebem cursos de estética e, portanto não contam com um arsenal teórico metodológico apropriado para revelar os aspectos estéticos de sua ciência, ou seja, isso tudo não brotará espontaneamente” (p.74), necessita-se de uma formação continuada em relação a estética, o autor ainda acrescenta que “educar para o bem e o belo seria o objetivo mais nobre que poderia enaltecer a educação” (p.75).

A Educação Estético-Ambiental é constituída por sensações, por vivências e experiências, e por muitas vezes tenho a necessidade de voltar a essas memórias para que você, caro leitor, possa situar-se. Sendo assim, vou narrar um episódio em que me lembro de uma vez por causa das paralisações que tiveram no início do ano de 2017, houve várias discussões e cheguei até ele, meu professor, para pedir prorrogação sobre as defesas dos projetos, lembro que fui mal educada com ele, para mim eu estava falando normal, entretanto me passei nas palavras, achei que poderia mudar nossa relação de aluna e professor, no entanto, conversamos depois que a poeira baixou. Lembro que ele disse que nunca pensou que eu poderia falar daquele jeito que meu comportamento não condizia com aquelas palavras e eu respondi que estava muito chateada com o que os professores e professoras estavam fazendo sem consideração. Essa recordação me fez pensar no quanto a educação do sensível pode agregar, tanto para aluno quando para professores, porque essa educação nos faz ver o mundo e outro sobre outras perspectivas, com outro olhar.

Pensando ainda sobre essa educação de relações, discorro agora sobre a análise que considerei como **as relações privadas** da mesma forma que as **relações públicas**. Início com a Melica que sutilmente dá alguns indícios sobre as suas relações privadas nas instituições, principalmente quando ela relata que no colégio particular em que trabalhou, ela podia pedir qualquer material que a escola tinha esse subsídio para o andamento de suas atividades. Como ela mesma relatou anteriormente que “*tudo que eu pedisse Flaviana, no outro dia estava lá me esperando, por outro lado eu era muito cobrada pelo conselho pedagógico, tinha que mostrar os resultados*” esses eram os prós e os contras de um “colégio nobre”. Você deve estar se perguntando e a professora Simone de Beauvoir Ela não participa deste grupo? Sim ela participa, porém como mostra na sua apresentação, ela não trabalhou em instituições privadas.

Para o fechamento do primeiro grupo sobre as **relações privadas**, completo com o professor Xadrez que trabalhou alguns anos na rede privada na cidade de Rio Grande/RS e descreve algumas situações e aspectos sobre este período. Ele recorda do comprometimento e da responsabilidade com que trabalhava dentro do espaço privado. “*É pela seriedade com que eu levava, né? Então, pra cativar os alunos, eu tive uma dificuldade nesse sentido, né? De saber me relacionar com os meus alunos*”. Muitas vezes o ambiente oferece um distanciamento entre professor e alunos, propicia que o professor não seja tão próximo dos alunos e alunas, faça apenas o seu trabalho. Contudo esse é um comportamento completamente ultrapassado, acredito que esse tempo já passou ou pelo menos já deveria ter passado, conforme nas falas anteriores do professor, ele relata que levou muito tempo para se desfazer desta postura docente. Um ponto que o professor Xadrez levanta em suas narrativas foi o de se impor dentro da sala de aula conforme a fala a seguir: “*É claro que às vezes, tu tinhas que te impor né? Eu tinha situações graves ali com alunos, né? Mas nada que estabelecesse uma relação de rivalidade, uma relação conflituosa, sabe?*”. Em sua fala, é demonstrado que mesmo sendo uma instituição privada, os conflitos acontecem com em qualquer outra instituição, acredito que até de maneira mais firme, impondo comportamentos e aceitações. Isso por que muitas vezes os alunos, as alunas e seus /suas responsáveis se denominam como cliente, e na lógica de lojistas e empresários, o cliente sempre tem razão.

Outro ponto que o professor aborda do início da sua docência e que para nós da EF é muito corriqueiro e emblemático o fato de querermos com que nossos planos de

aula saiam exatamente como planejamos, conforme a fala do professor Xadrez que diz: *“Porque eu queria que saísse do jeito que eu havia planejado aprendi na marra, que as coisas não são como tu planejas né? Que plano de aula existe pra que tu rasgues e faça outro, né?”*. E isso vai do Maternal até o Ensino Superior isso parece ser uma característica dos professores e professoras de EF. Posso dizer que já vivenciei esta experiência de planejar algo que achei extremamente fantástico e na hora de executar, não dar certo. . Sob este aspecto, entendo que realizar o planejamento é essencial e importante para a prática docente, pois como Freire (2011) declara, precisamos pensar e repensar a nossa prática para que consigamos avançar em ações melhores, isto é, precisamos ter a práxis diária na sala de aula, pois o planejamento é um alicerce fundamental para a construção de uma *“educação corajosa [...] de uma educação que leve o homem a uma nova postura de seu tempo e espaço”*. (FREIRE, 2011, p. 122).

Vale destacar uma fala do professor Xadrez que diz: *“as coisas não são como tu planejas né? Que plano de aula existe pra que tu rasgues e faça outro, né? Que efetivamente não acontece”*. Compreendo que nem sempre o que planejamos acontece como gostaríamos ou como queríamos, mas o planejamento é algo que será realizado, não é algo findado, concretizado, rígido, parado no tempo e no espaço, penso que este é o grande movimento da educação, da sala de aula, da docência de planejarmos e não sabermos se será contemplado pelos estudantes da maneira como pensamos. Destaco que o planejamento precisa vislumbrar práticas que sejam:

uma chave para abrir a comunicação [...] como consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. (FREIRE, 2011, p. 125).

Portanto, planejar exige pensar em pressupostos fundamentais para o desenvolvimento do processo, nesse momento, o professor precisa levar em consideração o estudante como sujeito ativo, participativo, bem como o contexto escolar, o perfil da turma, as individualidades, as diferenças, as limitações e os anseios e gostos dos mesmos. Nesse sentido, apoio o diálogo no pensamento de Veiga que diz:

Planejar o ensino significa pensar sobre algumas questões: Por que, para que e como ensinar? Quem ensina? Quem aprende? Quais os resultados do ensino? Mas não é só. E preciso ir além, a fim de evidenciar as relações entre

os processos sociais que repercutem no ato de ensinar. O planejamento do ensino não constitui apenas uma expressão técnica e linear (VEIGA, 2006, p.28).

Ressalto que com o planejamento diário, aliado a prática e com o conhecimento do contexto que estamos inseridos poderemos ter a participação mais efetiva dos estudantes no desenvolvimento do plano de ação para a aula.

Dando continuidade as apresentações das professoras jogadoras deste estudo, sigo com a professora Ceila, denominada como a quarta jogadora e primeira do segundo grupo, ela tem 34 anos, nasceu em Alegrete/RS, possui Licenciatura Plena em Educação Física e Mestrado em Educação ambos pela ESEF-UFPEL. Ceila atua na Educação Infantil e anos iniciais, atendendo a hora-atividade e Anos Finais do Ensino Fundamental e, também, no Curso de Ensino Superior privado Bacharelado. Nossa conversa teve duração de uma hora e vinte minutos. Ela estava com os cabelos soltos, óculos de leitura, cachecol cor de café com leite. O ambiente estava bem iluminado era dia, então a luz era natural. Ao fundo uma parede branca com palavras coloridas em azul, amarelo, verde, nos dizeres gratidão, fé, paz, afeto e carinho. Devo informar que Ceila foi aluna da professora Melica na graduação em Educação Física Licenciatura pela UFPEL. Nosso início de conversa permeou pela questão da tecnologia, em relação a chuva, já que no dia estava chovendo e isso atrapalhou a conectividade. Falamos ainda sobre a decoração ao fundo da sua sala, que chamou muito a atenção.

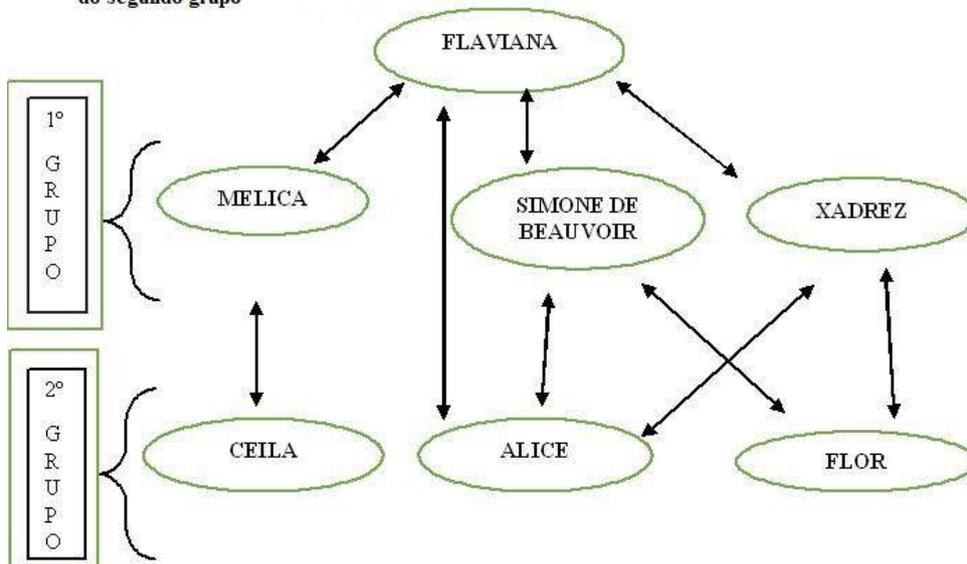
A segunda jogadora do segundo grupo é a Alice no País das Maravilhas que você já conhece, ela tem 37 anos, natural de Rio Grande/RS, formada em Pedagogia, com habilitação anos iniciais em Educação Física, licenciatura pela FURG, foi aluna da Simone de Beauvoir e do Xadrez na graduação de EF, tem Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências também pela FURG. Nosso encontro foi em uma tarde fria e durou cerca de trinta e nove minutos, ela vestia um moletom verde com a estampa do curso de EF, ela estava na sua sala de estudos, um pouco escura, com uma estante de cor escura repleta de livros, uma impressora preta ao seu lado esquerdo, à direita tinha um espaço onde tinha uma criança brincando de boneca.

A outra jogadora é a Flor que já apresentei a você leitor/a, a Flor tem 31 anos, nasceu e cresceu em Rio Grande/RS, formada em Educação Física- Licenciatura pela FURG, foi aluna do Xadrez e da Simone de Beauvoir, ela é Mestre em Educação Física

pela UFPEL, ela faz Especialização em Revisão Escolar pela Faculdade São Luís via Ensino à Distância (EAD). Atualmente, está trabalhando com Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, também na Coordenação Pedagógica de Ensino Médio de Turno Integral (EMTI). Flor estava em um cômodo da sua casa que tinha ao fundo um tecido azul (TNT) em toda a extensão da parede, ela estava com os cabelos escuros soltos, usava um *headfone* (fones com auto falantes muito grandes) na cor preta, óculos de leitura, vestia um casaco marrom, um cachecol e se apresentava muito entusiasmada com a entrevista que durou uma hora e quarenta minutos.

Chego ao segundo time por intermédio do primeiro time, ou seja, pedi aos mesmos que me dessem uma lista de possíveis alunas e alunos que estariam trabalhando na rede pública de ensino. Assim que consegui os contatos das professoras, da mesma forma que fiz com o primeiro grupo fiz com o segundo, falei com cada uma separadamente por meio de aplicativo de conversa e depois criei o grupo chamado grupo de pesquisa dois. Deste modo, segue abaixo o esquema²⁷ entre as professoras, o professor e eu.

Esquema da pesquisadora com as professoras e o professor do primeiro grupo e com as professoras do segundo grupo



FONTE: Elaboração Própria.

²⁷ Aqui a palavra ESQUEMA, se refere ao vocabulário utilizado nas descrições esportivas.

8.4 O que revelam as metodologias (técnicas) pedagógicas das professoras do segundo time?

Conforme o combinado, a partir de agora será feita a análise das **metodologias (técnicas) pedagógicas públicas e privadas do segundo grupo**. Começaremos pelas metodologias (técnicas) públicas e com a Ceila que relata quando entrou na escola pública, já entrou segundo a direção da escola com as turmas que eram consideradas difíceis no quesito aprendizagem, relacionamento e amizade conforme o seu relato: *“Que eu estou atuando na rede municipal como professora e inicialmente, nos Anos Finais quando eu comecei. E o que eu vejo assim nessa trajetória toda, o quanto a gente aprende efetivamente na prática”*. O papel do professor é fundamental para desconstruir esse olhar de julgamento dos demais profissionais.

Mais um relato que demonstra que é na prática, no fazer docente que aprendemos, ao longo do tempo que vamos compreendendo o que é a docência e o que ela nos permite e possibilita. Ainda sobre o seu começo e suas metodologias Ceila, descreve o seguinte:

“[...] Quando eu entrei na escola, eu peguei as piores turmas que tinham, que eram sextos anos de repente, quem é professor, sempre escuta, das outras pessoas que quem trabalha com os sextos anos faz qualquer coisa na vida”. E continua ao dizer que: “nos primeiros meses foram, assim, foram caóticos, eles eram maliciosos”. (CEILA)

Quando a professora Ceila discorre sobre a sua experiência com os sextos anos, no início de carreira percebo que ficou responsável pela turma devido a sua pouca experiência enquanto docente, ou seja, a sua metodologia ainda não estava consolidada.

Trago o olhar sob a Educação Física sendo vista como uma área de conhecimento voltada para a recreação. Alguns professores e professoras de outras áreas enxergam desta forma a disciplina de EF, ao longo da minha trajetória como estudante, inúmeras foram as vezes que a EF preencheu lacunas nos meus horários e até mesmo era ofertada como uma recreação ou uma recompensa por bom comportamento nas disciplinas ditas como “obrigatórias”. E sobre a sua atuação como docente na mesma escola já que trabalha há dez anos ela relata que *“[...] pátio com a bola e com o apito, aí eu sou a professora, né?”* Destaco o poder que a bola tem, perceptível nas palavras da professora Ceila, posso dizer que isso é triste e preocupante, pois, tem alguns profissionais que só tem o respeito dos alunos devido à bola. Vale ressaltar que isso já aconteceu muito comigo nos primeiros momentos dos meus estágios e monitorias nas

escolas. A bola tem um superpoder que varia entre o lado positivo e o negativo, nesse caso percebe que é negativo devido ao que está em jogo, a atenção, o respeito e a compreensão dos alunos e alunas.

A professora Ceila comenta sobre o momento que estamos passando que envolve a maneira de ensinar, o ensino remoto devido à pandemia do COVID-19 que nos atravessou de uma maneira horizontal, provocando novos métodos de ensino/aprendizagem por meio de aulas online, assim como ela relata “[...] *Agora, na aula online mesmo, a gente conversa bastante, né, só que quando tem um momento ali do conteúdo, da explicação, eles gostam de contar histórias, contar o que está acontecendo*”. Acredito que a criança por si só já gosta muito de conversar, contudo a pandemia e o isolamento fizeram com que essas vontades e sentimentos aflorassem ainda mais. Desse modo, a professora aproveita pequenos momentos para que haja interação entre ela e os alunos mesmo que por meio de uma câmera, assim como ela descreve a seguir “*Então, a gente vai dosando, ali, naquele tempo que a gente tem de aula, né? E aí, escutar, gente, tá boa conversa, vamos fazer assim, a gente começa o conteúdo no final da aula, quando terminar aqui, eu fico com vocês conversando*”. Percebo que ela se mostra disponível e interessada em conversar, porque de certa forma esse confinamento é uma via de mão dupla e não atingiu somente os alunos e alunas, atingiu todos e todas.

é na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica. (FREIRE, 1996, p.11).

Conforme a citação acima, Ceila relata sobre a sua metodologia para a organização da sua semana em relação as suas turmas conforme o que cada uma oferece, no sentido de assuntos e reflexões acerca do que ela está vivenciando “*todo planinho, agora eu passo o plano no domingo, até sexta eu já sei o que eu tenho que fazer, porque aquilo já tá internalizado, a gente planeja e se organiza*”. E, ainda, completa que “*se naquele dia foram poucos alunos, dá pra fazer outra dinâmica, a gente já segue esse jogo pra fazer*”. A docência sempre se mostra mutável, os planos de aula nem sempre saem como esperamos. A professora Ceila fala sobre o seu

engessamento em relação ao seu início de carreira, preocupada com o funcionamento ou não do seu plano de aula ao explicar que: *“Então eu era muito engessada assim, porque a gente fica muito né? No papel, não faz, não fala, mas eu registrei tal coisa, agora vou ter que fazer”*. Destaco na fala da professora Ceila que existe a necessidade de cumprir o que foi planejado e com a prática docente sabemos que o planejamento é dinâmico, flexível e mutável. No entanto, não posso deixar de relatar o sentimento de sempre acertar e que nos acompanha no início da docência. E, como temos medo de errar, de não suprir as expectativas depositadas em nós, quando surgem mudanças que podem dificultar nosso rendimento, ficamos preocupados e preocupadas com o que poderá acontecer.

Desse modo, em sua narrativa sobre o momento que vivemos, Ceila faz referência ao ensino de modo online, que são inúmeras barreiras que envolvem a aula, segundo ela *“como eu te disse, cai a internet. Não deu aquele dia, não deu, tudo bem, mas o próximo vai dar. E aí não adianta gente se desesperar”*. As adaptações em meio à pandemia do COVID-19 foram inúmeras e a professora Ceila pontua questões que todos os professores e professoras enfrentaram e enfrentam nestes últimos dois anos, a acessibilidade para poder ensinar, disponibilidade de material, recursos eletrônicos, pois, não são todos os alunos e alunas que possuem subsídios financeiros para poder acessar uma internet, ter um celular e ou um computador.

Outro fator importante que ela menciona são os problemas que não estão ao nosso alcance, como as intempéries que podem atrapalhar uma aula *“chegou na escola a quadra, sei lá, está suja, está inundada, a bola sugou, vamos fazer outra coisa”*. Este é um dos fatores que mais complicam e atrapalham o andamento da aula e o plano de aula, a questão da infraestrutura, pois como somos da região Sul do Brasil, as escolas que possuem Ginásios ou quadras esportivas, a sua infraestrutura não leva em consideração o clima da nossa região, que possui um inverno bem rigoroso e chuvoso. Ela relembra que aos poucos conseguiu vencer esses desafios, principalmente os frios na barriga em dar aula *“a gente consegue manejar, né, isso tudo só foi vindo poucos anos depois, assim, se tu me perguntasses sete, oito anos atrás, mas agora eu me vejo mais tranquila”*. Nessa narrativa da professora, evidencia-se a questão de maturidade alcançada pelo tempo de trabalho assim, convertida em experiência adquirida, Larrosa (2002) vai descrever que a Educação pensada pelo ponto de vista teoria e prática possa se fazer uma perspectiva política e crítica, o autor fala dessa parceria entre esses dois

métodos. O que quero enfatizar com essa colocação, é que conforme o tempo vai passando e vamos ganhando experiências, mas aqui falo de experienciar, de sentir, de viver e não da experiência por sermos mais velhos, vamos alcançando maturidade e responsabilidade. Ainda sobre as colocações de Larrosa (2002), um dos pontos que o autor vai destacar é que com a teoria e a prática nós podemos exercer o movimento de reflexão diante da educação.

Em outro momento a professora Alice no País das Maravilhas direcionou as suas narrativas para a questão das leis e diretrizes que contemplam a Educação Física escolar, isso ficou muito vibrante e latente em suas falas. Lembrando que no Cap. cinco, trago as concepções do que se refere o Documento Orientador da Cidade de Rio Grande, e ela em sua narrativa reforça a importância dele em nossas atividades, principalmente em relação à cultura da cidade de Rio Grande, levando em consideração as manifestações culturais da cidade. Assim, como ela relata em sua fala “*a gente entende, por exemplo, as danças, o quanto existem culturas, diferentes culturas que foram e que produzem o Rio Grande*”. Desse modo, a fala de Alice, retrata que a estética está em nossa vida desde muito cedo, a cultura é motor de uma sociedade, com sua corporeidade, ritmos, percepções, sabores, aromas e cores. Alice da continuidade dizendo que: “*E isso é manifestado nas danças, nas ginásticas. Nos diferentes esportes, na bocha, que acontece na praia.[...]. Nas práticas corporais da praia, das vilas, né?*” Esse relato da Alice, vai ao encontro o que propõem a Educação Estético-Ambiental, realçando as culturas e os modos de vida de cada indivíduo, quando ela fala das manifestações culturais, ela está considerando a história, o contexto dos/as envolvidos e isso na EEA é fundamental.

À medida que vamos refletindo e incorporando o que está ao nosso redor, faz-se uma leitura mais igualitária digamos assim do que nos permeiam. Segundo Estévez (2003) “é precisamente tarefa da Educação Estética, estimular o desenvolvimento de necessidades e interesses que promovam a busca do valor estético, a formação do sentimento, do ideal e do correspondente gosto estético”. (p. 77). Nesse processo, a escola precisa assumir essa responsabilidade de não engessar ou simplesmente excluir essa etapa da vida da criança, esse senso estético que acredito ser essencial ao ser humano.

Para o fechamento das metodologias do segundo time trago a professora Flor, última participante do grupo, que traz algumas concepções sobre as suas metodologias

diante das **instituições públicas**. Segundo ela, sofreu uma grande decepção em relação a continuidade dos conteúdos, principalmente porque a escola não tinha uma organização de currículo, ela tinha a sensação de estar trabalhando os mesmos conteúdos com todas as turmas da escola. Deste modo, a professora Flor organizou um cronograma para que facilitasse o seu desenvolvimento, nas palavras dela: *“Então, eu pude criar, eu tentei, organizei um cronograma para cada turma digamos, no sexto ano eu vou trabalhar tal coisa, no sétimo trabalhar com tal coisa, na época”* ela relata que na época a vigência era feita pelos PCNs e que não havia ainda a BNCC.

Ainda sobre a sua organização diante do currículo Flor descreve que: *“Aquilo que tu desejaste e tá tudo bem, funciona de outra maneira e o tempo deles é diferente e a gente leva muito tempo assim a perceber isso”*. É nítido nesta fala dela que ela se preocupa com a compreensão de cada um sobre o assunto que está sendo discutido e considera as limitações deles quando diz que levamos tempo para perceber. Volto a dizer que nós da EF temos este hábito de que o plano de aula tem que dar certo, tem que funcionar, tem que ser realizado conforme o que está escrito e quando isso não acontece, ficamos frustradas e frustrados.

Outro método que ela utiliza para poder chamar a atenção do/a aluno e aluna é por meio da conversa sobre o assunto a ser estudado, conforme a sua fala *“aí a gente sentava, conversava, tinha uma aula teórica em que a gente introduzia aquele tema, conversava”*. Ela ainda relata que se utilizava de alguns outros subterfúgios como *“às vezes tinha um filme ou um documentário, depois a gente ia praticar”*. Ela desperta a curiosidade dos alunos e alunas diante dos seus conteúdos, quando ela diz que: *“Aquilo ali que a gente conversava ah vou trabalhar com futebol, tá, mas, de onde surgiu o futebol?”*. O futebol, talvez um dos esportes mais populares e praticados pelo mundo afora, se faz um potente mecanismo para prender a atenção da maioria das pessoas potencializando o poder da bola.

Sobre as **metodologias (técnicas) privadas** a professora Ceila traz a sua experiência enquanto docente em uma Faculdade de Rio Grande/RS, durante três anos em que atuou na instituição na modalidade EAD segundo ela *“Então, eu ia atender eles e depois eu passei pra professora no curso de Bacharel e estou até hoje, minha aula pronta, né, que eu acompanho eles, eu tiro alguma dúvida, a gente assistia, vídeo aula, tínhamos algumas aulas práticas, que eu organizava, tirava dúvidas das turmas no EAD* Nessa fala da Ceila, percebo que a instituição já deixava o conteúdo pronto para a

execução, sem que a professora pudesse ousar, ou até mesmo trocar. Isso me faz relembrar uma frase de Santos (2005) que fala sobre a horizontalidade e verticalidade, ou seja, a inflexibilidade do que nos é imposto, neste caso verticalmente, de cima para baixo sem “contra ataque” ou questionamento.

A professora Ceila faz uma breve reclamação sobre o a maneira que teve que lidar com este novo modelo de ensinar, no qual todas e todos nós tivemos que nos adaptar “*mas a faculdade em uma semana eu já estava dando aula online direto e assim, naquela uma semana eu tive que me virar em mil. Eu tinha que ser outra professora, eu não sabia aí eles não sabiam acessar o googlemeet²⁸*”. Lembro-me de quando comecei a acessar estas plataformas, eu me sentia um peixinho fora d’água, em cada disciplina era uma plataforma diferente, quando estava me acostumando ou pegando o jeito de uma, aparecia outra. E assim, fomos nos transformando e aprendendo. Ainda sobre essa nova modalidade de ensino durante a pandemia, Ceila descreve seu sentimento em relação às atividades e como estão sendo absorvidas. “*E aí, tu estás ali falando, explicando, mostrando o vídeo, mostrando a foto, mostrando o movimento*”. Quando ela relata isso, com certo desconforto, pois, não sabe até que ponto eles estão assistindo a aula “*Não sei se eles estão olhando, alguns ligam a câmera, mas de cinquenta alunos tem de cinco a dez, no máximo e então, eu fico direcionando para aqueles que eu estou enxergando*”.

Enquanto Ceila demonstra seu receio com o ensino remoto e suas complicações em meio ao o que esta sendo absorvido com as turmas do fundamental e também do superior, a professora Alice no País das Maravilhas descreve suas metodologias diante do ensino privado, a professora relata que de forma informal, ou seja, ela não deixa explícito a sua experiência em suas narrativas, digo isso, pois não foi falado diretamente em nosso encontro, esse relato veio por meio de uma conversa por aplicativo de conversa, isso não quer dizer que não existiu, porém que apenas para ela não foi tão importante ou relevante, mesmo assim ela relata que: “*Então, trabalhei em 2018, de março até agosto, trabalhei Educação Física com turmas de educação infantil e anos iniciais, mesmo público que atendo no município*”.

A professora ainda completa ao falar sobre a sua experiência dizendo que foi uma experiência muito importante devido ao funcionamento de toda a estrutura escolar.

²⁸ Uma plataforma de conversação.

Sei que isso é primor para nós da área da EF, ter uma estrutura solidificada em relação às demandas que nos são dadas. Ela relata que: *“as turmas e a escola já estavam acostumadas a ter esse componente curricular, então não foi um começar do zero, pois já existia um currículo”*. E continua ao explicar que, *“Tínhamos que elaborar a nossa proposta pedagógica de acordo com o documento oficial (não lembro o nome do documento)”*. Estes relatos foram expostos em uma conversa informal pelo telefone, se mostram por que foram irrelevantes durante a sua narração. Lembrando que esse fragmento da conversa não faz parte da Entrevista Narrativa realizada com a Professora Alice, ele está aquém da entrevista para Análise Narrativa. Acredito ser pertinente esse extrato devido à maneira peculiar que foi tratado o assunto.

A professora Alice considerou não informar sobre as suas experiências dentro de um espaço particular, mesmo sendo um período curto devido à colocação no mercado referente ao concurso que fez e passou. Talvez o que sentiu, o que a tocou não foi tão importante de modo que sentisse necessidade de frisar. Esse fragmento da conversa não faz parte da Entrevista Narrativa realizada com a Professora Alice, ela está aquém da entrevista para Análise Narrativa. Acredito ser pertinente esse extrato devido à maneira peculiar que foi tratado o assunto.

A professora Alice no País das Maravilhas se mostra preocupada com o que estará sendo oferecido para os alunos, ou seja, que ambiente e atividades vão contribuir e preencher esse currículo. Ainda falando sobre currículo nas instituições privadas, as metodologias segundo a professora Flor, sofrem alterações devido ao que já está imposto, segundo ela na escola em que atuava a corporeidade era podada de forma que: *“Então, alunos não podiam dançar, né? Porque adventistas não dançam por ser uma prática secular do mundo [...] Eles têm que cuidar quando tu vai fazer uma atividade de meninos com meninas pra eles não se tocarem”*. Outra questão que a professora Flor relata é a ludicidade em suas aulas, onde segundo ela tinha que ter cuidado, principalmente com atividades muito fantasiosas como histórias, estas situações eram limitadas com as crianças da Educação Infantil em suas palavras *“tinha que cuidar as questões lúdicas também muito fantasiosas, por exemplo, imagina trabalhar com os pequenos tendo esses limites então, de forma clara esses pontos eram colocados”*. A instituição enfatizava a questão da saúde conforme relato a seguir *“tinha que dar uma ênfase muito significativa pra saúde, o bem estar que aquela prática iria*

proporcionar”. Outro olhar sobre a EF e o espaço que ela ocupa e que os outros enxergam sobre a EF.

Ao falar sobre essas questões a professora Flor discorre sobre o tabu de poder conversar refletir sobre assuntos como gênero e questões sociais, assim como assinala a fala a seguir: “*então, todo aquele viés, assim, de tu poderes discutir um pouco mais sobre as questões sociais através da Educação Física, se ela trabalhar com o gênero, né?*”. Na fala da professora Flor, fica explícito que não há abertura ou disposição para tais assuntos recorrentes do dia a dia. Não há espaço para o diálogo e reflexão acerca destes assuntos tão pontuais e ao mesmo tempo a culpa não se recai sobre ela.

Este é um dos pontos potentes da EEA, a oferta de espaço para reflexão. Ainda sobre a questão do currículo e o que pode ser ou não discutido em sala de aula Flor relembra sobre a questão da mídia e até mesmo sobre a exposição do corpo da mulher deste modo, a sua prática tinha que ser polido conforme a sua fala: “[...] *Então, a minha prática era, tinha que ser polida de acordo com que a escola desejava*”. Apesar de tudo, ela descreve que conseguia de alguma maneira “burlar” o currículo da instituição conforme a fala a seguir: “*Consegui assim dar algumas voltas*”. E descreve algumas das suas estratégias como, por exemplo: “*eu não podia trabalhar com dança, mas eu trabalhava com ginástica geral, ela trabalhava com música, com alguns elementos [...] ginásticos, conseguir chegar perto, passar nas bordas, digamos*”. Quando Flor descreve o passar nas bordas, mostra que há algumas brechas para que possamos trabalhar de modo que todos e todas possam usufruir da temática apresentada. Mesmo que haja obstáculos que possam nos atrapalhar.

Neste momento inicio as análises das **relações públicas** das professoras do segundo time com a professora Ceila que relata suas afinidades com os alunos e alunas principalmente fora dos muros da escola “*Aí fora disso (escola), eu sou amiga deles, a gente conversa na porta da sala, na saída da escola, mantemos esse contato pra fora disso*”. A professora Ceila descreve a construção das suas relações na instituição pública de modo que se estendeu para além das barreiras escolares, mesmo sendo muito jovem como ela relatou que entrou na escola com apenas vinte e três anos. Eu lembro que trabalhei em uma das turmas da professora Ceila, a turma do sétimo ano como estagiária no ano de 2017 e realmente o que pude ver foi uma afinidade dela para com os alunos e vice-versa. Alice relata que não consegue colocar essas situações em caixinhas ou em lugares designados e acrescenta “[...] *conhecendo as nossas turmas*

[...]Eu acho que no dia a dia que a gente vai vendo, né? Que vai, né? Como eu disse, a gente sabe o limite de cada aluno, de cada turma, né?” A professora Alice destaca a relevância de considerar a subjetividade de cada aluno e aluna, em seus planos de aula conforme narrativa a seguir “*como ele trabalha, então tu tá dando um significado*” A referência que Alice faz é aos seus alunos e como ele recebe, capta a mensagem, como ele reage as suas atividades. Essa relação descrita pela professora, é interpretada por mim como uma relação de preocupação e de sensibilidade para com o outro. Dando importância ao que o outro, neste caso o aluno/ aluna está assimilando.

Enquanto isso, Flor traz relatos sobre suas relações públicas com os alunos e alunas. Ela fala sobre o processo de construção que para ela começa dentro da própria universidade e faz referência aos estágios “*porque nos momentos de estágio, tu acabas tendo muitas responsabilidades, né? Tu já assumes uma turma, tu vais lá, então acho que aqueles momentos são bem importantes, né?*” Foi por meio dos estágios que no curso de EF na FURG são compostos por cinco estágios: na Educação Infantil, no Ensino Fundamental Inicial; no Ensino Fundamental Final; no Ensino Médio e no Ensino Superior. Entretanto na minha época em que cursei ainda tive um bônus, estagiar em um local não formal e foi desafiador e enriquecedor. Os estágios para mim foram fundamentais para a minha formação, pois depois que comecei a exercer os estágios fui me percebendo professora e qual caminho queria/quero trilhar. Assim como narra a Flor ainda sobre os estágios “*te construindo também a tua identidade, como que tu vai trabalhar e tudo mais, mas depois disso eu vou te dizer, acho que poucos momentos eu me peguei refletindo sobre realmente o que vai fazendo né?*” E termina dizendo que

a diferença nesse processo de construção assim. [...] que sempre pesquisando coisas novas, acho que ouvindo também os alunos, a gente começa a perceber o que dá certo e o que não dá, acho que também os próprios valores, né? (FLOR)

Os estágios docentes em nossa profissão são fundamentais para estabelecer relações e compreensão sobre o que nos espera. Segundo Pelozo (2007) a autora afirma que:

o estágio possibilita, aos indivíduos que não exercem a profissão, um ambiente privilegiado para que o mesmo possa vivenciar às práticas pedagógicas de maneira que consiga melhor compreender a profissão docente.

Desse modo, o estágio faz o elo entre a teoria e a prática docente, assim revelando ao estagiário ou estagiária as realidades e possibilidades dos locais de atuação.

Sobre as **relações privadas** do segundo time, diferente dos outros capítulos, este eu começo com a Alice no País das Maravilhas que durante a entrevista, ela não mencionou sobre suas experiências em instituições privadas, somente em uma conversa informal via Whatsap que é um aplicativo de conversa em que a mesma relata que sua experiência dentro da instituição foi rápida, porém necessária, pois fez com que ela pudesse obter dois olhares sobre a Educação e as suas relações Segundo ela “consegui trabalhar nessa instituição devido a uma substituição por intermédio de uma colega de profissão”. Deste modo, sua experiência com metodologia privada, não foi densa por falta de tempo hábil para ter uma visão mais completa dessa metodologia.

A professora Ceila teve essa experiência de atuar em uma instituição de Ensino Superior, porém, segundo ela, não foi muito agradável, pois a sua experiência se deu em meio à pandemia do COVID-19 e relata sobre as relações estabelecidas em meio ao caos da pandemia que “[...] *é muito difícil essa relação. Eu ficava olhando cinquenta e cinco alunos online, eu pegava um lá do outro lado da tela, sabe? É muito ruim, porque tu estás falando e tu não vê ninguém*” ela se refere às câmeras desligadas dos alunos e alunas em meio a aula e completa “*eu falando e gente, vocês estão me ouvindo? Vocês estão me vendo? Sabe, não tem essa troca, assim, é uma coisa meio desesperadora*”. O novo nos desespera, temos medo do que não conhecemos.

A professora Ceila ainda descreve situações que complicam ainda mais o andamento da sua aula sendo ela online, como problemas advindos dos seus alunos e alunas como: “[...] *alunos e alunas que trabalham um dia inteiro, tem estresse em casa, tem chique, tem marido, tem não sei o que, daqui a pouco ali é o único momento que eles estão se mexendo*”. Na descrição da Ceila, a preocupação dela com o que a aula pode proporcionar para os que estão assistindo é muito importante, o que vai tocar eles, o que vai passar por eles. Nessa linha de pensamento Ceila acrescenta “*Então, fazer coisas diferentes, [...] Então, isso tudo é muito bom também. a minha prática lá do fundamental, me ajuda*”. Ela propõe brincadeiras que ajudem os alunos do turno da noite em desopilar depois de um dia de trabalho, se utiliza de brincadeiras em que muitas vezes os alunos da educação de Ensino fundamental acham a atividade infantil demais para eles, então ela pega essas atividades e apresenta aos alunos da noite. As

vezes pode ser uma bobagem mas como ela mesma diz “, *eu podia fazer e com maior prazer, tipo, nenhum nunca me diz assim, que coisa retardada, eu não vou fazer, sabe? Porque eu acho que, ele, lá, ele é um momento de desopilar*”. Quando fazemos nossos planos de aula, acreditando que a turma vai gostar, vai participar, vai interagir e isso não acontece é muito frustrante.

Já aconteceu nos meus estágios de planejar uma aula com bola suíça ou bola de Pilates para uma turma de quinto ano e não funcionar, os alunos e alunas não quiseram nem tocar na bola. E quando usei o mesmo plano de aula, para os alunos do Ensino Superior e para o meu estágio Não Formal eles adorarem e quererem participar. Aproveitaram bastante à novidade.

A professora Flor descreve suas relações privadas a partir do momento em que se formou no curso de EF e ingressou em uma escola privada da cidade. Teve uma oportunidade em uma escola adventista. Entretanto houve alguns percalços durante sua passagem pela escola “*tem uma série de restrições, contra aquilo, contra é uma palavra difícil, né? Mas não muito atreladas ao que a gente aprende né? De acordo com esse projeto pedagógico que a FURG nos transmite*”. A sensação é de impotência, descrevo isso porque quando estamos na faculdade, temos um olhar mais utópico, queremos fazer revolução dentro das escolas. Na maioria das vezes essa revolução apavora e amedronta alguns espaços e pessoas, com a Flor não foi diferente quando ela relata que “[...] *muito amarrada, tanto que eu não durei um ano na escola, fui dispensada*”. E completa “*eu queria sair, eu já não queria mais estar ali porque eu não conseguia colocar em prática todo aquele ideal que eu tinha de Educação Física*”. Suas aulas eram nos anos iniciais do fundamental e ela se lamenta muito, pois na versão dela não conseguiu aproveitar o momento, ainda mais quando ela relata que não consegue descrever como é a aula dela nos Anos Iniciais. Infelizmente o curso de Educação Física da FURG, não oferta estágios em instituições privadas. Seria um processo bem interessante para nós professores.

8.5 Os uniformes que não nos cabem mais

Quando fazemos parte de um time, uma equipe, enfim de um grupo, muitas vezes vestimos o uniforme dos mesmos, é o manto do coração, é o que identifica determinado grupo. Entretanto, dependendo do tempo que estamos jogando em uma só equipe, algumas rotinas, treinos, questões financeiras ou, até mesmo, questões de

afinidades com o grupo nos fazem querer trocar, assim como diz o título desta subseção, quando “os uniformes que não cabem mais”, aqui eu faço menção às coisas que não nos pertencem mais, não nos agradam mais, lembra que no tópico anterior eu falei da questão do curso de Engenharia Civil? Pois bem, eu troquei de uniforme, pois aquele uniforme não me cabia mais, eu precisei mudar. Desta forma, delinco uma linha entre os uniformes das professoras e do professor que não os cabem mais. Acredito ser interessante relatar ou levantar esta questão, porque das/o seis participantes quatro tocaram no assunto sobre o uniforme, à roupa que não serve, não cabe mais.

A Alice no País das Maravilhas e a Flor não relataram a questão do uniforme ou roupa que não cabia mais, não acharam necessário falar sobre as trocas durante a sua caminhada docente e está tudo bem, por outro lado, há aquelas e aqueles que necessitaram expor suas trocas de uniformes, suas roupas que não cabiam mais. Melica reclama das propostas ofertadas pelo IF: *“Ou a gente ficava na universidade, que é onde a gente prestou concurso, ou nós íamos para os IFs. Como isso nunca foi muito a minha cara, eu, é o que digo sempre, uma roupa que não se ajustava muito bem a proposta do IF”*. A escolha dela por trabalhar em Universidade já que não se ajustava ao uniforme do IF, por não ter mais tempo para poder atuar nos Institutos Federais e possuía concurso para Universidade, ela pode escolher.

A troca de uniforme da Simone de Beauvoir se deu por motivos de afinidades entre as colegas e por ser a única que trabalhava com lutas dentro do currículo do curso, pois como ela relata: *“minha maior dificuldade foi estabelecer um diálogo maior com os colegas devido nós termos muito poucos professores e cada um dos colegas tem que atuar numa área, né?”*. Nesta verbalização, ela expõe que por ser a única que trabalha com a competência de Lutas, o trabalho fica muito mais pesado, não somente para ela, porque segundo ela, todas trabalham muito devido ao número reduzido no quadro de professores do curso. *“E essa troca coletiva entre os docentes, ela fica muito restrita, porque todos tem que trabalhar muito especificamente”*. E, ainda, complementa ao dizer o que a fez mudar: *“Então o que me fez pensar em fazer essa troca de inscrição foi de fato essa questão de uma produção de conhecimento sim, que eu sentia muita falta, né uma roupa que não estava mais se ajustando,”*. Simone descreve que sempre fez parte de Grupos de Pesquisa, cito um deles que era o GESEF²⁹ e que na FURG não conseguia estabelecer esse processo, pois até tentou criar o grupo na FURG, entretanto,

²⁹ Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

somente ela era a professora de lutas. De certa forma, a Simone não sentia mais o prazer no que estava fazendo já que estava só na demanda das lutas, o mesmo aconteceu com a Ceila que não sentia mais prazer no que estava fazendo em relação a academia, “*mas assim, mas aquilo não me cabia sabe? Eu ia porque, pô, estava parada, era um bom dinheirinho, era uma experiência. Só que aquilo não me trazia prazer nenhum*”. Compreendo que algumas vezes ficamos em lugares que não trazem um sentimento bom, e isso acontece seguidamente, como foi relatado acima, a professora estava naquele lugar lá porque precisava de dinheiro para se manter, percebo que esse lugar que não é almejado se torna passagem, se torna um degrau para alcançarmos outros que nos trazem sentimentos bons e gostamos de estar.

Já o professor Xadrez teve que vestir um uniforme para poder se encaixar em um ambiente formal perante o ensino superior privado e, assim, ser igual aos outros, como ele menciona:

Então, eu resolvi sentir, assim, num local mais formal, né, eu coloquei uma formalidade, trabalhando com formação de professores, eu trabalhava na licenciatura [...] e me coloquei nesse lugar, vestir a roupa da formalidade, vamos dizer assim, né? Vestir a roupa de ser o professor universitário. (XADREZ)

Para ele, necessitava de uma seriedade diante do cenário acadêmico, replicando seu comportamento quando era professor da rede privada de Ensino Fundamental. Desse modo, posso dizer que as relações no ambiente privado são mais complexo do que as relações no ambiente público, podendo ser muitas vezes difícil de permanecer devido a falta de acolhimento do outro.

8.6 O jogo continua... As Cartas Narrativas

“O ser humano é falho; ontem mesmo eu falhei, ninguém nasce sabendo, então me deixa tentar”. (PROJOTA (2014))³⁰

Dando início à análise a outra etapa da construção dos dados por meio das Cartas Narrativas (CN), conforme mencionado anteriormente, ficou acordado que depois do nosso encontro virtual, as participantes e o participante iriam me enviar por meio de e-mail uma carta narrativa escrita para o seu “EU” do início da sua carreira de no máximo duas laudas e assim o foi feito.

Para corroborar com a importância das cartas, Portal (2012) assinala que:

³⁰ Refrão da música: O homem que não tinha nada. Autor: Projota. Direção: Lua Voig. 2014

[...] as cartas podem ser um instrumento desvelador na construção do ser professor. Revela-nos que, ao dispor publicamente de seus relatos escritos de vivência e de experiências significativas, alunos, professores e educadores colaboram para reconstruir a memória pedagógica de suas trajetórias ou de certas práticas educativas em certo espaço, em um determinado momento histórico. (p. 90).

Deste modo, devo confessar que no primeiro momento depois de receber as cartas tive receio em lê-las, por mais que tenham sido enviadas em comum acordo, senti como se estivesse invadindo a privacidade das minhas professoras e do meu professor, são as narrativas delas e dele. Entretanto, ao longo da leitura das mesmas, pude perceber e identificar questões que se fizeram fundamentais para esse trabalho.

Acredito que ao fazer esse exercício de rememoração, alguns detalhes não ditos em nossa entrevista podem ser lembrados ao escrever. Sendo assim, começo com a carta da professora Melica que disse em um dado momento que tinha memória de peixe. Lembro que ela coçou a cabeça quando deu essa atividade para fazer. Porém, a professora Melica, se mostrou bem animada com a atividade. Ela inicia a sua carta com o título “Espelho, espelho meu...”, onde conta sua iniciação no ano de 1991, ela pondera ser importante localizar de onde ela esta falando e de como se constitui enquanto profissional, ou seja, sempre a partir do ensino público. Ela ainda destaca “*que falo do lugar de uma profissional trabalhadora, ou seja, minha formação acadêmica se deu sempre dividida com diversos vínculos profissionais*”. Isso é muito comum para quem está começando, principalmente na área da Educação Física, eu por exemplo depois que me formei, trabalhava em três lugares para poder me manter. É deste lugar que a Melica de hoje vai localizar e dialogar com a Melica que se lança em suas andanças enquanto profissional.

Segundo Melica, ela tem duas noções a serem destacadas para a Melica do passado na qual acredita ser relevante e direcionada do caminho a ser percorrido. Ela evoca a concepção de experiência a partir de Larrosa (2002) “para deixar semeada a noção de que vivas cada momento de tua trajetória profissional não como algo impávido, autodeterminado, definido, como uma busca por um lugar já conhecido e peremptório” e continua “*mas sim enquanto algo que te tocas, que te acontece, que tenhas um significado e que te transforma ou mesmo que te tornas diferente do que eras antes*”. As experiências vão nos transformando, nos moldando, nos localizando, lembro de quando comecei a trabalhar em uma escola onde era vista como um “estágio intensivo”, ou seja, as pessoas diziam que se eu conseguisse trabalhar ali, conseguiria

trabalhar em qualquer lugar, foram doze meses de pura experiência latente e potente dentro daquele espaço. Hoje eu digo que existem duas Flavianas, uma antes e outra depois daquela escola. A professora Melica acrescenta

Não te norteies pela ideia de que tudo vale a pena, nem sempre, às vezes o recuar e o te negar a seguir um caminho já determinado ou tomar algumas decisões nem sempre esperadas, te fazem encontrar um equilíbrio que te lançará mais forte para seguir e encontrar teus próprios significados, diferentes, impensados, mas com um sentido próprio e que só tu poderás compreender. (MELICA)

A segunda noção que Melica de hoje relata e que gostaria de deixar para a Melica do início é o princípio da incerteza, da imprevisibilidade, do não binarismo que ela traz pela teoria dos monstros de Cohen in Silva (2000) a seguinte descrição “*A partir dela transforma tua trajetória profissional com a imagem de um monstro que ameaça sempre a mudar, que sempre escapa, pois ele não se presta a categorizações, classificações ou enquadramentos*”. E Melica continua:

Não temas a incerteza, busca o caminho do híbrido, resistas a qualquer tentativa de te enquadrar em qualquer estruturação sistemática. Aceita o perigo de percorrer teu caminho como uma monstruosidade suspensa entre formas, que raramente possam ser contidas, pois escapam continuamente. Não temas as mudanças, elas são necessárias, mesmo difíceis. (MELICA)

Ao ler a carta de Melica, percebo que ela não tem conselhos concretos para dar e sim percepções do que vem pela frente, ela não descreve nenhuma simplificação de trajetória ou até mesmo atalhos. E, por fim, Melica se despede

te desejo que movimentes tua vida como um caleidoscópio, cujas imagens se modificam a cada movimento proporcionado [...] só tenho a te desejar que consigas viver imagens maravilhosas, impensadas, mas com significados muito próprios, pois só assim todo o vivido terá valido a pena. (MELICA)

O desejo da Melica de hoje para a Melica de ontem é que ela viva, experiencie e não se molde conforme às regras, que ela crie suas próprias estratégias e que trace seu próprio caminho profissional.

A segunda Carta que trago é a carta da Simone de Beauvoir que ela dá o nome de “*Carta para Simone de julho de 2008*”. Ela inicia a sua Carta Narrativa agradecendo pela sua sensibilidade, seu tempo dedicado ao estudo, sua vontade, por ter iniciado na docência pública e ter enfrentado os inúmeros desafios que esse fazer traz.

Para fazer o diálogo entre a Simone de hoje e a Simone de 2008, ela traz para a conversa a escritora e filósofa Simone de Beauvoir com a questão do tornar-se mulher,

do livro *o Segundo Sexo* (1949), mais precisamente sobre o verbo tornar e faz uma indagação: “*o que nos tornamos quando trilhamos as nossas trajetórias de vida?*” A ligação que a professora faz com essa questão da autora é a seguinte: “*ninguém nasce estudante, mas sim, torna-se estudante; que ninguém nasce professora ou professor, mas sim, torna-se professora e professor*”. A professora Simone declara que quer celebrar por meio da carta parte de um processo de tornar-se e para continuar ela pergunta: “*o que nos tornamos quando acessamos a universidade pública?*” E continua “*o que nos tornamos quando acessamos a universidade pública na condição de discente e docente?*”. Completa com o seguinte questionamento: “*o que nos tornamos quando acessamos o curso de Educação Física?*” E, por fim, declara “*Essas são perguntas da Simone de 2008 que merecem ser refletidas por nós duas*”. Depois de 13 anos de docência em universidades públicas brasileiras, em cursos de EF, Simone questiona o processo que a levou se tornar professora? Que pessoa? E que ser social?

Ao dialogar com a Simone de 2008, a professora Simone 2020 destaca que: “*posso dizer que o frio na barriga ao iniciar um novo semestre com uma nova turma continua, contudo, me sinto mais segura e preparada para a tarefa*”. Ainda complementa que: “*Continuo lendo todos os textos antes de entrar em sala de aula e revisando detalhadamente os slides que irei utilizar*”. É perceptível que a maneira de ministrar e se organizar ainda são as mesmas, uma estratégia que a possibilita se sentir segura diante da turma, Simone acrescenta que “*O que mudou foi a minha caixinha de ferramentas[...] Hoje, a partir das inúmeras pesquisas que orientei e fiz tenho mais condições de propor reflexões pertinentes para a turma*”. Ainda sobre a sua trajetória acadêmica ela narra sobre suas lutas como docente:

Sinto que as lutas travadas em prol da universidade pública me ajudaram a localizar melhor os conteúdos que trabalho [...] Entendo que a experiência de estar dialogando com alunas e alunos me fizeram compreendê-las e compreendê-los e consequentemente acessar elas e eles de uma maneira mais efetiva. (SIMONE).

Simone nesta declaração se mostra preocupada com a maneira de interagir com os seus alunos, eu lembro que quando foi minha professora na graduação, ela sempre teve este cuidado. Ela informa a Simone de 2008 que o processo de se tornar professora não foi rápido e que ainda não acabou que de fato, ele acontece cotidianamente e traz a cada dia uma nova reflexão sobre o que fazer na posição de docente de EF de uma Universidade Pública. Ela alerta sobre as questões atuais da nossa Educação conforme narrativa a seguir

Hoje Simone, vivemos uma realidade oposta. A ciência, a universidade pública é desvalorizada e desmontada pelo (des)governo do país. Além disso, estamos em plena pandemia, o que nos fez reinventar o processo de docência, uma vez que, há mais de um ano não entro em uma sala de aula. (SIMONE).

Essa reinvenção do ensinar nos pegou de surpresa, isso mostra que não podemos nos engessar, nos enquadrar em apenas um modelo de ensino, porém que devemos sempre que possível nos reinventar. Ao terminar a sua carta a professora Simone de Beauvoir descreve *“quero te dizer Simone, que continuo me tornando professora. Que os passos iniciais que você deu nesse percurso foram essenciais para me fazer querer continuar caminhando e me transformando”*. E anuncia *“sigo estudando, aprendendo e me desafiando a ensinar”*. *Um grande abraço*. Ser professora ou professor é lindo, porém ao mesmo tempo desafiador, devido aos inúmeros impasses que sofremos ao longo das nossas carreiras, ser professor sim é um ato de amor, ensinar é um ato de amor (FREIRE, 1996), entretanto, encontramos barreiras que nos desafiam. E eu acredito que é aí que não podemos recuar só se for para pegar impulso.

Agora, convido a leitura de trechos da carta do professor Xadrez que inicia sua escrita com uma pergunta: *“Caro Xadrez como vai?”*. E da mesma forma que a Simone de Beauvoir iniciou a sua carta, ele também começa parabenizando o Xadrez do passado pela conclusão do curso de Educação Física e ainda pela iniciação da sua carreira como professor em uma escola particular da cidade de Rio Grande/RS. De modo que demonstra certa dúvida em relação à escolha do curso, pois como ele relata:

Sei o quanto essa oportunidade é emocionante pra ti porque significa uma quietude nas dúvidas que vinhas tendo nos últimos meses sobre ter feito ou não a escolha correta na formação inicial diante das negativas recebidas ao tentar encontrar um emprego até então. (XADREZ).

Em sua narrativa o professor Xadrez descreve sobre a afetividade em relação ao seu início docente, pois é a mesma escola na qual ele estudou durante os seus estudos e, *“Além disso, essa oportunidade ainda tem um lado emotivo porque não é todo dia que se vê alguém receber a primeira “porta aberta” de trabalho como professor no mesmo lugar em que iniciou a escolarização e por lá permaneceu até a conclusão do ensino fundamental”*.

Ele avisa o Xadrez do passado que não faltará apoio institucional e até pessoal da parte diretiva e colegas de trabalho nesse seu início de jornada. Complementa que: *“algumas professoras que por anos estiveram à tua frente na sala de aula ministrando História, Matemática, Português, agora estarão lado a lado na sala dos professores dividindo um café com bolachas ou aquele mousse de abacate que servem na hora do intervalo”*. O professor relata a importância de retornar para esse lugar afetivo, principalmente para os primeiros passos do Xadrez do passado, que ao rever os lugares por onde já trilhou como aluno, o fará menos estranho, já que o pátio será o mesmo, a quadra será a mesma, a sala dos materiais não causará estranheza, a adaptação ao ambiente de trabalho será confortável. Porém, segundo o professor Xadrez *“é justamente esta condição que vai produzir aquele frio na espinha toda vez que subires a escadaria da escola em um dia de aula”*. Ele faz um alerta *“conhecendo como eu te conheço, a sensação de não desapontar ninguém vai te acompanhar por algum tempo, principalmente no primeiro ano em que tudo será novo. A primeira aula, a primeira reunião com os pais, a primeira reunião de professores, o primeiro fechamento de notas, o primeiro conselho de classe”*. Entretanto, ele informa o Xadrez do passado que já participou de vários conselhos de classe *“lembra quantos conselhos já participasse na escola na condição de aluno e líder de turma? Da 5ª a 8ª série, foram todos!”* E ainda se desafia *“será curioso olhares para os líderes de turma agora porque vais te enxergar neles, tanto no olhar intrigado que muitos têm, quanto no nervosismo de estar cumprindo bem a função”*. Informa sobre a sua característica mais marcante que tem: a de ser um observador, porém, quando Xadrez fala desta característica ele não considera como uma passividade, pois segundo ele não é do seu feitio. Eu me reconheço nessas palavras do professor Xadrez, pois me considero assim, uma observadora. Uma questão que ele traz para dialogar com o Xadrez do passado é o fato de ser político antes de ser social quando ele fala sobre as suas lideranças e representações de turma.

O professor Xadrez demonstra uma preocupação em uma questão, o papel de professor de Educação Física que vais ocupar na Educação Básica, ou seja, a relação do Xadrez iniciante com os seus alunos e alunas, de imediato acrescenta *“seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo”*. Outra característica da personalidade do Xadrez Jovem que o Xadrez de hoje destaca é a disciplina e acrescenta *“talvez seja uma condução inadequada dessa disciplina que possa te atrapalhar ao dar aula”*. E, finalmente, Xadrez aconselha o Xadrez do início com pequenas dicas *“Não seja sempre o mesmo*

porque, ainda que todos esses “Xadrezes” te constituam, o Xadrez professor está por ser construído” e, ainda, completa “[...]Entenda que tens mais a oferecer a eles do que essa face dura que tem medo de se aproximar para não perder o respeito. Não confunda seriedade com cara fechada. Não confunda educação com punição...ou não aprendesse nada com Foucault³¹?” Quando cita o nome do escritor Michael Foucault, eu entendo que o professor Xadrez faz referência à obra chamada Vigiar e Punir, o nome é auto explicativo e se faz mais potente na narrativa a seguir “Não precisa interromper indefinidamente uma aula de Educação Física (vou falar mais alto para ser exagerado, de EDUCAÇÃO FÍSICA!) porque fulaninho sentou e não quer participar da atividade. Não! Convença-o a gostar fazendo os demais se divertirem e mostrando o que ele está perdendo”.

Ainda sobre os conselhos ele continua “seja leve, sorria, abra mais os braços. O distanciamento entre aluno/professor tem mais capacidade de te fazer tropeçar do que te estabelecer”. E acrescenta uma última dica “Anota aí: as coisas não estarão sempre no ritmo e no jeito que planejasse. Entre o conjunto de saberes que irás aprender com a experiência está o fato que os planos de aula foram feitos para que saibamos rasgá-los e fazê-los de novo”. Ao se despedir o professor Xadrez afirma, “não se iluda, não há garantias no ato de educar” e finaliza:

que essa disciplina que carregas, do ponto de vista ético, seja o combustível para te manteres esse jovem professor (ou um professor jovem) que estás prestes a iniciar sua trajetória. E isso não tem nada a ver com idade ou tempo de serviço, ok? Afinal, o que é ter experiência num mundo que a todo o momento se renova?(XADREZ).

Desse modo, Larrosa (2002) vai dizer que “e a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão”. (p.26).

Ceila inicia sua carta com um adjetivo afetuoso “Querida Ceila”, e em seguida descreve que sabes que a Ceila do passado está ingressando na carreira docente e sabes da importância da sua escolha profissional e sendo assim já a aconselha, dizendo: “e que vai mudar o teu olhar e teu dia a dia. Sentir medo e insegurança vai ser natural, porém, podes ter certeza que vais vencer todos os obstáculos que estiverem pelo caminho”. O novo nos assusta nos desafia, mas com certeza, ao longo dos dias, no

³¹ Foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France.

decorrer da prática docente, tudo isso se transforma em grandes aprendizados e inúmeras conquistas. A professora Ceila discorre sobre o discurso de que se trabalhar com aquilo que se ama e que te deixa feliz faz toda a diferença e que a escolha da profissão, no caso professora é uma das mais árduas, porém uma das mais lindas.

Ela acrescenta mais um conselho *“nunca desistir, e que cada dificuldade encontrada no caminho, te transformes e te ensines de alguma maneira, te tornando assim, cada dia uma pessoa e profissional melhor, mais forte e mais resiliente”*. Ela descreve que conheceu outras realidades durante a docência conforme narrativa a seguir e completa *“O que posso perceber, é que, independente do local, do ambiente de trabalho, dos alunos ou dos colegas, me sinto feliz e realizada. Eu gosto de dizer que o ginásio, a quadra e a sala de aula são o meu chão”*. E continua *“somos seres em constante evolução e estar dividindo os meus dias e noites com os alunos, me faz evoluir diariamente”*. Na sua narrativa, percebo o quanto a professora Ceila se mostra realizada com a profissão de professora, seu amor pela docência. E ela finaliza sua carta com um desejo *“que tua caminhada seja leve, que tenhas muito sucesso em todas as escolhas que tu realizares. E não esquece, jamais desista no primeiro obstáculo. Continue firme no processo, sempre buscando estudar e entender cada dia mais sobre essa linda profissão”*. Cada momento é único, nos remete a alguma vivência ou experiência, nos perpassa e nos atinge negativa ou positivamente, assim Heidegger (1987) destaca a experiência como:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

Do mesmo modo, Alice inicia sua carta com *“Querida Alice”*, descreve sobre clima no dia em que escreve a carta endereçada a Alice no País das Maravilhas do ano de 2010, *“está frio, úmido e ventoso, aqueles dias típicos da nossa cidade natal, aqueles dias nos quais gostamos tanto”*. Alice escreve para contar para Alice de 2010 tudo que aconteceu neste tempo que passou e confessa *“Relutei em te escrever, pois como sabes, não gosto de me expor, mas realizar esse exercício de memória se torna potente e me coloca a pensar sobre as minhas experiências, as idas e vindas do meu*

fazer pedagógico cotidiano”. Onze anos se passaram desde quando se separaram em abril de 2010, segundo Alice muita coisa aconteceu, muitos caminhos foram trilhados e inúmeras pessoas ela foi conhecendo, as quais contribuíram para a sua formação. Primeiramente ela faz menção sobre a pedagogia na qual estava concursada na prefeitura municipal de Rio Grande/RS

aquele ano de 2010, ano em que assumi no concurso municipal para ser professora de anos iniciais, parece que podaram as minhas asas, lembra? Tinha a sensação de que não estava realizada no que fazia ainda mais em meio ao curso de Educação Física e um mestrado em andamento. (ALICE).

Alice ainda menciona que quanto mais ela tinha aula no curso de EF mais vontade ela tinha de lecionar nessa área. E continua *“Aprendi muito sobre corpo e o quanto as experiências passam por ele, tudo em nossa vida passa pelo nosso corpo, inclusive o processo de alfabetização”* e completa [...] *Mas, não consegui, não estava feliz, realizada. Simplesmente fui percebendo que não era para mim*”. Então, a Alice do futuro se exonera do cargo na prefeitura em prol de terminar a sua graduação e confessa *“que por muito tempo tive aquela sensação de culpa e se eu não tivesse desistido [...] mas a Educação Física falou mais alto”*. Escolhendo a EF, a Alice pode experimentar diversas vivências, uma delas como professora substituta na FURG no ano de 2018 tanto para as aulas de EF quanto para as aulas da Pedagogia, foi neste ano que ela foi minha professora. E assim, ela descreve que

pude contribuir minimamente com a formação acadêmica de diferentes acadêmicos e acadêmicas dos cursos de Educação Física e Pedagogia, fazendo-os (me incluo aqui também) pensar sobre os processos de escolarização contemporâneos através do ensino, da pesquisa e da extensão a partir daquilo que é considerado como sendo da Educação Física.(ALICE).

E faz uma análise sobre o tempo que passou *“Hoje não tenho mais aquela sensação de culpa por ter desistido de um concurso público. Confesso que não foram dias fáceis para chegar até aqui, mas também não foram tão difíceis assim”*. E completa com referencia á um livro, no qual faz o seguinte movimento *“Um exercício que uma querida professora e amiga me ensinou foi de que devemos sempre pensar como Poliana³² e tudo estará bem. E está!”*. O uso da metáfora que faz pensar sempre positivamente, mesmo que as coisas não estejam bem, olhar sempre pelo lado positivo e enxergar as coisas produtivas, sempre se tem.

³² Pollyanna é um livro de Eleanor H. Porter publicado em 1913 e considerado um clássico da literatura infanto-juvenil. A personagem sempre tinha pensamentos positivos sobre tudo.

A última carta é da professora Flor que inicia com “*Olá Flor! Sou seu eu do futuro*” e continua dizendo que quer dividir com a Flor do passado algumas coisas, principalmente em relação ao primeiro emprego que virá logo e que será um desafio “*uma escola adventista, onde dançar é secular (coisa do mundo), meninos e meninas não devem encostar um no outro e saber jogar bola pode ser sinônimo de tirar 10 na disciplina, na perspectiva de alguns pais*”. Ela diz a Flor que o maior conselho que podes lhe dar é ter paciência e tolerância. Fazer do limão uma limonada e “*Explora todas as outras possibilidades e um dia entenderás que esse momento vai te deixar mais preparada para o que vem por aí*”. E avisa para quando pensares em desistir ou abandonar o barco, a Flor do passado vai colher um dos frutos que ela plantou, serás chamada no concurso da prefeitura de Rio Grande/RS. Entretanto, a Flor do futuro fala que essa situação é longe de ser uma carreira perfeita e que a Flor do passado tenha sempre em mente que ter a tão sonhada estabilidade não será alcançado por todos, então, a Flor deverá se sentir privilegiada. Alertando que

precisas saber que ao longo dos dias na escola pública, por vezes, a realidade dói. O aluno que tem fome, que o pai foi preso, que não tem roupa pra vestir, os dias de chuva ninguém vai à escola. A quadra sem traves (quando tem quadra já é um paraíso), bolas são artigos de luxo, materiais mais elaborados então, nem se fala. (FLOR).

Flor continua a sua narrativa, dando esperança “*mas tem sorrisos! Os olhos brilhantes que esperam ansiosos pela aula de Educação Física! As figuras que resmungam quando tu faltas e até tiram satisfação*”. E, ainda, traz um fato recorrente nas aulas de EF, “*Que brigam para ser futebol durante as aulas, mas que também se envolvem ao conhecer mais sobre as origens dos esportes*”. A professora Flor faz mais um alerta sobre a questão da Educação Física:

precisarás lutar pelo espaço e valorização da Educação Física dentro da escola! Mostrar que é importante, que também tem momento de reflexão, que não é recreio, que não é moeda de troca e que não é só largar a bola. E essa luta contempla os alunos, os colegas professores e a equipe diretiva, que muitas vezes tem uma imagem distorcida da disciplina. (FLOR).

Planejamento será uma das palavras-chave segundo a professora Flor do futuro, principalmente para dar continuidade aos conteúdos e que mesmo planejando as coisas irão sair dos trilhos “*e está tudo bem! Errar e acertar faz parte do processo. Em outras, teus alunos vão te surpreender e fazer o conteúdo ir muito além do planejado*”. E afirma que “*Ensinar e aprender é um processo compartilhado, que envolve as duas partes, o professor e o aluno. E nesse crescimento conjunto, tudo vai fazendo sentido*”.

A professora ainda relata para o seu eu do passado sobre a pandemia do COVID-19 e que a palavra-chave agora é reinventar *“as aulas presenciais serão canceladas e tu vais ter que dar aulas remotas de Educação Física, usando celular, computador e planos teóricos [...]”*. Neste momento, percebo que estamos sempre aprendendo com as mudanças que a vida nos proporciona e nos constituímos nesse processo de aprender com o novo, pois trabalhar a EF remotamente é um grande aprendizado, um desafio, contudo, *“com muito esforço, as coisas vão se encaixar dentro do que é possível, nos dando a certeza de que o professor, o toque, a presença e o olho no olho nunca serão substituídos quando falamos em educação”*.

Ao se encaminhar para o fim Flor destaca o que é mais importante *“faz o que é possível dentro da tua realidade. E está tudo bem! Pode não ser a melhor condição ou realidade, mas o conhecimento plantado em conjunto com os alunos, vão gerar frutos, mesmo que pequenos”*. E finaliza com as palavras de Freire *“posso te dizer que hoje o que diz Paulo Freire faz mais sentido do que nunca: Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”*.

Desse modo, ao reler as Cartas Narrativas, é impossível não me emocionar novamente e não me enxergar nelas, não fazer esse exercício de memória, desde a ânsia pelo primeiro emprego, a vontade de ser aceita, a busca pela perfeição nas aulas e entender que nem sempre será igual, a luta pelo espaço e pela valorização da disciplina, a revolta de querer quebrar paradigmas e estereótipos já engessados, o olhar para o outro, a sensibilidade em enxergar o outro, a não paralisação diante dos desafios. Enfim, ser professora e aqui neste caso, de Educação Física é ser privilegiada com uma bola, um espaço em que possa dar a sua aula, se tem aquele sorriso, aquele olhar de querer aprender, se tem aquela vontade de experimentar, o olhar de agradecimento por um tênis e uma meia, ser professora de Educação Física requer a todo o momento o “reinventar” e esse processo é visceral, a arte de sentir (Estesia) é visceral e eu sinto e se faz sentir, faz sentido.

9. VAR (Video Assistant Referee) O que se espera de um/a técnico/a: o papel do/a professor/a de EF.

Ao discorrer primeiramente sobre as **Entrevistas Narrativas (EN)** foi possível identificar alguns pontos como: **as suas metodologias e as suas relações**, a questão dos **“uniformes que não cabem mais”** e, por último, as **Cartas Narrativas (CN)**. Nas **metodologias (técnica) públicas e metodologias (técnica) privadas**, que se evidenciaram nas suas falas, de maneiras distintas as professoras e o professor encontraram mecanismos para trabalhar nas instituições em que atuaram e atuam quase como camaleões, pois as professoras e o professor foram se adaptando e se reinventando a cada mudança de processo e é esse significado que o refrão da música acima convida a pensar. Estamos em constante evolução, em desenvolvimento, se encontrando e se desencontrando, a maneira que isso vai nos tocando e nos sensibilizando é o que realmente faz sentido.

Sobre as metodologias utilizadas pelas professoras e pelo professor em suas (EN), é possível dizer quase que ironicamente que nas instituições privadas existe o poder e não o querer e nas públicas se destaca o querer e não o poder. Quando destaco sobre essas condições, estou me referindo ao fato de, poder (ter o material, o espaço e a estrutura) e não querer (significa não disponibilizar que se façam atividades devido às crenças seculares das instituições que aqui relatadas na sua maioria são religiosas) e que permitem apenas aquilo que é de comum ao redor deles, ou seja, nada que desperte a curiosidade ou vontade de descobrir. Isso nas narrativas das professoras e do professor fica explícito a decepção ao entrar nessas instituições, pois quando nos formamos, temos uma fome, uma gana de querer explorar todas as possibilidades, no entanto, nossas asas são podadas, como relatou a professora Ceila, o professor Xadrez e a professora Flor.

Já nas instituições públicas existe o querer (querer fazer, querer descobrir, querer ensinar, querer atizar a curiosidade, querer experienciar, querer provocar etc.). No entanto, não é possível pelo motivo da estrutura, dos materiais, das condições que muitas vezes não são favoráveis que impedem que sejam executados dentro dos espaços escolares públicos. Isso não significa que nós professores não somos capazes. Entretanto, fica difícil quando a vontade vem só da nossa parte, o que quero dizer com isso. Que se torna cansativo a professora ou professor planejar um plano de aula e não ter o material para a execução e a professora ou professor construir o material, às vezes do seu próprio bolso, isso é satisfatório, porém quando se torna recorrente, desestimula o fazer. Outro ponto que podemos destacar é o fato de que as instituições responsáveis

pela educação não se preocupam, sabendo que há professores que irão “dar conta” deste ponto, que é responsabilidade deles. Aqui entra o jogo político que envolve a educação básica do país.

O querer e o poder e vice-versa se tornam uma balança muito cruel para o aprendiz, percebe-se, que as metodologias estão imbricadas nas relações aqui destacadas como públicas e privadas, ou seja, influenciam na maneira de interação com o meio e com as pessoas, de modo que o pertencimento sofra alterações, assim como explica Cousin (2010) ao destacar que:

que o pertencimento pode ser compreendido como uma crença ou ideia que une as pessoas e é expresso por símbolos e valores sociais, morais, estéticos, políticos, culturais, religiosos e ambientais dentre outros de um lugar. Ele possibilita compreender como os processos das relações sociais estão presentes em cada vivência, e como o local e o global se traduzem em experiências pessoais e coletivas. (p.94-95).

Esta citação corrobora com a questão dos **uniformes que não cabem mais**, de algum modo, eles representam para as participantes e o participante um pertencimento, a um lugar, a uma cultura, à afetividade, à vivência e também a experiência. De modo, que traduzem como diz a citação, experiências pessoais e coletivas, se sentir bem ou não em um determinado espaço, lugar pode interferir no modo de se relacionar com o meio em que está inserido. Imbricando de maneira direta nas relações aqui destacadas como públicas e privadas.

Já em suas **Cartas Narrativas**, pude observar que há uma preocupação com o futuro da EF, por parte da Simone de Beauvoir, da Alice e da Flor, principalmente em relação ao seu lugar no currículo, sua ocupação no espaço escolar, há também um olhar mais sensível por parte da Melica, um olhar estesiado para com a sua prática e o que ela representa. Há uma insegurança do professor Xadrez sobre os caminhos a percorrer, porém sem perder o seu destino. Também ficam evidentes as narrativas simbólicas, o corpo viajante, que permeia por inúmeras vivências e situações como narra a Ceila que são voltadas para o saber sensível, o olhar para o outro, este corpo que com o tempo vai percebendo o outro e como interagir com o outro. Sendo assim, o que se espera de uma professora ou de um professor de EF?

A autora Silvino (2017) evidencia potentes fatores que ajudam na construção deste indivíduo/professor que para auxiliar na construção de vínculos sociais “[...] na

escola não seria diferente, sendo ela um *lócus* de diversidade com pessoas, constituídas por diferentes arranjos familiares e diferentes processos educativos”. (p.14). Ademais, penso que seria também acreditar fielmente que podemos mudar realidades por meio da Educação, por meio dos Esportes, das Danças, dos Jogos, das Lutas, das Ginásticas e dos Esportes de Aventura, as atividades podem proporcionar essa mudança. Além disso, um olhar minimamente empático, humanizado para com o outro.

A autora Tozoni-Reis (2004), fala que, para pensarmos a educação é preciso refletirmos sobre o fato da mesma ser essencialmente humana e que o humano é o único ser que passa pelo processo educativo, sendo ele inacabado e, que inacabado, usa a natureza, transformando-a para suprir as necessidades de sua vida, diferentemente dos outros seres vivos, que usufrui da mesma apenas para sobreviver.

E sobre a questão do olhar sensível o professor Estévez (2003) vai nos dizer que:

é muito importante o papel do professor no desenvolvimento do processo educação estética na atividade docente, ainda que a EE a universalidade da sua ação eleva a um primeiro plano a sua importância como meio de formação cultural integral dos jovens. Outra coisa, o sensível é o simbólico (p.73).

Com um olhar voltado para uma educação baseada nos sentidos, nas percepções, nas emoções e acima de tudo, pensar numa educação afetiva, para além dos muros da escola, uma educação que busca pela conscientização acerca dos problemas que cercam a sociedade como um todo, partindo das salas de aula da graduação, com a conscientização e a partir desses futuros docentes, se estenderem aos educandos, que levarão para dentro de seus lares reflexões e provocações. As autoras Dolci e Molon (2018) defendem que “a Educação Estético-Ambiental é uma educação que se dá através das percepções, vivências, experiências, sensações e de maneira afetiva, atua na formação e emancipação das dimensões humana através do sensível”. (p. 69).

Nesse aspecto, a concepção de Educação Estético-Ambiental aqui defendida é aquela centrada no encontro sensível das relações, no respeito à diversidade de saberes e práticas, na mudança de comportamento, na indissociabilidade entre teoria-prática, na ação humana, no respeito, no cuidado com o outro e com o ambiente em todas as suas dimensões. Desse modo, a EF aliada a EEA, possibilita um novo olhar voltado para as práticas corporais, sendo assim, denomino a essa conexão com o seguinte conceito: “Educação Física Estético-Ambiental é um processo de desenvolvimento das dimensões

humanas por meio do olhar sensível, da corporeidade e da identidade motora da cultura corporal sendo um exercício de comunicação e também um ato político”. Este conceito adveio por meio das Cartas Narrativas, em que as professoras e o professor expuseram suas experiências e vivências mais íntimas, de modo que exaltou a questão do corpo e durante as narrativas de suas trajetórias, sendo o corpo este lugar que perpassa por sensações e vibrações.

10. A súmula da partida: as considerações finais...

Nesse ponto dentro das etapas de uma atividade esportiva, seja qual for, é nela que os juízes e juízas, árbitros e árbitras, jurados e juradas responsáveis por esta etapa colocam após o término da atividade tudo que aconteceu durante a sua execução, quase como uma ata do dia, sendo assim, faço minhas considerações deste modo.

Discorro nessa súmula meu problema de pesquisa que é sobre o que se revela nas metodologias pedagógicas das professoras e do professor de EF? Sendo assim, apresento o resultado encontrado nas análises e foi a partir dessas narrativas que emergiram duas categorias metodológicas pedagógicas que foram denominadas como **pública e privada** e, também, subcategorias denominadas como: **as relações públicas; as relações privadas; os nomes e apelidos; a escolha da profissão; os uniformes que não cabem mais e o jogo continua... As Cartas Narrativas**. Com isso, apresento os meus objetivos delineados e alcançados nesta pesquisa. O **objetivo geral** buscou compreender as metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras e pelo professor de EF nos ambientes onde atuam, e **os objetivos específicos** foram: (1) compreender como as professoras e o professor desenvolvem as suas ações docentes e quais as concepções acerca do Estético-Ambiental; (2) interpretar se existe a presença da EEA nas metodologias pedagógicas das professoras e do professor e (3) desvelar como se mostra a corporeidade, o sentimento de pertencimento, de empoderamento e afirmação dentro do ambiente nas metodologias das professoras e do professor.

A Pesquisa Narrativa aqui apresentada foi baseada nos conceitos de Clandinin;Connelly (2010) e Jovchelovitch; Bauer, (2010), ela foi desenvolvida por meio de dois métodos para a construção dos dados, o primeiro foi uma Entrevista Narrativa e o segundo foram as Cartas Narrativas direcionadas para os mesmos no

início da sua carreira docente, foram realizadas com as cinco professoras e o professor de EF, que são: duas professoras e um professor do Ensino Superior e as outras três professoras do Ensino Básico Municipal da cidade de Rio Grande/RS.

O método de análise escolhido foi Análise Narrativa por Shütze (2013) que delinea uma maneira bem didática de analisar os dados, primeiramente são cinco tópicos que constituem esta análise. Após a transcrição separa-se o material indexado do não indexado: o primeiro corresponde ao conteúdo racional, científico, concreto de quem faz o que, quando, onde e porque, ou seja, é ordenado (consequentemente é de ordem consensual, coletiva). O segundo, o material não indexado vai além dos acontecimentos e expressam valores, juízos, refere-se à sabedoria de vida e, portanto, é subjetivo. Na etapa seguinte, utilizando o conteúdo indexado, ordenam-se os acontecimentos para cada indivíduo o que é denominado de trajetórias. O próximo passo consiste em investigar as dimensões não indexadas do texto; em seguida, agrupam-se e comparam-se as trajetórias individuais. O último passo é comparar e estabelecer semelhanças existentes entre os casos individuais, permitindo assim a identificação de trajetórias coletivas. Além disso, depois de feita esta esquematização dos tópicos, a entrevista é dividida em três colunas, na primeira coluna colocamos a transcrição total e original, já na segunda coluna, faz-se uma redução do conteúdo (aqui entra a questão do sensível) e na terceira coluna, preenche-se com palavras-chave. Cabe ressaltar que nesta análise, entra a interpretação do que não foi dito, do que não foi comunicado verbalmente.

Diante disso elenco todas as categorias e subcategorias encontradas na análise. A primeira categoria foi a **metodologia pedagógica pública** e a segunda categoria foi **metodologia pedagógica privada** como já mencionado anteriormente. E como subcategorias encontradas trago: **os nomes e apelidos; a escolha da profissão; os uniformes que não cabem mais e o jogo continua... As Cartas Narrativas**. Devo ressaltar que trabalhar com as entrevistas narrativas, possibilitou um olhar mais sensível e reflexivo diante de tudo que já se passou durante esse tempo, os processos advindos de experiências que resultaram em suas histórias.

O desenvolvimento das análises possibilitou uma compreensão de como as professoras e o professor trabalham suas metodologias tanto no espaço público como no privado. Assim, nas suas metodologias públicas os professores se mostram preocupados com o aprender do aluno e aluna e como isso está sendo absorvido. Acredito ser

importante destacar que em suas narrativas as professoras e o professor de escola pública ou universidade pública tem uma função social, ou seja, estão mais ativos no sentido de agir socialmente naquele ambiente, com aqueles alunos e alunas. Da responsabilidade que ele ou elas tem do SER social. Esteticamente ele e elas estão mais apurados com esse olhar humanizado para aquelas crianças ou adultos das instituições públicas. Sobre as suas metodologias privadas, estão mais voltadas para um olhar de como se manter dentro da instituição isso não quer dizer que os alunos das escolas privadas não precisem, porém a sua condição social deles e delas muitas vezes possui um alicerce.

Entretanto, como toda regra há exceções. Isso não imbrica que nas instituições privadas não tenha a Educação Estético-Ambiental ou que não aconteça, o que se ocorre são os olhares diferentes entre o professor versus o aluno ou a aluna da instituição privada. Não é que falte esse senso de humanidade, porém em suas falas a escola pública requer muito mais desse olhar humanizador e social.

Sobre as subcategorias as “**relações públicas**” e as “**relações privadas**” que advém das suas metodologias utilizadas em suas aulas, elas estão imbricadas uma na outra. Elas se dispõem de maneira bem distintas, ou seja, em suas narrativas as relações nas instituições públicas se mostram mais calorosas e empáticas tanto pela parte dos alunos e alunas quanto pela parte dos professores. Em contrapartida, as relações privadas se mostram mais tímidas, mais ditadas e seguem uma forma de roteiro, ou seja, muitas vezes se mostram como um “negócio” onde a professora e o professor ficam aquém da disponibilidade dos alunos e alunas e até mesmo da instituição ou a comunidade que escola esta inserida. A subcategoria “**os nomes e apelidos que são dados a nós**” emergiu de modo muito simples e caloroso, quando perguntados como gostariam de ser chamados na pesquisa, de modo afetoso, escolheram nomes que fazem algum sentido e relevância para sua vida, mostram identificação de modo sensível, a afetividade que embasa a EEA, por isso entendi ser interessante colocar essa subcategoria. Pois, a partir dela podemos conhecer melhor as participantes e o participante. Dando continuidade as subcategorias, outra que surgiu foi “**a escolha da profissão**”, essas escolhas advém de questões familiares, questões de formação continuada, de pertencer e não pertencer a determinado espaço.

Ainda sobre as subcategorias, “**os uniformes que não cabem mais**”, ficou evidente nas entrelinhas da entrevista narrativa, de modo que quatro das seis pessoas

participantes elencaram essa analogia, de não se adaptarem a determinados espaços. Estamos sempre em processo de evolução e muitas vezes não cabemos mais em determinadas caixas. E sobre “**o jogo continua... As cartas narrativas**” Acredito que ao fazer esse exercício de rememoração de sua vida acadêmica, inúmeras sensações vieram à tona, trazendo mistos de sentimentos. Em suas cartas, há indícios de metodologias que poderiam ser diferentes, um olhar menos sisudo ou fechado. No ato de ensinar não existe o certo ou errado, assim como nas narrativas dessas professoras e do professor, o que existe são experiências diferentes, maneiras diferentes de enxergar a sua docência. Nelas, mostraram-se utopias, e isso de maneira nenhuma é ruim.

Em relação aos meus **objetivos específicos**, foi possível perceber que elas e ele estão encharcados de Educação Estético-Ambiental em suas metodologias, e em suas relações tanto públicas quanto privadas, preocupados com a questão do empoderamento de seus alunos quando se atentam ao tema de suas aulas, o que pode representar para eles e elas. Não posso esquecer também do empoderamento das próprias professoras e do professor ao se afirmarem dentro da sala de aula, essa atitude reflete também nos alunos e alunas, quanto ao pertencimento, quando uma professora se encarrega de junto com outros profissionais estabelecer um documento que favoreça a realidade dos seus alunos e alunas isso é afirmação dentro e fora do espaço. Enfim, com este estudo espero contribuir com a práxis de professores e estudantes com o intuito de buscar uma melhoria nas relações Estético-Ambientais nos diversos espaços em que estiverem atuando. Ele se torna um ponto de partida para futuros trabalhos acerca desta temática.

Sendo assim, sobre os objetivos deste trabalho, as professoras e o professor se mostram preocupados em corresponder às expectativas dos seus alunos e alunas. Elas e ele não sabem, mas em suas metodologias a Educação Estético-Ambiental se fazem presente, quando: se preocupam com a participação de todos e todas, se estão entendendo o que está sendo passado, se eles ou elas estão refletindo sobre determinada temática, quando se preocupa em levar o lanche para a sala de aula como forma de entusiasmar aqueles alunos que não possuem muitas vezes o que comer para participar de uma atividade, por favor, não entenda isso como uma forma de comprá-los. Não! Quando os alunos ficam furiosos com a sua ausência; ou quando em um determinado momento decide formalizar um documento orientador para que contemple os alunos e as alunas da sua região; quando enfrentam pais e mães que não entendem o porquê da Educação Física; ou ainda, quando os pais e mães ditam o que deve ser ensinado aos

seus filhos e filhas. É todo esse cuidado diante das circunstâncias que faz toda a diferença. É acreditar que sim, um jogo de xadrez pode ser uma atividade de estratégia e reflexão. É olhar para trás e perceber que faria tudo novamente sem hesitar.

Ao decorrer da escrita deste trabalho, percebo que existem lacunas a serem preenchidas sobre tal temática, pois como foi visto no capítulo seis o Placar entre EF escolar e Educação Estético-Ambiental o meu Estado da Arte, se evidenciou que as produções acadêmicas analisadas mostram uma ausência no diálogo entre as duas áreas do conhecimento citadas. Nos trabalhos analisados, os assuntos correspondem às temáticas que não contribuíram para o meu estudo, pois, não tratam acerca da formação do professor/a de EF no âmbito escolar com práticas Estético-Ambientais.

Com este estudo tive algumas limitações, posso apontar que a investigação examinou apenas o disponibilizado nas principais bases de dados de âmbito nacional, ou seja, posso encontrar estudos que escaparam da minha investigação. Em termos de pesquisas futuras, estudos semelhantes podem ser desenvolvidos consultando bases de dados no exterior. Sob este aspecto, considero importante revisar a literatura internacional e analisar como o termo Educação Física Escolar e Educação Estético-Ambiental vem sendo abordado, de modo que novos elementos sejam desvelados.

Desse modo os autores como: Dolci e Molon (2015; 2018); Estévez (2003; 2009;); Read (1986; 2001), me instigam/estimulam a pensar nos processos estéticos, éticos, sociais, políticos e ambientais que constituem cada ser humano, com um olhar voltado para uma educação baseada nos sentidos, nas percepções, nas emoções e acima de tudo, pensar numa educação afetiva, para além dos muros da escola. Uma educação que busca pela conscientização acerca dos problemas que cercam a sociedade como um todo, partindo das salas de aula da graduação, com a conscientização e a partir desses futuros docentes, se estender aos educandos, que levarão para dentro de seus lares reflexões e provocações.

Nesse sentido, acredito que a Educação Física Escolar é um espaço de discussão entre ela e a Educação Estético-Ambiental, por meio das metodologias utilizadas pelas/os professoras/es se tornando uma potente possibilidade para fortalecer a questão de pertencimento e empoderamento do indivíduo. Deixando evidente que a prática da Educação Física Escolar não se resume a atividades de rendimento, de competição, o

professor tem o papel muito importante dentro da sala de aula na formação destes indivíduos.

Para finalizar este trabalho não poderia faltar, a minha carta já que este trabalho é baseado também em Cartas e Narrativas e vou escrever para a Flaviana lá do fundamental, sim, é necessária essa narrativa/reflexão.

Olá Flaviana de 1992, tudo bem? Agora aqui quem fala é a Flaviana professora de 2022, e gostaria de conversar com você que começou a estudar desde os seus sete anos de idade. Eu tenho alguns apontamentos e reflexões para te fazer. Lembras do teu primeiro dia de aula na primeira série na Escola Bom Sucesso? Neste tempo não era obrigatório fazer o que chamavam de pré-escola, e sua mãe e pai nunca quiseram que o fizesse. Você teve uma professora, que tinha cabelos longos e ondulados, muito querida, atenciosa e dedicada, ela com certeza é uma pessoa/profissional que você gostaria de ser né Flaviana? Foi um ano bem divertido. Infelizmente na segunda série, tu tiveste que se mudar para uma cidade do litoral norte gaúcho, Imbé/Tramandaí, lembra quando entrastes na escola Tiradentes, as crianças ficavam te olhando e cochichando, tu não entendias o porquê? Os anos foram passando, os colegas eram os mesmos até a tua formatura no fundamental, tu sempre foste uma aluna estudiosa, sempre que possível com boas notas, menos em Educação Artística, estava sempre na média, adorava esportes e isso fez com que se tornasse uma atleta que representava a escola, lembra disso? O professor de EF que te deu aula desde a segunda série? Que chamava os alunos e alunas de monstrinhos e por incrível que pareça era a maneira carinhosa dele se expressar e se aproximar.

Isso nunca te incomodou né? Deixa eu te contar que tu vai usar algo parecido com isso em tuas aulas, e os alunos vão receber da mesma forma que tu recebeste quando foi contigo, na brincadeira. Vai ser aluna de uma professora de português que tinha apenas um braço e ela vai te encantar com as suas histórias e suas leituras, que sempre terá uma palavra agradável para te dizer. Outra professora que tu encontrarás será a de matemática, que todos e todas as chamam de General pela sua postura, porém tu terás uma relação muito positiva com ela. Infelizmente Flaviana, aparecerá professores que irão te testar como o professor de geografia, ele fará umas piadas que na sua época serão consideradas “brincadeira” sobre a sua pele e o seu cabelo. Você não vai conseguir esquecer. A turma toda rindo e você vai tentar interpretar a piada... Você não vai conseguir esquecer a professora de história que faz aniversário no mesmo dia

que você, e que no dia 13 de maio de 1999, sim dia da ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA ela perguntará: *quem sabe que dia é hoje?* E ninguém vai responder, e vai ser nessa hora que ela vai olhar para ti, pois como vai perceber que serás sempre a única aluna negra da tua turma e terás apenas mais um colega negro e ela dirá com toda a arrogância dela e o seu ar de superioridade *vocês dois deveriam saber que dia é hoje.* Lembra o quanto foi desconfortável para ti e para o Darlan? Que toda a turma ficou rindo e apontando para nós, principalmente depois que a professora falou do que se tratava? Os colegas dizendo que *como que vocês não sabem se é o dia de vocês?* Tu vai querer se esconder em um buraco tão fundo, mais tão fundo e não vai entender porque o colega Dadá como é chamado somente vai rir constrangido, e você vai se perguntar por quê?

Então, logo depois de 1999, no ano de 2000, você chegará ao Ensino Médio na escola Nove de Maio, o que tenho para te dizer é que vamos aproveitar muito essa época, Como nem tudo será conto de fadas, não para nós duas, você vai se deparar com a temível disciplina de Física e de Química, no qual o professor é um carrasco e debochado, você não vai se adaptar ao modo que ele ensina, pois ele vai dar atenção aos alunos que vão bem na disciplina dele e infelizmente você não será uma delas. Você terá medo do seu professor e a sua relação com ele será tensa o tempo todo, isso não vai te impedir de passar nas provas mesmo que com as “calças na mão”, só conseguirá esse feito porque você Flaviana vai fazer parte de um grupo de estudos de Física e Química. Você vai ter a oportunidade de ser aluna de um professor divertido, descolado e atencioso da disciplina de biologia, e você vai perceber que mesmo quando o aluno ou aluna não sabem ou não entendem ele dará atenção e aula de reforço. Entenderás sobre os genes recessivos e dominantes feitas por meio das tabelinhas coloridas. Novamente você se deparará com um professor de Educação Física, será a gentileza em pessoa, um pouco desatualizado eu acho, com um carisma sem igual, porém ele vai ser um daqueles profissionais que largará a bola no pátio, e te convidará a participar das atividades campeonatos e interséries do município. Ele sempre vai te enxergar, me refiro a representação da escola em campeonatos de vôlei principalmente, coisa que você vai adorar participar.

Passados longos anos Flaviana, chegamos à graduação, depois de um tempinho e vamos nos encontrar com professores de todos os tipos, aquele que não está nem ai se estamos aprendendo ou não, aquele que dirá que aos trinta anos já era doutor e não sabe por que estamos ali Flaviana, terá também aquela que achará que todos têm condições

de locomoção para os estágios, isso vai ser bem puxado, pois ainda não dirigimos. Terá aqueles que te surpreenderão com uma carona, com um bombom, um mate no início da noite ou até mesmo com o nosso medo de virar cambalhota, lembra? A professora vai te olhar nos olhos e dizer “*eu não vou te soltar, pode confiar em mim*”. Tu simplesmente fechará os olhos e fará o rolamento. Aquele e aquela que com todo cuidado irá te responder uma pergunta. Aquela que diz que para trabalhar em um determinado lugar não é para qualquer um, neste caso não era para mim, mas a gente sabe que se dependesse da regra não estaríamos aqui não é mesmo Flaviana de 92, 99 e 2000? Você vai se deparar com um professor que no momento mais importante dentro da graduação irá fazer você lembrar do seu professor de Geografia, porém com toques de crueldade muito mais latentes, estou me referindo Flaviana a sua defesa de TCC, seu professor irá olhar para você e dirá “*não sei se é sorte ou azar eu ter pego o teu trabalho*”. E ainda vai completar “*não precisa me responder nada, não quero ouvir*”. Sim, Flaviana, isso vai acontecer e sabe o que mais, esse trauma, essas palavras e gestos vão te amedrontar na sua defesa do seu TCC da Especialização em Educação Física Escolar que você fará e nela encontrará profissionais que farão você refletir sobre o que é ser professora, encontrará uma professora que vai discriminar alunos e alunas que são de faculdades privadas, quando você for fazer uma pergunta para essa profissional ela vai te perguntar “*de qual universidade tu és mesmo?*” E você vai responder “*FURG*”, ela com um alívio estampado no rosto vai dizer “*ainda bem*”, por outro lado, terá encontros com professores e professoras que irão te encorajar a fazer o que pretendes, que irão olhar para você em uma aula normal e dizer aquilo que você precisará ouvir. Com certeza no seu mestrado em EA, encontrará pessoas que farão você se perguntar *por que eu estou aqui?* Sim, vão fazer, vai ter um momento em que irá te perguntar qual a tua linha de pesquisa e qual o teu problema de pesquisa, quando você responder o professor irá dizer, “*nossa, boa sorte*”, com o tom mais alto do sarcasmo. Em contrapartida na sua primeira semana de aula no mestrado, você vai encontrar uma professora que NUNCA, eu repito, NUNCA passamos por ninguém assim, ela será a nossa representação, o que almejamos e uma semana será pouco, você achará isso, ah você vai chorar na frente dela e ela vai entender o porquê desse choro não se preocupe, por que esse choro é diferente dos outros Flaviana de 92, 99 e 2200, são completamente diferentes. Vai para a sua defesa com o friozinho da barriga igual ao daquela noite, sua defesa de Dissertação do mestrado que é de onde eu estou falando agora Flaviana seu medo está pulsante, porém ao seu lado vai estar uma profissional que emana sensibilidade e empatia.

Deve estar se perguntando, nossa, mas porque você Flaviana professora de 2022 está descrevendo sobre os seus professores e professoras do passado? E eu responderei, vão ser todos/as esses professores e professoras que irão nos constituir como pessoa e profissional Flaviana de 92, 99 e 2000, serão eles que irão guiar e nos permitir fazer reflexões sobre o nosso fazer pedagógico, serão eles e elas que irão fazer parte da nossa colcha de retalho para compor as nossas metodologias.

Devemos agradecer a cada um deles/as, pelos seus comportamentos positivos ou negativos ou como diz minha orientadora favorável ou desfavorável, porque assim. Mostraram, mostram e mostrarão qual a professora que queremos ser, qual o caminho que queremos seguir.

Agradeço pelas piadas, pelas palavras pesadas e grosseiras, pois com certeza essa não é a profissional que quero ser. Agradeço pelo tempo dedicado a me ouvir, assim, vou querer ouvir o meu aluno e aluna, vou querer mostrar que sim estou aqui ouvindo vocês, acreditando em vocês. Obrigada aos profissionais que mostraram o que é ser professor e professora, me constituem como pessoa e profissional. Afinal, são essas relações que nos constituem, agradeço imensamente quando para dar aula e me aproximar dos alunos fui ouvir hip hop, fui ouvir um funk, fui confeccionar uniformes, fui atrás de alimentação para o MEU time de futsal e fui atrás de tênis para que meus alunos pudessem jogar, fui atrás de tecido para confeccionar figurinos para as apresentações de dança.

Sabe Flaviana, nós só temos que agradecer por fazerem parte do nosso fazer docente, da nossa metodologia e das nossas relações. Ser professora está além da sala de aula, e como diria Paulo Freire “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar”.

REFERÊNCIAS.

ARANDT, Hannah. **Sobre a Violência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 p. 36.

BERTH, Joice. **Empoderamento: Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro. Pólen, 2019. P. 21-70.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em. Acesso em 11/05/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 03: Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em

Dança e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 11, 12 mar. 2004a.

BRASILEIRO, Livia Tenório. **Dança: sentido estético em discussão**. Revista Movimento Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 189-203, jan/mar de 2012.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Empowerment. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/empowerment>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CARVALHO, Isabel. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Docência em formação).

CATALÃO, Vera Margarida Lessa. **A redescoberta do pertencimento à natureza por uma cultura da corporeidade**. NUPEAT–IESA–UFG, v.1, n.2, jul./dez./2011, p.74 – 81, Artigo 12.

CLANDININ D.Jean, Connelly F.Michel. Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research. [**Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa, trans.** Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEU/UFU]. Uberlândia: EDUFU; 2011.

COLETIVO DE AUTORES (SOARES *et al.*) Metodologia do Ensino de Educação Física: .ed Cortez. 1992, p. 62.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Corporeidade e lugar: elos da produção da existência**. Qual o espaço do lugar? 1 ed. São Paulo, 2012 p. 249-281.

DEL VECCHIO, F. B.; GONÇALVES, A. A promoção à saúde constrói a vigilância em saúde: contribuições para a educação física. **Conexões**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 59–71, 2008. DOI: 10.20396/conex.v5i2.8637879. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637879>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DOLCI, Luciana Netto. **A influência do teatro no desenvolvimento do aluno**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Orientador: Prof. Dr. Pergentino Stefano Pivatto. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, PUCRS, 2003, p. 86.

DOLCI, Luciana Netto. MOLON, Susana Inês. **Educação Estético-ambiental: o que revelam as dissertações e teses defendidas no Brasil** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 785-806, abr./jun. 2018.

DOMINGUES, Soraya Corrêa; KUNZ, Elenor; ARAÚJO, Lísia Costa Gonçalves de. **Educação ambiental e Educação Física: possibilidades para a formação de professores**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte vol.33 no. 3 Porto Alegre July/Sept. 201.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 26 de dez.2021.

ECHEVERRI, Ana Patrícia Noguera de. **Educação estético-ambiental e fenomenologia. Problemas filosóficos da educação estético-ambiental na modernidade.** 1997. 329f. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, 1997.

ESTÉVEZ, Pablo René. **A Educação Estética: experiências da escola cubana.** São Leopoldo. Nova Harmonia, 2003, p.40.

FREITAS, Diana Salomão de; BRIZOLLA, Francéli; MELLO, Elena Maria Billig; OLIVEIRA, Nara Rosane Machado de. **Experiências didático-pedagógicas com educação estético-ambiental na formação acadêmico-profissional.** Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. ISBN 978-65-87199-13-9

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** 31ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 17ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, PAULO. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Laísa; FIGUEIREDO, João; GUIMARÃES, Mauro. **O papel dos professores/ educadores ambientais e seus espaços de formação.** Qual é a Educação Ambiental que nos emancipa? Pesquisa em Educação Ambiental, vol.11, n.2, 2016 p. 117-125.

GADOTTI, M. **Pedagogia da terra.** São Paulo: Petrópolis, 2000.

GRÜN, Mauro. **Importância dos lugares na Educação Ambiental.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. v. especial, dezembro de 2008, p. 09-14.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Tradução Maria C.F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990, p. 33.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais.** São Paulo: Papyrus, 2004.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo (parte I). Petrópolis: Vozes, 1995.

KELLER, Elize Franco; MASSETO, Marcos Tarciso. **Currículo por projetos no ensino superior: desdobramentos para a inovação e qualidade na docência.** Revista Triângulo, v. 5, n. 2, p. 3-21, 2012. Disponível em Acesso em: 28 de nov. 2020.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Lugar enquanto circunstancialidade.** Qual o espaço do lugar? 1 ed. São Paulo, 2012, p. 230.

MELLO, João Batista Ferreira de. **O triunfo do lugar sobre o espaço.** Qual o espaço do lugar? 1 ed. São Paulo, 2012, p.33-67.

MERRIAM-WEBSTER DICTIONARY. Empowerment. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/thesaurus/empowerment>. Acesso em: 21 nov. 2020.

OLIVEIRA, Livia de. **O sentido do lugar**. Qual o espaço do lugar? 1 ed. São Paulo, 2012, p. 03-17.

PELOZO, Rita de Cassia Borguetti. **Prática de ensino e estágio supervisionado enquanto mediação entre ensino**, pesquisa e extensão. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia. Garça – SP, v.5, n. 10, 2007. Disponível em: 9530 http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/ap_ratestagiosuperv.pdf Acessado em: 07 de abril de 2022.

PICCOLO, Vilma L. Nista. **Educação física escolar: ser___ ou não ter?**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p.13.

Prefeitura Municipal do Rio Grande. Secretaria de município da educação. **Documento orientador curricular do território riograndino** : ensino fundamental [Recurso Eletrônico] / Felipe Alonso dos Santos (org) [et al] . Il. capa por Michelle Coelho Salort – Rio Grande: SMED, 2019.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Revista Super Interessante em: <https://super.abril.com.br/historia/nome/<10> de novembro de 2021>.

RODRIGUES, L.; BRACHT, V. **As culturas da educação física**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, setembro 2010. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2020.

SÁ, Laís Mourão. **Pertencimento**. Encontro e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores. (org.) Luís Antônio Ferraro Jr. 2005, p.245-257.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. **O papel da família e dos pares na escolha profissional**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. : Observatório Social de América Latina. Ano 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO. 2005, p.256-260.

SANTOS, Milton. **O mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade**. Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal. 2008, p. 9-11.
_____. **Horizontalidades e verticalidades**. Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal. 2008p. 51-55.
_____. **Esquizofrenia do espaço**. Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal. 2008, p.55-57.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 23 out.2020.

SILVA, Josineide Ribeiro da. **Educação Estético-Ambiental: a literatura de cordel como prática docente no curso PROCORDEL** / Josineide Ribeiro da Silva. – 2020. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande/RS, 2020.

SILVINO, Flaviana Custódio. **“Quando os portões gritam”: discutindo violência das aulas de educação física na escola ao cotidiano de mulheres**. REVISTA DIDÁTICA SISTÊMICA. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, v. 20, n. 1, 2018

TORRES, Juliana Rezende; **Abordagem temática freireana: uma concepção curricular para a efetivação de atributos da educação ambiental escolar**. Revista e-Curriculum, São Paulo, n.12 v.02 maio/out. 2010.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Convite à estética**. Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

VEIGA, ILMA PASSOS A. **Lições de Didática**. Ed. Papirus, 2006.

VYGOSTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo. Ática, 1986.

WEIL, Pierre. **O corpo fala**. Editora vozes. Petrópolis. 74º ed. 1973.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TECLE)

Meu nome é Flaviana Custódio Silvino, sou aluna do curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, e estou realizando esta pesquisa Se faz sentir, faz sentir: narrativas de uma Educação Física Estético-Ambiental, sob orientação do (a) professor (a) Dr (a) Luciana Netto Dolci. Após realizar o processo de consentimento, gostaria de convidar você para participar do estudo, respondendo a uma entrevista que será gravada, para que nenhum detalhe importante seja perdido. Os dados coletados serão usados somente nesta pesquisa, que possui o(s) objetivo(s) é compreender as metodologias pedagógicas desenvolvidas pelas professoras e pelo professor de Educação Física escolar nos ambientes em que atuam. Os riscos dessa pesquisa são mínimos, como o desconforto emocional, frente a estes riscos o pesquisador se compromete em garantir para você a assistência imediata, integral e gratuita. Sua participação é livre de despesas pessoais e compensação financeira, se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Você tem o direito de se manter informado sobre os resultados parciais e finais, os quais serão publicados em eventos e periódicos científicos, mantendo-se o anonimato de sua identidade. É garantida a liberdade de retirada do consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você, para tanto entre em contato comigo endereço: Rua Marlene Teresinha de La Rocha Arruda, 469.e-mail: flaviana_silvino@hotmail.com, telefone: (53)981265758 ou ainda pelo CEP-FURG endereço: segundo andar do prédio das pró-reitorias, carreiros, avenida Itália, Km 8, bairro carreiros, Rio Grande-RS, e-mail: cep@furg.br, telefone: (53) 3237-3013. O CEP/FURG é um comitê responsável pela análise e aprovação ética de todas as pesquisas desenvolvidas com seres humanos, assegurando o respeito pela identidade, integridade, dignidade, prática da solidariedade e justiça social. Você receberá uma via deste termo e a outra ficará com o (a) pesquisador (a). Você aceita participar? Eu aceito participar desta pesquisa.

Assinatura da/o participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Nome completo: _____

Idade: _____ sexo: () masculino () feminino () outro

Formação completa: _____

Atuação Profissional: _____

Onde nasceu e viveu: _____

Como vocês gostariam de ser chamados/as na pesquisa? _____